

LÁGRIMA DE PRETA

Encontrei uma preta
que estava a chorar,
pedi-lhe uma lágrima
para a analisar.

Recolhi a lágrima
com todo o cuidado
num tubo de ensaio
bem esterilizado.

Olhei-a de um lado,
do outro e de frente:
tinha um ar de gota
muito transparente.

Mandei vir os ácidos,
as bases e os sais,
as drogas usadas
em casos que tais.

Ensaiei a frio,
experimentei ao lume,
de todas as vezes
deu-me o que é costume:

Nem sinais de negro,
nem vestígios de ódio.
Água (quase tudo)
e cloreto de sódio.

António Gedeão

ÍNDICE

NOTAS de ABERTURA -----	3
CAPÍTULO 1	
A Diversidade na Arte -----	11
CAPÍTULO 2	
A Diversidade na Ciência -----	45
CAPÍTULO 3	
A Diversidade Cultural -----	67

FICHA TÉCNICA

Edição e Propriedade

Agrupamento de Escolas Sá de Miranda

Direção

Antonieta Silva

CoordenaçãoCândida Batista; Carlos Roncon; Cristina Alcoforado;
Elisa Carvalho; Fernanda Carvalho; Idalina Teixeira;
Susana Leite.**Conceção e direção gráfica**

Luís Cristóvam

Capa

Alberto Pêssimo, 2018

Tiragem

500 exemplares

Execução Gráfica

Diário do Minho

Data

Maio de 2018

ISSN

2183-5225

Depósito legal

441417/18

Patrocínio

N.B.: Alguns dos artigos da Revista são escritos não obedecendo ao Novo Acordo Ortográfico por vontade expressa dos autores.

Publica-se hoje o quarto número da *Trajétórias*, revista do Agrupamento de Escolas Sá de Miranda. Esta revista foi criada com o intuito de fomentar na comunidade educativa a reflexão e a produção de trabalhos em torno de um tema específico, diferente de ano para ano. Nela são convidados a participar alunos de todos os níveis e ciclos de ensino, professores e outros convidados da nossa comunidade educativa.

O tema da *Trajétórias* deste ano é DIVERSIDADES. Tema abrangente e mais do que atual, que convoca à reflexão sobre o mundo em que vivemos.

Pelos efeitos do desenvolvimento tecnológico e da globalização, são múltiplas as origens das pessoas que connosco diariamente interagem. Passamos a coexistir com a diversidade étnica, religiosa, cultural, linguística, ... Nada a opor a isso, não fosse a intolerância e a intransigência que está muitas vezes associada a essa justaposição de culturas.

A diversidade também nos foi dada pela mãe natureza. Quanta beleza não lhe está associada! Desde praias idílicas, a florestas verdejantes com uma panóplia incontável de espécies animais e vegetais, aos extensos

desertos das zonas áridas tropicais, às montanhas e planícies cobertas por um manto espesso de neve, nas zonas onde o inverno prima por ser rigoroso. E quantos recursos não dispõe, necessários para a sobrevivência do ser humano! Preservar e cuidar de todo este belíssimo e, se quisermos, inesgotável património diz respeito a todos e deve-nos envolver numa reflexão profunda sobre a forma como o usamos, porque não há só o caminho do desperdício e da abundância para termos o conforto que merecemos.

Sobre estes e muitos outros temas em que a diversidade impera se construiu esta revista, recorrendo-se à diversidade de estilos de escrita. Porque também diversos são os recursos de que dispomos para expressar e transmitir emoções e sentimentos, texto, poesia, música, pintura, ...

Uma palavra de agradecimento a todos os que aceitaram o desafio de produzir os textos que aqui se reproduzem. Uma palavra de reconhecimento especial ao trabalho desenvolvido pela equipa que ano a ano tem abraçado este projeto e que disponibiliza muito do seu tempo individual para a produção da revista *Trajétórias* do Agrupamento de Escolas Sá de Miranda.

NOTA DE ABERTURA

Antonieta Silva *

* Diretora do Agrupamento de Escolas Sá de Miranda

NOTA DE ABERTURA

A Equipa Coordenadora

A Equipa

Reuniu.

Conversou.

Partilhou.

Cooperou.

Ouviu.

E, por fim,

Deliberou que o subtítulo da Revista seria
- *Diversidades*.

Vamos tentar comunicar-vos o que nos moveu e motivou na escolha deste tema. Pretendemos que a nossa Escola seja:

- Um lugar que respeita a complexidade e a diversidade;
- Um lugar solidário, agregador e incutidor de tolerâncias;
- Um lugar de compreensão, entendimento, saber e curiosidades;
- Um lugar inclusor a todas as pessoas na sua singularidade e pluralidade;
- Um lugar de formação e sustentação de cidadãos tolerantes, críticos, ativos, proativos e interativos.

Assim, a Escola conseguirá ser a guardiã do conhecimento e da diversidade cultural, a espalhadora de informação que rumo ao conhecimento para todas as pessoas de todas as idades, promovendo o conhecimento e inspirando a aprendizagem ao longo da vida, fomentando e apoiando a diversidade. Sem este carácter pedagógico, social e de solidariedade não estará completa a verdadeira missão da Escola.

Propaguemos a informação, o conheci-

mento para termos cidadãos plenamente livres, questionadores, críticos, solidários, tolerantes, sonhadores e pensadores. Procuremos, todos os dias, desenvolver uma Escola para pessoas e com pessoas, direcionada, não apenas para o indivíduo, mas essencialmente para a personalidade (persona - pessoa). Piaget (1990) esclarece-nos o que é o desenvolvimento da personalidade, fazendo a distinção entre indivíduo e pessoa. «O indivíduo é o eu centrado sobre si mesmo e obstaculizando, por meio desse egocentrismo moral ou intelectual, as relações de reciprocidade inerentes a toda a vida social evoluída. A pessoa, pelo contrário, é o indivíduo que aceita espontaneamente uma disciplina ou contribui para o estabelecimento da mesma, e dessa forma se submete voluntariamente a um sistema de normas recíprocas, que subordinam a sua liberdade ao respeito de cada um.» e concluí dizendo «A personalidade é, assim uma certa forma de consciência intelectual e de consciência moral, igualmente distanciada da anomia peculiar ao egocentrismo e da heteronomia das pressões exteriores, porque ela realiza a sua autonomia adaptando-se à reciprocidade».

Procuremos, encontremos, propaguemos

o saber, de nós para nós, de nós para os outros, dos outros para nós, de uma forma profissional, pessoal, humanizadora e humanizante – este é o caminho... Aspiremos chegar ao ponto mais alto do Himalaia do conhecimento e da tolerância.



Diversidades

José Teixeira *

Existe um consenso unânime sobre a importância da diversidade: nas opiniões, na religião, nas línguas, nas raças, na inovação, na política, nos géneros, nas culturas e nas artes. Contudo, a abordagem e defesa deste consenso ainda é feita, essencialmente, do lado da defesa da pluralidade e dos direitos e menos da vantagem social, económica e da sustentabilidade.

A diversidade está na origem do aumento do valor económico e social das empresas, das cidades e dos países. É nesta dimensão que a defesa da diversidade deve ser firmada. Do lado da defesa que corresponde a uma ação reativa, a diversidade não terá ganhos imediatos. Existe uma espécie de fadiga quando assumimos a argumentação das igualdades pelo lado da reação e da reivindicação. O trabalho que se aconselha e a abordagem que se propõe é a do ganho social e económico.

A oportunidade desta abordagem é imensa nas escolas, nas empresas, nas cidades ou nos países e na construção do seu programa inclusivo. Juntar numa escola ou numa sala de aula os melhores alunos e noutra os alunos de mais fraco

desempenho, é a mesma coisa que juntar numa cidade um bairro para etnias estigmatizadas e do outro lado cidadãos de origens sociais favorecidas. Os melhores alunos são melhores se existirem alunos que são melhores do que eles numa determinada área.

A pluralidade é uma vantagem que funciona por opostos e pela dialética. À miséria não deve ser acrescentada miséria, mas hipóteses de outras soluções de confrontação e comparação. Juntar bons aos bons, reduz a competitividade relativa, por existir uma incapacidade de ler sinais que só serão lidos a partir de outras vivências e de outras culturas. Vivemos num espaço híper conectado e desprezar a “sabedoria das multidões” diversas é um erro histórico e social, que gerará encargos e que reduz valor económico e social. Se, por um lado, temos acesso a informação aberta e sem restrições, por outro, é um absurdo fazermos uma seleção forçada, colocando cidadãos de origens iguais, com cidadãos da mesma origem social, económica, política ou religiosa.

A escola, a cidade, os países e as empresas, são feitas de imensas tribos, que num processo homeostático devem viver

* Presidente da dstgroup

juntas. A criação de mecanismos de pretensa proteção, forçosamente artificiais para criar elites, gerará, por confronto, o nascimento de oposições também elas artificiais e forçadas, que defenderão territórios de confrontação negativa. Territórios cegos, onde as naturezas primárias de defesa das posições relativas terminarão num tipo de cegueira branca. Na realidade, o mundo está avariado e os mecânicos plurais escasseiam porque lhes faltam saberes múltiplos e homeostáticos.

Os equilíbrios são uma condição de sobrevivência das economias que assentam nas oposições. Contudo, temos, pelo contrário, feito opções de correção iatrogénicas. Curamos com doses que matam. Curamos franjas das populações desfavorecidas com curas aparentes e que geram revoltas tão primárias como as medidas de insensatas curas.

Vivemos num tempo de acelerações induzidas, por mecanismos que pensamos serem coletivos, mas que são, na realidade, mecanismos de centrifugação e de segregação, desprezando valor social e, por essa via, valor económico. Se é verdade que consentimos que existe uma

espécie de fim da economia tradicional, onde os modelos que apoiam a decisão não incorporavam o medo, a confiança, o prazer e a felicidade, ao mesmo tempo não ouvindo os sentimentos e as emoções, continuamos a agir como se a diversidade não estivesse na origem dos “mercados”. Os mercados são a pluralidade das solicitações que têm origem numa imensa diversidade anónima, mas que geram padrões que só a força equilibrada da natureza vencerá.

Mas os homens insistem em contrariar a biologia das coisas da natureza, aspirando a vencer um confronto do tipo mito de Sísifo. Os homens do poder são na sua maioria iletrados de diversidade. O poder é um exercício que é resultado das sensibilidades das massas e não da percepção de uma única tribo de elite.

Temos um mundo rápido e curto por via da facilidade da tecnologia e, ao mesmo tempo, estamos a gerar cortes sociais irreparáveis, pelas soluções de segmentação que tomamos, que os novos líderes de curta formação tomam, no que toca ao diverso e às oposições e, por isso, pagamos um preço de reparação que

funciona em looping em direção ao caos.

As empresas que não ouvem a pluralidade, que não escutam a opinião do maior número de trabalhadores, nunca serão empresas competitivas. Assim como a escola que não ouve os seus alunos e o conjunto dos seus professores, falhará na produção do conhecimento, gerando um saber limitado que será um fraco poder.

As cidades que não programam a urbe para a convivência da diferença, terão um tipo de relação apenas parental e consanguínea. Morrerão, a breve tempo, de doença, de falta de diversidade, ou pelo menos não serão cidades cosmopolitas com capacidade de atrair e fixar talento. Por essa via, serão cidades autofágicas que jamais atrairão investimento e que nunca serão competitivas. Ao mesmo tempo que a cidade deve ser plural, deve ter uma governança inclusiva e, até, promover as oposições.

O poder não é uma graça de Deus. O poder é um exercício de agregação e de inclusão. Os líderes que ficam grávidos de poder por uma suposta ação sobrenatural e de escolha do céu, ficam inebriados numa espécie de alucinação coletiva e

assim alienados, ouvem apenas os seus que, por sua vez, consentem tudo. Sem um ‘não’, não existe um ‘sim’, nem uma decisão inteligente. Existe uma decisão de manada, em direção a um enorme precipício, onde o vácuo será a única pluralidade da matéria.

As cidades devem promover no seu design a vizinhança do produto de outros de nós e devem ser multissensoriais. No programa de reconstrução de afetos plurais, os governantes das cidades têm uma responsabilidade biológica e ecológica, no sentido de a urbe gerar mecanismos de aperfeiçoamento e de autorreparação, ligando-se a diferentes sensibilidades, em permanente aperfeiçoamento.

A cultura, as humanidades, as artes e as literacias da beleza, terão um papel central na construção da diversidade, pois são as ferramentas que melhor conciliam as assimetrias e esbatem os limites.

As escolas devem ter uma autonomia que lhes permita aplicar medidas sentidas junto dos seus alunos, mas são necessárias políticas públicas que não segreguem, face a qualquer tipo de iniciativa centrífuga.

A diversidade é uma enorme vantagem económica e, por isso, deve ser objeto de um outro tipo de defesa que contrarie a atual, na realidade muito defensiva e redutora.

A detailed section of a Renaissance painting depicting the Adoration of the Kings. The scene is set in a rustic stable. On the left, a king in a red and green robe kneels, offering a golden gift. Next to him, another king in ornate, patterned attire stands, holding a staff. In the center, a third king kneels, presenting a gift to the infant Jesus. The Virgin Mary, dressed in a dark blue mantle, holds the child. A donkey is visible in the background. The lighting is dramatic, highlighting the figures against a dark background.

A DIVERSIDADE NA ARTE

Vasco Fernandes, *A Adoração dos Reis Magos*, c. 1501-06 (pormenor)

Joseph Kosuth, One and Three Chairs (1965)



Arthur Danto e o “fim da arte”

António José Cruz Mendes *

Podemos ler a história da arte ocidental, pelo menos até aos meados do século XX, como a história de uma sucessão de estilos artísticos. Assim, no século XVI, o Gótico deu lugar ao Renascimento e ao Maneirismo, no século XVII, afirmou-se o Barroco e o Rococó, no século XIX, o Neoclassicismo, o Romantismo e o Realismo e, no século XX, o impressionismo e, depois, em rápida sucessão, as chamadas vanguardas artísticas: o fauvismo, o expressionismo, o cubismo, o futurismo, o neoplasticismo, o suprematismo...

Os historiadores e teóricos da arte procuraram sempre encontrar o princípio, a razão lógica, que explica esta evolução.

Consideremos, agora o nosso tempo: observamos a coexistência de uma imensa diversidade de possibilidades artísticas sem que nos seja possível perceber uma linha evolutiva.

A ideia de que, actualmente, em arte, anything goes contradiz fortemente a hipótese de uma história da arte entendida como um processo direccionado. O dilema que se nos depara apresenta-se, então, desta maneira: ou essa concepção

* Professor de História da Arte

da história da arte é, de raiz, inválida e a história da arte nunca foi um processo evolutivo obediente a uma determinada lógica; ou essa concepção, tendo sido válida em épocas anteriores, deixou de ser operativa nos nossos dias porque a história da arte, como processo evolutivo, alcançou já o seu objectivo final. É essa a tese do filósofo americano Arthur Danto (1924-2013) que tentarei resumir brevemente neste texto.

Uma concepção direccional e finalista da história da arte resulta da aceitação de um modelo teórico que funciona, simultaneamente, como matriz interpretativa e como factor condicionante da produção artística. Assim, o valor atribuído por Vasari à obra de Miguel Ângelo deve ser entendido no quadro de uma concepção da história da pintura como uma caminhada no sentido de uma imitação cada vez mais fiel da realidade observada. Da mesma forma, a valorização da obra de Pollock por Clemente Greenberg implica uma ideia da história da pintura como um processo de evidenciação da sua própria essência. Nem as obras de Miguel Ângelo, nem as de Pollock poderiam ter surgido fora do contexto onde nasceram, sob pena de serem consideradas não-artísticas. O tecto da Capela Sistina, pintado, nos meados do século XX, seria tido como mera decoração académica; a Catedral, de Pollock, apresentada no século XVI, seria considerada, na melhor das hipóteses, uma brincadeira de mau gosto.

Porém, nos nossos dias, todos os “estilos” parecem conviver em pé de igualdade. É perfeitamente possível imaginar não só dois artistas que produzam quadros “à maneira” de Miguel Ângelo ou de Pollock, como inclusive a possibilidade do mesmo artista visitar as obras daqueles pintores em diferentes quadros ou, até, de as citar no mesmo trabalho.

Poder-se-á argumentar que o pluralismo artístico sempre existiu. Desde que Kandinsky pintou a sua primeira aguarela abstracta em 1910, coexistiram o realismo e a abstracção. Contudo, para Danto, o pluralismo actual distingue-se de outras situações onde rivalizavam diferentes obras artísticas, na medida em que a sua recepção crítica indicia a aceitação de diferentes estilos como propostas equivalentes, no sentido em que todos são igualmente valorizáveis. Aliás, o próprio conceito de “estilo”, enquanto conjunto coerente de soluções formais identificadoras da obra de um artista ou de uma corrente artística, deixou de fazer sentido a partir do momento em que tais opções passaram a fazer parte de um catálogo de recursos livremente elegíveis ou descartáveis em função de simples critérios de eficácia comunicacional.

Nega-se, portanto, a possibilidade de afirmação hegemónica de uma determinada corrente artística sobre as demais e o princípio de que só nas obras produzidas no quadro dessa tendência se encontra “a verdadeira arte”, sendo tudo o

mais que for produzido no mesmo tempo, obras menores, exemplos de processos anacrónicos.

Aquilo que o pluralismo contemporâneo questiona é, portanto, a lógica das vanguardas modernas, entendidas como um processo de crítica e superação que implica que a afirmação de cada nova corrente artística se faça obrigatoriamente sobre a contestação das correntes artísticas que a precederam.

Como chegamos a esta situação?

Um dos factores mais invocado para explicar a “revolução da arte moderna” foi a invenção da fotografia e, sobretudo, do cinema. Desde Platão e Aristóteles, a arte ocidental encontrava-se associada à ideia de mimesis. Danto identifica Vasari como o primeiro autor que teorizou uma concepção da história da arte como um progresso no sentido de uma aproximação cada vez maior entre os resultados da percepção da realidade e os da sua representação, considerando que esse movimento tinha alcançado o seu auge com a obra de Miguel Ângelo. De facto, como sabemos, essa tradição clássica prolongou-se até ao século XIX, seguindo caminhos que não importa, agora, descrever.

Para Danto, os limites da história da arte, concebida como representação progressivamente mais perfeita das aparências visuais, foram fixados pelas próprias limitações técnicas da pintura.

Essas limitações tornaram-se evidentes com a invenção da fotografia e do cinema que criaram novas possibilidades à tentativa de imitação da natureza. A fotografia permitia obter resultados com os quais, idealmente, a pintura ainda poderia tentar competir, mas o cinema, mostrando-nos as imagens em movimento, revelava a inelutável inferioridade da pintura como representação mimética da realidade.

Perante o cinema, a pintura ou aceitava uma passagem do testemunho, reconhecendo a sua inferioridade perante uma técnica artística que se revela mais capaz de realizar os objectivos que a pintura tinha fixado para si mesma, ou considera que os objectivos da pintura são distintos dos da fotografia ou do cinema, justificando-se, portanto, a sua continuidade. Neste último caso, ficava obrigada a fixar uma finalidade que já não podia ser a representação mimética da realidade.

O fim da ideia da pintura como imitação origina, então, uma crise de identidade. Se a pintura não é uma arte mimética, o que é então? Procurando responder a esta pergunta, a pintura voltou-se para si própria, procurou auto-definir-se e, ao fazê-lo, definiu um novo objectivo e deu origem a uma nova narrativa histórica que se corporiza na história da arte moderna.

Abdicando do propósito de contar histórias, a pintura separou-se da literatura; renunciando à intenção de

simular corpos e espaços tridimensionais no espaço bidimensional da tela, distanciou-se da escultura e da arquitectura; abandonando a figuração, afastou-se da fotografia... Para Danto, o leit motiv da arte moderna, do fauvismo ao cubismo e deste à arte abstracta, é essa busca da ideia de uma “pintura pura”, não contaminada por géneros artísticos que lhe são estranhos. Segundo Clement Greenberg, esse processo teria alcançado o seu apogeu com Pollock ou com Clifford Still, cujos quadros só podem ser descritos como manchas de cor dispostas num espaço bidimensional. Podemos, então, considerar cada uma das suas obras como uma definição em acto de pintura e, por extensão, da arte.

Porém, a Pop Art veio pôr esta narrativa em questão. Danto considera a exposição das Brillo Box, de Andy Warhol, um momento crucial. O artista apresenta como obras de arte um conjunto de caixas de esfregões de cozinha, visualmente idênticas àquelas que se podiam ver em qualquer supermercado americano. Então, como definir “arte”? O que é que nos permite distinguir um objecto artístico de um objecto vulgar? Este problema, torna-se um tema exclusivo do debate filosófico e deixa de estar nas mãos dos pintores, porque mais nenhum novo desenvolvimento artístico pode pretender ser uma resposta àquela questão.

Hoje, criam-se obras figurativas e abstractas, faz-se pintura e arte

conceptual, produzem-se instalações e performances, recorre-se à fotografia e ao vídeo... A criação artística é uma necessidade humana básica (Beuys afirmava que todos somos artistas) e arte contemporânea continua aberta ao desempenho de múltiplas funções. Mas, a partir do momento em que tudo pode ser arte (o que, evidentemente, não significa que tudo o seja), deixa de ser possível a invenção artística de algo que seja radicalmente novo. Segundo Danto, a história da arte terá chegado ao fim, uma vez que as suas possibilidades de evolução terão sido já completamente esgotadas.

Como representar “cadeira”? Podemos fazê-lo através da apresentação de uma cadeira, pela sua fotografia ou pela exibição de um cartaz com a definição de “cadeira” retirada de um dicionário.

Henri Matisse, *Icarus*, 1946

A diversidade da cor

A simbologia e o significado das cores

Suzana Leite *

“Para começar, o tímido **Azul**, o favorito dos nossos contemporâneos, porque ele sabe fazer-se consensual. Em seguida, o orgulhoso **Vermelho**, sedento de poder, que manipula o sangue e o fogo, a virtude e o pecado. Aqui está o **Branco** virginal, aquele dos anjos e dos fantasmas, da abstenção e de nossas noites insones. Logo vem o **Amarelo** do milho, um problema complexo, lutando para aliviar seu status (deve desculpá-lo, por muito tempo ele foi marcado pela infâmia). Em seguida vem o **Verde**, também carregando uma má reputação, desonesto e astuto, rei do acaso e dos amores infieis. Enfim, o sumptuoso **Preto**, que joga um duplo papel, humilde quando austero, arrogante quando elegante.”

In “*Le petit livre des couleurs*”, Michel Pastoureau e Dominique Simonnet (Tradução brasileira)

Há uma infinidade de cores no meio envolvente. A cor está presente no nosso dia a dia e em todas as formas que nos rodeiam.

Definindo cor, sob um ponto de vista científico, ela é uma informação visual provocada pela ação da luz sobre os nossos olhos e decodificada pelo cérebro.

O olho, através da retina, recebe as vibrações eletromagnéticas da luz e transforma-as em sinais nervosos que são transmitidos ao cérebro. A retina é “uma camada do globo ocular constituída por células distintas: umas sensíveis à luminosidade – bastonetes – outras à cor – cones” (Areal & Moreira, 2012: 102).

A visão resulta da combinação das cores-luz lidas pelas células da retina que trabalham o vermelho, o verde e o azul: RGB. Além disso, a retina “recebe informação monocromática através dos bastonetes que informam sobre os níveis de luminosidade das superfícies” (Areal & Moreira:2012:103).

Por isso, é correto afirmar que sem luz não existe cor!

É através da luz que se percebem as cores. O ser humano só consegue ver o azul do mar, o branco das nuvens, o verde das plantas e da relva porque tem visão e existe luz.

Foram vários os cientistas e físicos que, ao longo dos tempos, se debruçaram sobre este tema.

O físico e cientista inglês Isaac Newton, no século XVII, desenvolveu a teoria das cores, baseada na observação de um prisma de vidro no qual incidiu um raio de luz. A luz solar, ao atravessar o prisma decompõe-se, ou seja, divide-se num espectro de sete cores: vermelho, cor de laranja, amarelo, verde, azul, anil e violeta. Newton concluiu que a luz branca é composta por estas sete cores.

Hoje, a cor-luz é um instrumento indispensável para comunicarmos: no cinema, na televisão, nos computadores, nas cidades, etc. Através da cor apreendemos uma enorme quantidade de informações e as cores proporcionam-nos várias sensações.

A cor possui vários atributos. Pela cor percebemos e distinguimos as estações do ano, verificamos a frescura de um alimento, reconhecemos países e culturas, expressamos sentimentos e emoções. Em síntese, podemos afirmar que pela cor podemos compreender, identificar, distinguir, embelezar e muito mais.

As cores têm uma grande influência psicológica sobre o ser humano. Existem cores que transmitem alegria, optimismo, outras transmitem serenidade, tranquilidade ou tristeza.

A simbologia da cor como suporte do pensamento simbólico na criação dos conceitos e na associação dos elementos é muito antiga e universal e embora o seu

significado seja universal, de acordo com cada cultura, cada cor pode simbolizar aspetos bem diferentes.

Certas tribos atribuem às cores a alma e o espírito e também os pontos cardeais.

Os Astecas utilizavam a mesma palavra para designar o verde e o azul.

Para os antigos Egípcios, o preto era a cor da imortalidade, o verde era a cor da Natureza e da saúde, o azul era a cor do ar, o amarelo do sol e do ouro, o branco da alegria, o vermelho da maldade e da violência.

Durante o império romano, apenas o imperador podia aparecer em público com um manto tingido de púrpura imperial, enquanto que aos senadores imperiais estaria reservado apenas o uso de uma barra púrpura na toga branca. No século I, o Imperador Nero fez mesmo publicar um decreto que dava ao imperador o direito exclusivo da cor púrpura, estando ainda hoje esta cor associada ao poder.

Em África, as cores revestem um valor mágico e são formas de exercer poder ou de defender de perigos e doenças. O branco afasta a morte, o vermelho é a cor da vida e o preto é a cor do mistério e do oculto.

As tradições muçulmanas consideram o preto negativo e usam-no como proteção contra o mau-olhado, o branco e o verde são cores positivas e da sorte e o amarelo é mágico e protetor.

Para os cristãos, o branco está associado à pureza, a Deus, o verde à esperança, o vermelho à caridade e ao amor e o preto à penitência assim como o violeta.

O branco aparece, ainda, associado à teoria do *big bang*, a explosão inicial que deu origem ao mundo, que é representada por um clarão de luz branca. Porque o branco também seria a luz primordial, o começo dos tempos.

Por outro lado, a cor preta está carregada de aspetos simbólicos de cunho negativo: a morte, o luto, as trevas, o medo, o pecado, os mundos subterrâneos.

As cores podem ser frias e pacíficas como o azul e o violeta ou quentes e estimulantes como o vermelho e o laranja.

O simbolismo das cores está relacionado com os valores culturais de cada povo ou com o que cada grupo lhes atribui.

As cores estão impregnadas de simbologia e significados inspirando o ser humano na hora de as aplicar nas artes, na moda, na publicidade, etc. A maior parte dos artistas plásticos tiraram partido dos atributos da cor: tom, saturação e valor luminoso



Paul Gauguin, *Visão depois do sermão*, 1888

explorando os contrastes e os efeitos de luz.

Na pintura as cores reflectem muitos estados de alma, temperamentos, emoções transmitindo-nos imensas significações. A relação formal com a cor, presente numa obra de arte, constitui a estrutura básica da mesma, guiando o olhar do observador e propondo-lhe várias sensações e emoções.

Estas relações estão implícitas na maior parte das obras ao longo da História da Arte e contribuem para a significação das imagens que observamos e do mundo em que vivemos.

Referências Bibliográficas

Areal, Z. e Moreira, A. (2012). *Visualmente*. Porto: Areal Editores.

Figueiredo, C.; Nery, R. e Leite, S. (2015). *Imaginarte*. Porto: Porto Editora

Modesto, A.; Alves, C. e Ferrand, M. (2013). *Manual de Educação Visual*. Porto: Porto Editora.

Pastoureau, M. (1997). *Dicionário das cores do nosso tempo*. Lisboa: Editorial Estampa

Pastoureau, M. (2005). *Le petit livre des couleurs*. Panema Essai

Pastoureau, M. (2014). *Preto*. Porto: Orfeu negro.

[https://www.infopedia.pt/\\$cor-\(simbologia\)](https://www.infopedia.pt/$cor-(simbologia))

<http://artemazeh.blogspot.pt/search/label/hist%C3%B3ria%20da%20cor>



Margarida Constantino *



Beatriz Silva

Legenda: Escadas, escadas e mais escadas... Algo em que a nossa escola é muito rica. E as escadas, por sua vez, são ricas em matemática. Estas são compostas por uma sequência de blocos com linhas paralelas e perpendiculares, assim como por ângulos de 90° .

Este ano, surgiu, na disciplina de matemática, um projeto novo, com o objetivo de, através da arte, despertar nos alunos maior gosto e interesse pela disciplina. O repto foi lançado a várias turmas, mas foi o 11º 5 que respondeu à chamada. Assim, o professor Lino Sá desafiou os seus alunos a olharem a matemática sob um ângulo diferente, relacionando a matemática e a arte. No caso presente, fotografar objetos à sua escolha que tenham elementos matemáticos. A fotografia deve vir acompanhada de um texto explicativo.

A turma 11º 5 agarrou a ideia de forma entusiástica e contagiante. A diversidade de olhares sobre objetos banais mas nos quais aqueles alunos viram matemática está expressa em várias fotos, de que escolhemos as três que foram premiadas até à data.

A escolha da melhor foto foi sempre difícil pois muitas outras tinham qualidade para ser selecionadas. Por isso, parabéns a todos os alunos participantes, pela sua persistência, pelo invulgar entusiasmo e pelas fotografias que nos fizeram chegar e que nos deliciaram.

* Coordenadora da Área Disciplinar de Matemática do AESM



1º prêmio novembro

Ana Carolina Pereira

Legenda: A imaginação de cada um pode fazer viajar a vários sítios e visionar várias formas. A mim, pessoalmente, remete-me a um túnel de um “submundo” em forma de semicircunferência composto por milhões de losangos em sua volta.



1º prêmio dezembro

Bruna Macedo

Legenda: Toalha de mesa de minha casa. Na fotografia é possível observar linhas paralelas perpendiculares e também ângulos de 90 graus.



1º prêmio janeiro

Sara Soares

Legenda: ...uma progressão. Nesta perspectiva, a sucessão apresenta a regularidade: decresce e tende para zero.



Vasco Rito

Legenda: Nesta imagem podemos observar, dependendo das perspetivas, círculos ou cilindros. Como se pode confirmar, a matemática não é só contas e afins, esta é também usada na arquitetura.



Andreia Barroso

Legenda: Muitos acabam o secundário com a ideia que andaram a perder tempo a estudar matemática. Mas eles esquecem-se que a nossa vida está rodeada de matemática, por exemplo nesta fotografia, na construção destas casas geminadas, utilizou-se o princípio da translação.



Joana Dias

Legenda: Nesta fotografia estão representadas as janelas de um hotel sénior, que me fizeram lembrar matemática pela sua peculiaridade de não serem um simples quadrado ou retângulo, mas sim “figuras não simétricas”, fazendo assim com que eu as relacionasse com a geometria.



Beatriz Cerqueira

Legenda: A matemática, vista corretamente, possui não apenas verdade, mas também suprema beleza - uma beleza fria e austera, como a da escultura.



Mariana Rodrigues

Legenda: A Natureza é tão perfeita ao ponto de se poder visualizar simetrias até nos pequenos detalhes. Por exemplo, um eixo de simetria presente numa folha.



Beatriz Fernandes

Legenda: Com simetrias, figuras geométricas, linhas retas, ângulos, entre outros conseguimos fazer belíssimos desenhos para decorar o nosso dia-a-dia.



Tiago Faria

Legenda: “Se as leis da matemática se referem à realidade, elas não estão corretas; e, se estiverem corretas, não se referem à realidade”. *Albert Einstein*



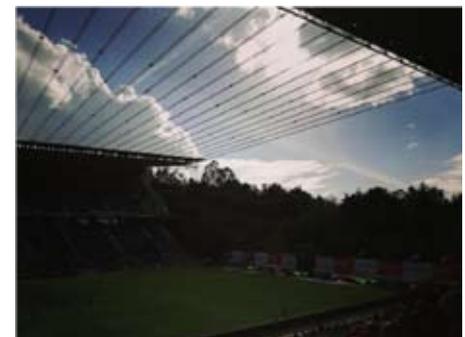
Marta Costa

Legenda: Com uma simples janela de uma casa antiga, podemos encontrar numerosas coisas sobre matemática como triângulos; retângulos; quadrados; losangos e curvas.



Mariana Costa

Legenda: Nesta imagem posso observar o traço superior e inferior das janelas que parecem convergir num ponto. Além disso, também vejo linhas perpendiculares aos traços superior e inferior das janelas, bem como a sequência criada pelas mesmas. Por último, consigo decifrar uma parábola com a concavidade voltada para baixo formada pela copa da árvore.



Margarida Silva

Legenda: Nesta fotografia tirada no Estádio Municipal de Braga, podemos observar a ilusão da convergência de retas estritamente paralelas. Será que é literalmente impossível retas paralelas cruzarem-se? A resposta é simples. Tudo depende da perspetiva do observador.



Liliana Alves

Legenda: Nesta fotografia, que foi tirada à parte superior de uma casa, posso observar simetrias e reflexões nas portadas, translações entre janelas e rotações no gradeamento do varandim. Com isto, observo que a matemática está tão presente nos dias de hoje que até faz parte da constituição de uma casa.



Diana Fernandes

Legenda: A partir de uma placa a indicar a casa de banho feminina, podemos observar várias figuras geométricas unidas a formar apenas uma.



Sara Alves

Legenda: As paralelas encontram-se?

O Jazz e os caminhos do diálogo multicultural

José Carlos Santos *

Se há estilo no mundo da música que nasceu do encontro de cultura é inegável que a música jazz (termo de que ainda hoje não se sabe o significado e a origem) cumpre integralmente esse desígnio. Isto não quer dizer que devemos olvidar a matriz afro americana (vulgo música negra) desta forma artística, pois é inegável que a música jazz nasceu e cresceu na população negra dos EUA, desde esse criminoso ato que se chamou escravagismo efetuado pela civilização ocidental em direção ao novo mundo.

Se olharmos para New Orleans do final do século XIX, encontramos nos bairros negros, pouco recomendados para os gostos burgueses, uma prática musical fresca, inovadora, plena de êxtase, por vezes bucólica, sempre emotiva e plena de sentimento. A cidade de New Orleans, desde 1800 transbordava de sons: a ópera italiana e francesa reinava nos teatros, bandas e fanfarras animavam as ruas. Cantavam-se canções francesas, inglesas, alemãs, irlandesas, em contraponto com os cantos dos escravos, as suas danças e ritos vudu de África. Como na cidade não vigorava um código rígido de castas raciais, o encontro de culturas era inevitável.

* Professor na Escola Sá de Miranda



“A música de jazz
é uma inquietação
acelerada”
Françoise Sagan

O jazz nasceu, assim, do encontro da tradição africana negra, com os estilos de música popular de origem europeia, agora tocados de forma peculiar, através de uma instrumentação típica das bandas europeias (trompetes, saxofones e trombones). Na verdade, o único instrumento que ficaria para a posterioridade com tipicidade negra será a bateria, inventada a partir da conjugação dos diferentes pequenos instrumentos de percussão.

Com o êxodo dos mais famosos músicos de jazz nos anos 20 para as grandes cidades do norte dos EUA, nomeadamente Chicago, onde serão gravadas as primeiras sessões de jazz, e Nova Iorque, consolidou-se a popularidade do jazz e mesmo a sua internacionalização.

O jazz, nascido numa preguiçosa e quente cidade meridional, via-se nos anos 30 mergulhado nas frias e agressivas metrópoles industriais do norte dos EUA. A música era agora tocada nos grandes salões de baile (ballrooms) e para isso era necessário um som potente e frenético que só as grandes bandas atingiam. É o nascimento das fabulosas big bands que inundaram as grandes salas das grandes cidades, popularizadas pela transmissão radiofónica ao vivo, naquele que ficou denominado como a época de ouro do jazz, através de uma música alegre e dançante, plena de swing.

Nos anos 40, um conjunto de “jovens turcos” recusavam o estilo estandardizado

das Big Bands, estabelecem novas fronteiras para o jazz através de uma revolução no jazz. Charlie Parker (Bird), Dizzy Gillespie, Thelonious Monk e muitos outros, influenciados pela escrita criativa da música ocidental (acordes arrojados, abandono do ritmo binário) criavam, em pequenos clubes da rua 52, em Nova Iorque, um estilo que marcaria a história da grande música negra - o Bebop. Manifesto de afirmação de critérios meramente artísticos, longe das formas “clown” dos anos 20 e 30, o jazz afirma-se como música sobretudo instrumental de salas de concerto.

Nos anos 60, os tumultos políticos ligados à luta pelos direitos cívicos, a guerra do Vietnam e as tensões políticas e sociais em torno de novas formas de organização social, foram a incubadora de outra revolução do jazz, denominada “Free Jazz”, estilo musical liberto dos esquemas formais, abandono do sistema tonal e máximo espaço deixado à improvisação, A tudo isto pode-se acrescentar um gosto indelével pelas músicas do mundo, nomeadamente a música africana, a oriental e a música contemporânea ocidental. Desta combinação de culturas, engendrou-se muitas vezes o que se pode denominar como uma música folclórica planetária, onde todas as raças, culturas e abordagens musicais eram legítimas e mesmo incentivadas. Figuras como Ornette Coleman, John Coltrane, Archie Shepp, Albert Ayler ou Sun Ra são os artífices deste festim musical.

Nos anos 80, é a vez dos músicos europeus, impulsionados pela globalização cruzarem as características típicas do jazz norte americano com as canções populares. Em Itália funde-se jazz com tarantelas ou famosas óperas, no norte da Europa o jazz mistura-se com os cânticos tradicionais escandinavos ou em Espanha o flamenco reúne-se com as improvisações e sonoridades jazzísticas, e em Portugal o jazz cruza-se com o fado.

O Jazz foi, sem dúvida, a música do século XX, porventura não será a do século XXI, no entanto é indubitável o seu contributo para o encontro de culturas, raças e ideias que provocaram um caldeirão cultural que ainda hoje recebemos os seus ecos.

**“A arte na
diversidade: o
nosso património/
cultura; a nossa
identidade.”**

9.º Ano [turmas B, C, D, E] *





Borboletas

José Moreira da Silva *

Mergulhei, por uns momentos, na consciência de Espírito, o cavalo indomável, e vi com os seus olhos uma franja da história e uma parcela do mundo. Percebi a mensagem: a forma como vemos as coisas e como sentimos o mundo depende extraordinariamente de uma perspectiva. Um dia, sentado num tronco nu, Quintana viu uma borboleta. Uma borboleta, ou uma folha seca, que se desprendeu e não quis pousar? Não pôde confirmar: a borboleta, a folha, voou até aos confins do seu olhar. Sentado no mesmo tronco, Caeiro vê a mesma borboleta. E, sob uma perspectiva diferente, mais contra o sol e o vento, repara pela primeira vez no seu universo que ela não tem cor, nem movimento, porque a cor é que tem cor nas asas da borboleta, e que o movimento apenas se move no movimento das asas. Quintana não se apercebera disso, estava com certeza distraído, mas o olhar filosófico de Caeiro mediu com um nónio poético toda a situação e concluiu que uma borboleta é apenas borboleta. Mais tarde, no seu quarto, em conversa metafísica com Campos, admitiu que, além de apenas borboleta, poderia, no limite, ser



* Linguista e escritor

tão bela como um parlamento. Lá sabe o Campos a medida de tal beleza, porque o mundo não é belo, belo é o coração que o sente e com ele palpita. Que o digam Redon, Ramos, Zaritski ou Van Gogh, uns lacrimejando o brilhantismo das cores, outros eternizando as próprias asas no material laborado. As pinturas de Cristiam Ramos sobre asas fenecidas simbolizam a extraordinária profundidade da metamorfose humana, e mostram como a arte se apodera de todos os materiais para uma interseção brilhante e infinita. É desta forma que o símile asiático se apresenta: para conquistarmos a beleza e a plena liberdade, devemos ser borboletas essenciais, mostrando a coragem para enfrentar de peito aberto as metamorfoses da vida. Um dia, Espírito, o cavalo indomável, viu o mundo com olhos de artista, pintor ou poeta, e quis narrar ideias que formara ao longo da sua caminhada. Sabia que há coisas, ações, estados, que brotam naturalmente e que não devem ser forçadas. Tal como não se deve forçar a borboleta a sair do seu casulo, também não se deve forçar a ideia do amor, nem o próprio amor. Para que forçar a metamorfose, porque correr atrás de voos coleantes, se podemos cuidar do jardim? Às vezes sentimos, de forma metafórica, que a nossa alma é uma borboleta que serpenteia em nós, que volteia em nós, que anda no coração e na barriga, que se transforma nos sentidos dos artistas e que, às vezes, resalta das crinas dos cavalos para os olhos, órgãos

maiores de toda a arte narrativa. Por isso mergulhei nos olhos do Espírito. Gostava de ter mergulhado nos olhos de uma pequenina borboleta, de ser os seus olhos, e de pousar em todos os perfumes de todas as flores. Como seria o mundo narrado por mim, se eu fosse um artista-borboleta? Ouviria, como Baudelaire, os distintos sons que se perdem ao longe? Ou pintaria a natureza com a cor das próprias letras, tal como o fez Rimbaud?

Diversidade a florir

1ºano da EB de Dume

Eu sou uma rosa
E no jardim vivo vaidosa!

Eu sou a bela tulipa
E gosto muito da Filipa.

Chega agora o girassol
Que se vira para o Sol.

Papoila é o meu nome
E às vezes fico com fome.

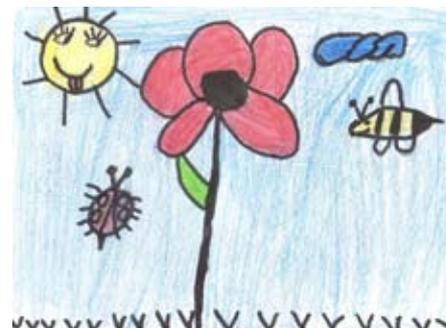
Eu sou a margarida
E vivo no campo da Guida.

Sou o cravo vermelhinho,
Não gosto de viver sozinho.

Eu sou a violeta
E toco bem a pandeireta.

Por fim, o amor-perfeito
Termina este poema por nós feito.

Com todos os meninos a sorrir,
Vemos a diversidade a florir!



A Diversidade das cores

Jardim de Infância da Presa- Adaúfe

[Grupo pré-escolar: 3, 4 e 5 anos]

Compreender as diferenças existentes nos espaços onde as crianças convivem quer sejam físicas, sociais ou culturais, impele à contemplação e observação do mundo e da natureza que nos rodeia e consequentemente à exploração de diferentes atividades contribuindo para o seu desenvolvimento.

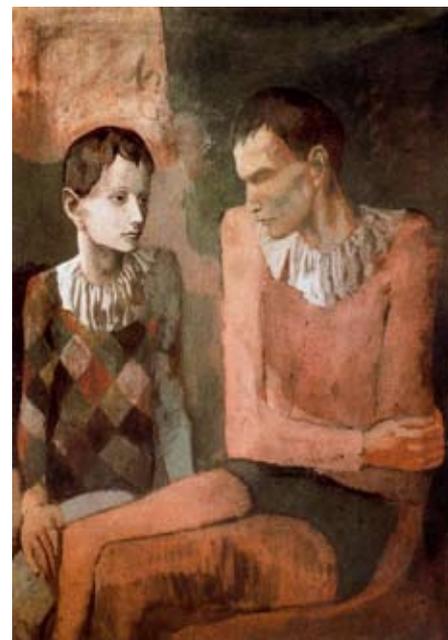
Na perspetiva do brincar e de forma que a ludicidade esteja presente em todos os momentos da construção do conhecimento na infância, apresentamos a atividade de artes visuais, desenvolvida com a exploração da diversidade das cores e sua simbologia para a criança. A evidente exteriorização dos seus sentimentos ou emoções demonstra também, como na sua diversidade podemos contribuir para a construção de um objetivo comum: a “Tela das Emoções”.

Quando a diversidade das cores faculta a leitura e o olhar da criança sobre o mundo que a rodeia!

Quando neste processo de crescimento e desenvolvimento se instaura uma observação, uma escuta atenta aos modos como a criança comunica o seu ponto de vista, o seu entendimento e teta numa tela uma multiplicidade de cores com que lê, sente e sabe pintar o mundo!







O mundo encantado das cores

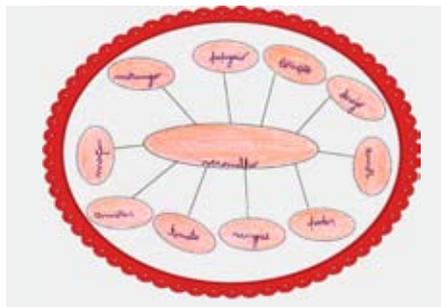
Turma do 4.º ano de Dume com a Biblioteca Escolar de Dume

“O mundo encantado das cores” foi um projeto desenvolvido pela professora bibliotecária em parceria com o professor titular da turma do 4.º ano de Dume. Este projeto, pensado para a revista trajetórias, este ano com o tema diversidades, articulou a leitura, a escrita e a ilustração em torno do tema a diversidade na Natureza.

A partir da leitura do poema das cores, do livro Versos de Cacará, de José Couto Viana, os alunos foram desafiados a observarem o espaço que os rodeia – um espaço repleto de cor.

Escolheram cores e associaram às cores coisas, expressões, sentimentos através da criação de uma teia semântica. Esta foi o mote para a segunda etapa, que levou os alunos a redigirem poemas sobre as cores escolhidas associando as palavras da teia semântica.

Por último, ilustraram os poemas mostrando que o mundo é colorido e encantado.



O vermelho

Vermelho pode ser o papagaio,
 Vermelho também é a cor do amor,
 Com o vermelho podemos pintar
 O desenho de uma flor.

Quando penso em vermelho
 Penso logo em calor.
 É o que acontece ao meu joelho
 Quando caio e sinto dor.

Cerejas e morangos
 De cor vermelha,
 São doces e saborosos
 Como o mel da abelha!

Vermelho que linda cor,
 Cor de vestido do tango.
 Gosto muito do vermelho
 Porque é a cor do morango.

Beatriz Ferreira
 João Ribeiro
 Rodrigo Silva



Ler+ com Arte

Jardim de Infância de Bracara
Augusta [turma BCR2]

No âmbito da atividade Ler+ com Arte (Van Gogh), promovido pela professora Suzana Leite, explorámos a diversidade de materiais e técnicas na representação do quadro dos Girassóis de Vincent Van Gogh.

De acordo com as Orientações Curriculares para a Educação de Infância, a Educação Artística é uma vertente muito importante para o crescimento da criança, na medida em que engloba diferentes linguagens, logo, diferentes formas de expressão e comunicação. As artes visuais são uma dessas formas. Com técnicas e instrumentos diversos (pintura, desenho, modelagem...) a criança cria e recria, interpretando o mundo à sua volta.

Assim, para recriarem o Quadro dos Girassóis, as crianças usaram o recorte/colagem; o desenho com diversos tipos de lápis; a pintura e a modelagem.



O Branco na sua diversidade

EB1/JI Brácara Augusta [turma do 4ºano]



Kazimir Malevich, Quadrado branco sobre fundo branco, 1918. Museum of Modern Art, em Nova Iorque, EUA.

Malevich, pintor abstrato, nasceu em 1878 perto de Kiev, na época, União Soviética. Fundador do suprematismo (centrado em formas geométricas básicas – particularmente o quadrado e o círculo), sendo o primeiro artista a usar elementos geométricos abstratos.

No quadro “Quadrado branco sobre fundo branco” usou dois tons de branco diferentes, um ligeiramente azulado e outro um pouco mais quente. É a transcendência da forma e da cor, o contraste do branco sobre o branco que não gera contraste, o extremo da abstração, presença da ausência, o máximo da expressão do suprematismo, pois tem a capacidade de revelar o que não pode ser revelado: nada.

Na cultura ocidental a cor branca está associada à alegria, à paz, pureza, espiritualidade e limpeza.

No oriente está associada à morte, ao luto e à tristeza. É o caso da China, Japão, Índia.

Em África, o branco tem significados diversos. No Egito está ligada a quem tem um estatuto privilegiado na sociedade, ao nascimento e ressurreição. Na Nigéria significa boa sorte e paz, na África do Sul significa bondade. Na Etiópia a cor branca está relacionada com a pureza e a doença. Na Zâmbia também significa bondade, boa sorte e limpeza.

Diversidade de opiniões sobre a obra de
Pablo Picasso “Mulher no espelho”

Escola da Ortigueira [4ºano]



Simão Oliveira

Nesta obra observo duas mulheres a abraçarem-se, isso pode simbolizar a maternidade.

Pedro Sá

Eu acho que é uma mulher a refletir sobre o que fez durante o dia, por isso acho que representa o nosso comportamento.

Bernardo Correia

Parece-me que esta obra representa duas mulheres amigas, contentes, por estarem grávidas.

Afonso Fernandes

Eu vejo duas mulheres a abraçarem-se. Uma parece estar grávida e a outra muito feliz.

Afonso Faria

Para mim, esta obra de arte representa duas senhoras com cores diversas na sua pele, o que pode representar a diversidade de raças.

Rafael Silva

Eu nesta obra vejo duas mulheres abraçadas a terem um filho.

Miguel Pinto

Eu observo duas mães grávidas a darem um abraço e felizes.

Lucas Ribeiro

A mim parece-me uma pessoa grávida e outra que está feliz.

Leonor Gonçalves

Eu vejo uma mulher grávida a olhar para um espelho e o espelho reflete-a de forma diferente.

Leonor Sousa

A mim, parece-me uma mulher a olhar para o espelho.

Beatriz Lima

Eu acho que são duas mulheres grávidas com cor de pele diferente.

Renata Costa

Observo uma mulher a olhar para o espelho e a ver-se de forma diferente.

Raquel Rocha

Eu acho que há duas mulheres diferentes que estão grávidas. Uma está alegre e a outra está triste.

Irina Dominchuk

Olhando para a obra, vejo uma mulher com um bebé ao colo e a outra a sorrir para ela.

Joana Vieira

Observo uma mulher com ar sereno que, quando se olha ao espelho, se vê triste.



A DIVERSIDADE NA CIÊNCIA





Pieter Bruegel, Torre de Babel, c. 1563

Evolução e diversidade cultural e fenotípica

Tomás Loureiro de Faria *

“Vamos, façamos para nós uma cidade e uma torre cujo cimo atinja os céus.”

Observando o comportamento dos homens, o Senhor desceu dos céus e confundiu-lhes a linguagem, “de sorte que já não se compreendam um ao outro”, criando diferentes línguas e dispersando os habitantes daquela cidade por toda a terra. A história da Torre de Babel é a tentativa do Antigo Testamento para explicar a existência das diversas línguas e culturas que caracterizam as várias civilizações que povoam o nosso planeta. Até 2009, pelo menos partes da Bíblia tinham sido traduzidas para 2508 línguas diferentes, pouco mais de 35% das 7097 línguas conhecidas até ao momento.

Para além de grande diversidade cultural, os seres humanos também apresentam grande variabilidade genética. Charles Darwin no seu livro “A origem das espécies” propôs a ideia revolucionária da seleção natural como força motora responsável pela evolução, justificando, assim, não só o enorme número de espécies diferentes, como também a grande variabilidade entre indivíduos da mesma espécie. Os processos de replicação e reparação celular não são perfeitos, e tal como acontece com uma fotocópia que não preserva exatamente as características do documento original, também as células de um organismo vão sofrendo pequenas alterações ao longo do tempo.

Aliando este fenómeno ao da reprodução sexuada e às características únicas de cada região, finalmente compreendemos o porquê de sermos todos tão diferentes uns dos outros, tanto culturalmente como física e fisiologicamente. O conhecimento destas características distintas e da sua distribuição geográfica é fundamental, por exemplo, para a existência de uma prática médica mais personalizada, consciente e preparada para as eventualidades, uma vez que a prevalência de determinadas doenças e a probabilidade de um tratamento ser eficaz é bastante variável para diferentes populações. É de tal forma determinante a diversidade genética e ambiental, que medicamentos produzidos numa dada região do globo podem não ter resultados tão favoráveis quando aplicados noutra local. Desta forma torna-se importante o investimento, mesmo dos países em vias de desenvolvimento, em laboratórios de investigação e produção de medicamentos ajustados às suas próprias necessidades.

O nosso mundo está em constante desenvolvimento. A espécie humana é caracterizada pela enorme diversidade entre pessoas e povos diferentes, cada um com particularidades únicas que vão desde a cultura – língua, religião, crenças, tradições, ... – até aos diversos fenótipos – características físicas, resultantes da expressão dos genes, que distinguem cada um de nós. Devemos, então, estar conscientes da importância de preservar esta diversidade e compreender a sua aplicabilidade prática em áreas tão sensíveis como a saúde e o respeito intercultural.

* Aluno da Escola Sá de Miranda entre 2013 e 2016.
Estudante de Medicina.

$$k+2a+21$$

$$2a+21, E=mc^2$$

$$1+x+y+2a+21$$

$$1+x+y+2a+21$$

$$1+x+y+2a+21$$

$$1 \lim_{h \rightarrow 0} h \rightarrow 0$$

$$x=0 \quad x^n$$

$$0$$

$$0 \quad 10 \quad 1$$

$$2+\dots+2a+\dots+a$$

$$1+x+y+2a+21$$

$$1 \lim_{h \rightarrow 0} h \rightarrow 0$$

$$x=0 \quad x^n$$

$$+2a+\dots+a$$

$$1+x+y+2a+21$$

$$1 \lim_{h \rightarrow 0} h \rightarrow 0$$

$$x=0 \quad x^n$$

$$(1+x+y+2a)-(3a+3g+x)$$

$$1+x+y+2a+21$$

$$2+\dots+2a+\dots+a$$

$$+2a+\dots+a$$

O caminho para o mundo da inteligência artificial

João Gomes *

Logo que recebi o desafio para escrever um artigo para esta revista, aceitei sem sequer pensar duas vezes. Mas logo no momento seguinte comecei a duvidar do contributo que poderia trazer para esta temática da diversidade. Através deste processo apercebi-me que o meu percurso desde que deixei os bancos do Sá de Miranda há mais de 15 anos tem sido extraordinariamente diverso. Deste modo vou contar um pouco do meu percurso pessoal e profissional que me levou de Braga até Londres.

No verão de 2002, após terminar os exames nacionais, fiz voluntariado na associação humanitária Habitat. Já o tinha feito no verão anterior e regressei porque foi uma experiência que me enriqueceu imenso, pois foi a primeira vez que tive contacto diário com pessoas de várias nacionalidades. Este projecto ajuda famílias que vivem em condições muito precárias a terem uma habitação digna. Através desta experiência melhorei bastante o meu domínio da língua inglesa, e aprendi a lidar com culturas diferentes, duas coisas que foram fundamentais para as várias experiências internacionais que tive no futuro.

* Aluno da Escola Sá de Miranda entre 1999 e 2002. Investigador em Inteligência Artificial.

Logo de seguida entrei no curso de Engenharia Informática na Universidade do Minho onde mais uma vez conheci colegas de todo o país, cada um com experiências e circunstâncias de vida diversas. No terceiro ano do curso concorri para fazer um período de intercâmbio ERASMUS na Eslovénia. Corria o ano de 2005 quando fiz as malas e parti pela primeira vez para viver fora de Portugal. Foi sem dúvida uma experiência que me abriu os horizontes e que marcou definitivamente o meu percurso futuro pois o bichinho de conhecer novos lugares e conviver com pessoas de várias culturas e nacionalidades estava instalado em mim! Foram apenas seis meses, mas foram vividos muito intensamente e preenchidos por muitas conversas com colegas do resto da Europa, por viagens ao centro da Europa e por uma forma diferente de viver. Foi também nessa altura que comecei a perceber que a natureza do meu curso, engenharia informática, me poderia permitir trabalhar em qualquer lado.

Voltei a Portugal para terminar a parte curricular do curso e logo concorri de novo para fazer um estágio curricular no estrangeiro. Desta vez, em 2007, fui para Alemanha estagiar numa universidade da pequena cidade de Amberg, na Baviera. Mais uma vez conheci pessoas de vários países europeus e convivi também com muitas pessoas de fora da Europa (principalmente mexicanos e chineses) que trabalhavam na mesma cidade. Foi também a primeira experiência profissional que tive e foi onde comecei a tomar gosto por uma área específica da informática, visão por computador e inteligência artificial, que viria a ser no futuro a minha área de especialização

No final do estágio regressiei a Portugal e entrei no mundo do trabalho como programador. Mas como não estava completamente satisfeito com o trabalho e queria aprender mais sobre inteligência artificial e visão por computador, decidi começar a procurar alternativas. Concorri então para vários programas de Doutoramento no estrangeiro, principalmente nos Estados Unidos e no Reino Unido, e recebi uma bolsa para ir estudar para a universidade de Plymouth no Reino Unido. No final de 2009, mais uma vez parti para fora de Portugal, mas desta vez para não mais regressar até aos dias de hoje. Foi uma experiência bastante diferente das anteriores. No início já não

houve o deslumbramento cultural, pois já estava mais habituado a conviver com pessoas de diferentes culturas. Mas ainda assim esta experiência foi a mais marcante, talvez por ser a mais longa, e mudou para sempre a minha carreira profissional e pessoal.

A nível profissional o doutoramento dotou-me de muitos conhecimentos na área em que eu me especializei, neurociências computacionais, mas ainda mais importante que isso, fez com que aprendesse a olhar para os problemas de forma diferente, a questionar as soluções existentes e a tentar procurar novas soluções. Estas ferramentas e conhecimentos foram essenciais para entrar no mundo da inteligência artificial. Desde que terminei o meu projeto de doutoramento, em 2012, já trabalhei com várias empresas do ramo e trabalhei em projetos tão diversos como sistemas de reconhecimento facial para empresas em Inglaterra e na Suíça, óculos de realidade aumentada em Taiwan, até a um projeto de verificação de identidade remota através de um telemóvel ou um browser.

Também a nível pessoal o período do doutoramento mudou a minha vida. Foi logo nas primeiras semanas de doutoramento que conheci a minha mulher. Foi um verdadeiro acaso, pois ela estudava noutra universidade, mas encontramos-nos numa atividade inter-universidades. Julgo que o nosso casamento reflete muito a diversidade de experiências que nós tivemos. Para começar a minha mulher é natural de Taiwan, com uma costela Japonesa, eu sou Português. Portanto cada um de nós, para além das experiências individuais anteriores, trouxemos para o nosso casamento uma cultura, uma língua e hábitos diferentes. Temos agora um filho com quatro anos que já fala Português, Mandarim e Inglês, e se sente tanto português quanto taiwanês. Também como consequência deste casamento passei mais um ano num país diferente, desta vez em Taiwan. Foi uma experiência incrível, tanto por ser um país completamente diferente dos países europeus onde já tinha vivido, mas também porque desta vez experienciei o país de forma completamente diferente e muito mais integrada. Apesar de não falar a língua, o facto de ser casado com uma pessoa natural do país e estar integrado num círculo familiar e de amigos, fez-me compreender muito mais depressa a cultura e apreender os hábitos e costumes locais..

A (bio)diversidade florestal

Nuno Carvalho *

Durante este longo verão, fomos bombardeados pelos meios de comunicação social com a palavra floresta, quando noticiavam os incêndios florestais. A palavra floresta normalmente é utilizada para designar plantações de árvores (pinheiro e eucaliptos), que, por serem monoculturas, têm uma baixa biodiversidade de que os eucaliptais são o pior exemplo.

Ao contrário destas plantações de árvores, a floresta tem como base a existência de uma grande biodiversidade. Tomemos como exemplo uma floresta de carvalho negral (*Quercus pyrenaica*) que podemos encontrar em pequenos bosques nas zonas de montanha, do norte de Portugal.

Aí descobrimos um estrato arbóreo de maior altura onde além do predominante carvalho negral existe a pereira brava (*Pyrus pyraster*), azevinhos (*Ilex aquifolium*), o pilriteiro (*Catragus monogyna*), o azereiro (*Prunus lusitânica* ssp. *Lusitânica*), e com as suas belas flores brancas a cerejeira brava (*Prunus avium*).

Debaixo deste estrato encontramos um sub-bosque onde podemos observar por exemplo as urzes (*Calluna* sp. *Erica* sp.), a

* Finalista do Liceu Sá de Miranda no ano letivo 1973/74. Engenheiro florestal.

carqueja (*Chamaespartium tridentatum*), o tojo (*Ulex* sp.), etc.

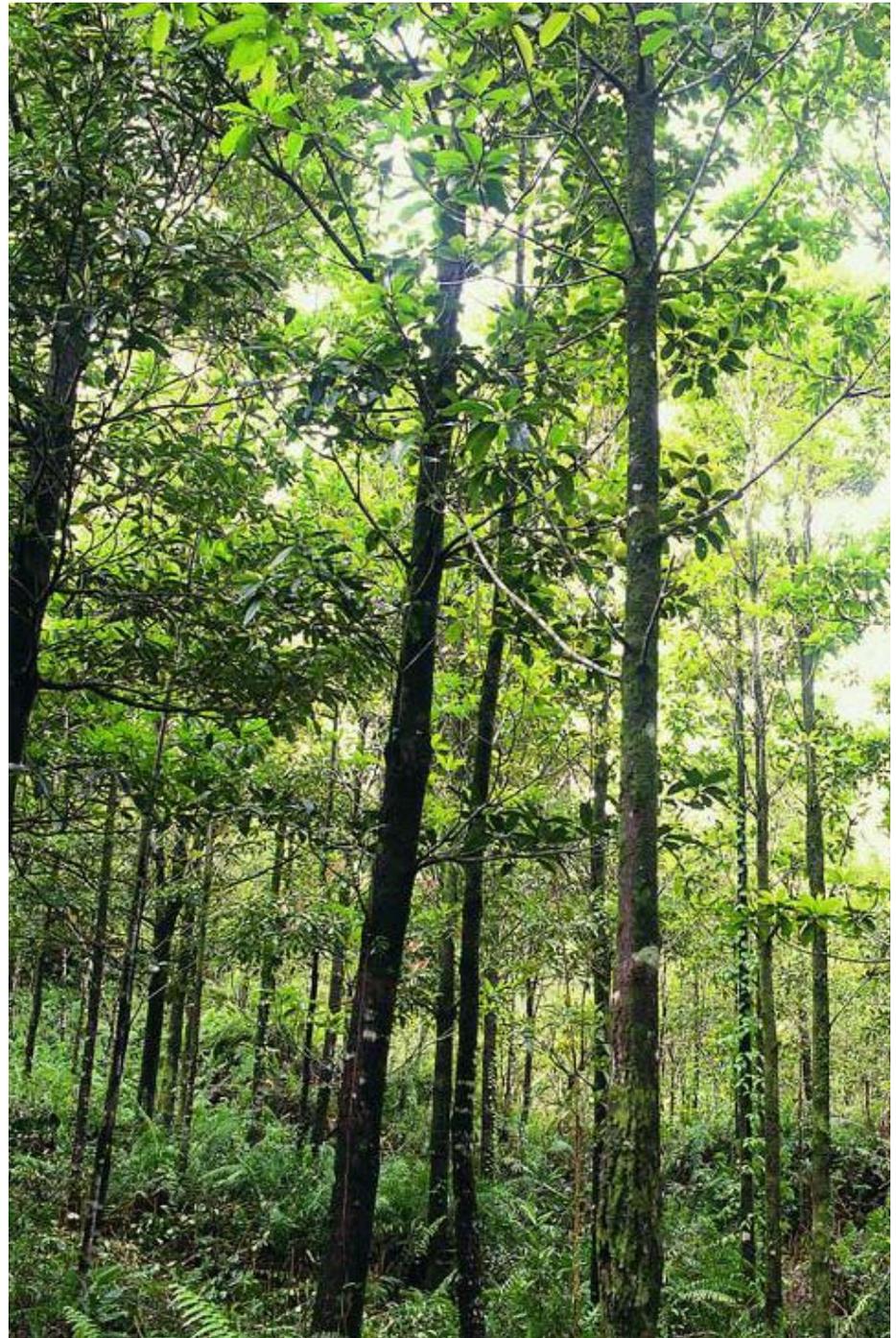
O estrato inferior é composto por uma grande variedade de plantas herbáceas e fetos. Pela sua beleza destaco as primaveras (*Primula* sp.), as cucas (*Narcissus triadrus*) os açafrões bravos (*Crocus clusi*), o selo-de-salomão (*Polygonatum odoratum*) e os aromáticos morangos silvestres (*Fragaria vesca*).

Neste estrato inferior também podemos descobrir cogumelos, muitos deles comestíveis, como os saborosos frades (*Lepiota procera*), as sanchas (*Lactarius deliciosus*) e os tortulhos (*Boletus* sp.).

Estas florestas são o exemplo de ecossistemas com maior riqueza faunística, que vai desde os grandes mamíferos, até milhares de espécies de invertebrados, onde estes encontram alimento, condições de reprodução e abrigo.

O ambiente por debaixo da copa das árvores permite manter um certo grau de humidade no ar e no solo e menores oscilações térmicas. O solo encontra-se mais protegido da erosão e recebe nutrientes da queda das folhas.

Com estas condições climáticas e com esta diversidade biológica esta floresta é a melhor alternativa à monocultura de uma só espécie florestal. Desta forma vamos conseguir mitigar os efeitos das alterações climáticas e com isso diminuir a ocorrência e grandeza dos incêndios florestais.



O complicado conceito de Diversidade

Tiago Barata *

Quantos de nós já se deram a pensar: “Para que é que esta matéria me vai ser útil no futuro?” ou “Nunca na vida vou usar isto, porque é que estamos a dar?”.

Entrei na Universidade do Minho há 2 anos, e tinha um bocado a ideia de que, finalmente, ia aprender matérias das quais ia gostar, as quais me iam ser úteis, matérias essas que eu hoje olho e me questiono novamente sobre o porquê daquilo.

O meu percurso escolar e académico tem, e sempre teve uma grande componente matemática. Sempre gostei dos conteúdos abordados, e via os exercícios como um desafio pessoal. No entanto, e apesar desse gostinho que sempre tive, também sempre me questioneei: “Onde é que no mundo de trabalho, eu vou precisar de usar o Teorema de Pitágoras?”. Como eu, tenho a certeza que muitos outros já fizeram as mesmas perguntas.

Apesar de sempre ter entendido bem os conteúdos, passei a não gostar de Matemática desde que entrei para a Universidade. Aquilo a que eu estava habituado e de que gostava, já não era o mesmo. Tinha entrado num caminho onde parecia que aquilo que eu nunca precisei de saber a resposta, era obrigado a saber, e me era imposto saber três vezes mais do que sabia em menos de metade do tempo.

Voltaram então as questões iniciais, voltaram as dúvidas, criaram-se novas... até que me vi às cabeçadas com todas as unidades curriculares com conteúdos matemáticos. Vi que não o conseguia fazer, não conseguia passar às cadeiras. Por momentos, senti-me impotente. Era eu, ou era Matemática que ia decidir o meu futuro?

Foi então que percebi! Tudo ali fez sentido! Após reprovações, e necessidade de saber aquilo que não sabia, fez-se o “CLICK”!

Da segunda vez que me inscrevi àquelas disciplinas, apesar de achar aquilo demasiado para mim, não me deixei arrebatado e, desta vez, saí vitorioso. Porque, por mais que não seja o que eu goste, apesar de não ser a minha praia, apesar de ser difícil, apesar de ser diferente de tudo o que eu sabia... tive de perceber que vivemos num mundo onde a diversidade é praticamente obrigatória e, se é preciso mais tempo para me entender com ela, que assim seja, mas não posso deixar que isso afete aquilo que serei.

Isaac Newton dizia: “Se vi mais longe, foi por estar de pé sobre ombros de gigantes”. Ninguém disse que subir para lá ia ser fácil, mas apenas com esforço será possível fazê-lo.

* Aluno da Escola Sá de Miranda entre 2013 e 2016. Estudante de Engenharia.

Diversidade no reino animal

JI de Pousada

O tema da Diversidade, no JI de Pousada foi trabalhado inicialmente com a exploração do reino animal. Foram explorados vários animais, as suas características (revestimento do corpo, nº de patas, alimentação...), formas de locomoção, habitats, género e grupo. No seguimento deste trabalho, na descoberta dos locais originais dos animais, partimos para a exploração/localização dos continentes. Paralelamente a esta situação surgiu o tema das raças, que ainda está a ser trabalhado. As crianças ouviram e exploraram a história: “Os meninos de todas as cores”. De seguida construíram um planeta e à volta do planeta colaram uma criança desenhada por elas, as restantes crianças de 3 anos carimbaram as mãos. No trabalho foram escritas frases ditas pelas crianças, relativas aos direitos das crianças.



Engenharia é obra mas também engenho...

Alfredo Soares-Ferreira *

A Engenharia

Quando o ensaísta Gilberto Freyre propôs, nos anos setenta do século passado, uma definição de Engenharia, como “...aquela arte-ciência que desenvolve a aplicação de conhecimentos, quer científicos quer empíricos ou intuitivos, à criação e ao aperfeiçoamento de estruturas sociais, ou de formas de convivência social, inclusive política ou econômica”, poderia estar a antecipar os fantásticos avanços que determinaram as décadas seguintes, até à actualidade.

A Engenharia estimula a aplicação do conhecimento e da racionalidade na procura de melhores soluções, possibilita o trabalho em equipas diversificadas, envolvendo profissionais que trazem aos projectos e empresas, a sustentabilidade económica que permite enfrentar a competitividade dos mercados abertos. Estão em jogo todas as tecnologias, a concepção e o acompanhamento do projecto e a relação custo-benefício. A Engenharia contém ainda, uma vertente multicultural e holística, capaz de poder contribuir para consubstanciar ideias, em projectos e iniciativas concretas, ao serviço das pessoas, das instituições e dos países. O papel da Engenharia adquire assim, uma vocação determinante, difundindo e disseminando técnicas e tecnologias apropriadas com a apropriação dos saberes e metodologias que melhor se adaptem às realidades locais.

Uma nova forma de ver a Engenharia

Provavelmente, novas situações e novos enquadramentos geoestratégicos implicam abordagens diferenciadas de alguns conceitos. Tradicionalmente, o engenheiro seria visto como

* Aluno do Liceu Sá de Miranda entre 1959 e 1966.
Licenciado em Engenharia de Telecomunicações.

o “homem da engenharia”, o técnico que ostenta um título académico e que estaria ligado à prática, ao saber-fazer. Todavia, a partir da década 80/90 do século XX, o conceito passaria a ser mais abrangente, talvez mais congruente. A “descoberta” de “novas engenharias” ajuda a clarificar os novos enquadramentos possíveis, aos “novos engenheiros”: Engenharias Biomédica, Biónica, Bioquímica, Cognitiva, Genética, Geofísica, Gestão, Projecto, Recursos Humanos, Sistemas e Tecnologias Sociais, Transportes, são apenas alguns dos sectores de possível abordagem e de alargamento dos campos tradicionais que herdamos dos meados do século XX. Uma das interessantes vertentes actuais é a designada Engenharia da Formação, condição fundamental para uma correcta transferência de tecnologias e de saberes, e que assegura a concepção, a gestão, a coordenação e a avaliação dos projetos. Se passarmos à correlação da Engenharia com as Ciências Aplicadas, vamos encontrar pontes para aplicações na Matemática, Física, Química, Biociências, Medicina, Economia e Gestão, com novos métodos de abordagem e de análise. As novas situações, implicam novas exigências. Por exemplo, a forma como são preparados os jovens engenheiros, uma vez que são comumente assumidas, desde há pelo menos 10 ou 15 anos atrás, as deficiências no ensino da Engenharia. Ao pensamento dedutivo e indutivo, tradicionais no ensino da Engenharia, deve ser aposto um outro tipo de pensamento, precisamente o pensamento produtivo, uma vez que, a nível de processos mentais se colocam inevitavelmente questões relacionadas com o conhecimento (teórico, técnico e prático), o saber-fazer, o saber-operar e a motivação para.

Vale a pena fazer diferente?

Desde meados do século XX, têm-se multiplicado diversas experiências no sentido de promover soluções de engenharia sustentável, que podem ser exemplos a seguir. Muitas delas resultam de vontades individuais, fruto muitas vezes de um voluntarismo evidente. Outras são resultado de transferências de soluções muito simples, mas que, para países carenciados,

adquirem um significado muito especial para a autonomia das populações. A pobreza é uma realidade que bate à porta, mesmo na Europa, um continente tido como estável e que, no limiar deste século, vai descobrindo sinais de um “desenvolvimento” desequilibrado, muito devido a fenómenos ligados à especulação dos mercados financeiros e à ausência de uma verdadeira política de coesão e de convergência. Nos países em desenvolvimento os desequilíbrios são uma constante fonte de conflitos, atingindo os mais desfavorecidos, sempre muito longe dos centros de poder. Apontamos alguns exemplos de sucesso, que poderão ser fonte de conhecimento. Sobre eles, vale a pena equacionar, por exemplo, a viabilidade de aplicação noutros locais, noutros países, partindo sempre do princípio que pequenas ideias (boas ideias) poderão eventualmente ser possibilidades de soluções, desde que devidamente enquadradas e tendo em vista, resultados concretos. A sustentabilidade, que se procura, pode ter respostas diversas, desde que não tenha unicamente como fim em vista, o lucro imediato, mas sim a satisfação de necessidades básicas, que possibilitam a autonomia das populações. Exige-se uma atitude responsável e solidária, que deverá estar intimamente ligada ao rigor técnico, com critérios de eficácia e eficiência. Aos engenheiros, estará então cometido um importante papel, um desafio também, na exacta medida da responsabilidade social que acarretam as suas eventuais decisões.

E onde está afinal a diferença?

Apresentamos 2 casos, de 2 engenheiros, de gerações diferentes, que contribuíram para a autonomia das populações, com soluções criativas que deixaram marcas nos territórios onde foram implementadas. Graças ao brasileiro Fábio Rosa (nascido em 1960) e ao colombiano Paolo Castrillón (nascido em 1944), o mundo estará eventualmente um pouco melhor.

a. Fábio Rosa e a electrificação das zonas rurais do Brasil

Fábio Rosa, cidadão brasileiro, de Porto Alegre, é engenheiro

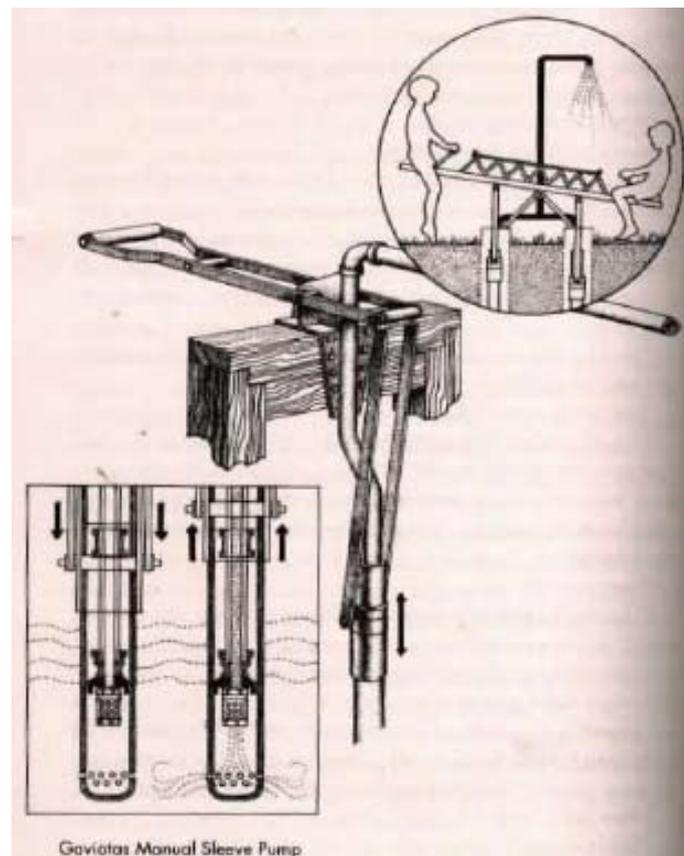
agronomo pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Em 1982, após concluir a sua licenciatura, Fábio foi convidado a visitar o estado de Palmeras, um município rural no sul do Brasil. Após estabelecer contacto com as populações, Fábio percebeu que os habitantes das aldeias tinham um grande problema: para cultivar arroz é preciso muita água, mas os fazendeiros ricos eram donos da maioria dos diques e dos canais de irrigação, e punham o preço da água muito alto. Um quarto dos custos de produção pagos pelos pequenos agricultores era para água, três vezes mais do que a média mundial. Uma vez que a principal fonte de rendimento das populações, era a rizicultura irrigada, Fábio acreditou que seria possível irrigar as plantações de arroz a partir de poços artesianos. Mas isso levantava outro problema sério: era preciso electricidade para as bombas de água, mas 70% da população rural de Palmares – aproximadamente 9.000 pessoas – não tinha electricidade. Com a preciosa colaboração de Ennio Amaral, e a anuência do Prefeito de Palmares, Fábio conseguiu instalar, a título experimental, um sistema de distribuição de energia extraordinariamente barato, um sistema de corrente monofásica de alta tensão, suficiente para um consumo de energia reduzido, através de um único cabo, utilizando postes de madeira em vez de betão, fios eléctricos de aço em vez de cobre, e condutores de aço e zinco no lugar dos de alumínio. Com electricidade barata, os agricultores podiam fazer poços artesianos e irrigar as suas terras, assim livres da tirania da água. O sistema inventado por Fábio e Ennio funcionava perfeitamente, mas era ilegal. Os interesses da energia estadual e federal impediam-no de o estender para além do local de teste. Com a influência do perfeito, Fábio Rosa obteve autorização para prosseguir com a sua experiência. Porque não disponha de meios financeiros suficientes para concretizar o seu plano, Fábio Rosa conseguiu mobilizar os agricultores locais para ajudarem a construir o sistema. Vários problemas foram entretanto superados: as perfuradoras tradicionais tipo martelo, utilizadas para furar poços, funcionam a corrente trifásica, foram substituídas por bombas de pressão de água, que funcionam a gasóleo, deixando o subsolo suficientemente solto para colocar

os tubos de polietileno; as bombas necessárias, para trazer a água para a superfície, também funcionavam com energia trifásica, mas porque a pressão natural do solo trouxe a água para uma profundidade média de quatro metros, isso foi suficiente para que uma bomba de energia monofásica, levasse o resto até à superfície. Foram assim instalados os primeiros poços de irrigação de baixo custo. Para mobilizar apoio político para a electrificação rural, Fábio encontrou-se com jornalistas e visitou prefeitos nos municípios vizinhos, incitando-os a construir um lóbi na assembleia municipal. Entretanto, comprou fio eléctrico e contratou duas empresas que concordaram em produzir os transformadores miniatura de cinco quilowatts de que o sistema precisava. Os agricultores tinham concordado em fornecer árvores das suas propriedades para os postes eléctricos. Fábio descobriu que conseguiam usar apenas três postes por quilómetro, um quarto do número exigido pelo governo. Dois anos depois, em 1988, 400 famílias rurais tinham ligação à rede eléctrica com um custo de 400 dólares por família, menos de 1/17 avos de 7.000 dólares cobrado pelo governo, 75% dos agricultores compraram bombas de água, e 80% compraram frigoríficos ou televisões. Outros compraram máquinas de processamento de arroz, iluminação eléctrica, vedações e caldeiras. Os rendimentos aumentaram de 50 a 80 dólares por mês para 200 a 300 dólares por mês. Para Fábio, a descoberta mais fascinante, era que quase 1/3 das habitações abrangidas (130 em 400), pertencia a pessoas que tinham regressado da cidade devido ao projecto de Palmares. Fábio passou a viajar pelo Rio Grande do Sul a promover a electrificação rural. Entre 1990 e 1993 levou electricidade a 25.000 residentes rurais com baixos rendimentos. Trabalhando com produtores de milho, de sementes de soja e de leite, demonstrou-se a aplicabilidade generalizada do projecto de Palmares. Em 1996, o Rio Grande do Sul lançou o Pró Luz II, um plano de 34 milhões de dólares, para levar electricidade a mais 160.000 pessoas. Por razões políticas, a campanha estadual recusou a ajuda de Fábio. Mais tarde, nesse mesmo ano, o Estado de São Paulo lançou um projecto de electrificação rural de 240 milhões de dólares, baseado no

sistema de Fábio, para fornecer electricidade a 800.000 pessoas. [Bornstein, D., 2007].

b. Paolo Castrillón e a recuperação de Las Gaviotas figura

Paolo Castrillón, cidadão colombiano, é engenheiro civil e ambiental e doutorado em Ciência e Tecnologia pela Universidade norte-americana de Carneige Mellon. Fruto dos seus conhecimentos, ganhou uma bolsa da ONU para a Agricultura e Alimentação, para estudar o desenvolvimento no Médio Oriente. A sua actividade levou-o ainda às Filipinas, onde se dedicou à gestão de projectos de saúde pública e tratamento de águas e fontes de energia alternativa, utilizando resíduos de cana-de-açúcar. É conhecido como “tropicalizador do pensamento”, pela sua dedicação à causa dos projectos ambientais produtivos, designados “projectos de desenvolvimento e vida”. Em 1966, Castrillón cria o Centro de Pesquisa Ambiental, na localidade de em Las Gaviotas, em Vichada, 500 quilómetros a leste de Bogotá; um território que era uma grande planície, selvagem e árida, habitada em tempos pelos índios Guahibos e sem quaisquer condições mínimas de subsistência. Foi aqui que, desde 1966 e, durante 36 anos, se desenvolveu uma intervenção global, que passou, nomeadamente, por um programa de reflorestamento extensivo, com mil hectares reflorestados; com a floresta voltou a água, purificada por filtração através do húmus, que posteriormente é engarrafada e vendida a um preço razoável para combater doenças do aparelho digestivo. E ainda, pela aposta na reciclagem de papelão, obtido a partir de resina de pinheiro; as caixas fabricadas por este processo, foram premiadas como “inovação na embalagem”. E finalmente, pelo apetrechamento do hospital, entretanto construído, com um sistema de auto-suficiência energética, de água destilada, com um sistema de ar condicionado natural, produtos de cozinha de agricultura biológica e cultivo de plantas medicinais. Assim se foi construindo a comunidade Las Gaviotas. Um trabalho multi-disciplinar, envolvendo as áreas, social, económica e ambiental. Uma comunidade auto-sustentável, do ponto de



vista energético, economicamente produtiva e em harmonia com o meio ambiente. A comunidade recebeu diversos prêmios nacionais e internacionais, entre 1976 e 1997, nomeadamente a nível das Nações Unidas. Em 2005, o projecto da comunidade iria servir de base ao projecto nacional para o desenvolvimento da Orinoquia Colombiana, estendido a 6 milhões de hectares. Em colaboração com técnicos, professores, engenheiros e cientistas nasce, na Universidade de Los Andes, a Fundação Gaviotas. A equipa introduz uma prática de pesquisa orientada, onde a primeira das preocupações é reinventar a inovação, utilizando apenas os recursos locais à disposição, sem danificar o meio ambiente. Castrillón defende sempre que não pode haver soluções iguais para situações diferentes e é, nesta premissa que

se apoia para tentar encontrar, nas comunidades, as respostas adequadas, utilizando e promovendo os recursos próprios. Surgem então, por exemplo: utilização da energia solar para produzir electricidade, moinhos e mini-bombas para extracção de água e ainda, tanques de fermentação utilizando as fezes do gado para fornecer gás metano para cozinhas. O exemplo das mini-bombas é paradigmático, pela simplicidade que envolve. Em estrita colaboração com engenheiros da Universidade de Los Andes, foi instalado, um sistema barato de extracção de água, que consiste em bombas colocadas em carrosséis onde brincam as crianças. O movimento giratório inerente ao funcionamento do carrossel, vai ser então canalizado para permitir a extracção da água, que jorra de um tubo vertical num tanque de cimento aberto... Esta bomba, retratada na fig. 1, simples e barata, tem aliás revolucionado a vida rural em toda a Colômbia: no fundo trata-se de um sistema que as pessoas agora utilizam para transportar a água em baldes de lama dos rios tropicais, fornecendo depois as aldeias com água limpa.

O exemplo do trabalho da E&O

Desde a sua fundação em 2006, numa das mais prestigiadas escolas de Engenharia do nosso País, a E&O tem contribuído com iniciativas e projectos, para “Melhorar a qualidade de vida das populações de países fragilizados, criando condições que permitam aumentar a sua autonomia através de projectos integrados de engenharia.” Em 2010, construiu o edifício do Centro Comunitário de Alto Balide, em Díli, Timor-Leste, e apoiou o equipamento do Centro. O Projecto do Centro Comunitário de Timor-Leste, em Díli, compreendeu uma primeira fase, a obra de construção e qualificação do edifício. A segunda fase, foi a construção do edifício, levada a cabo através da colocação de um piso superior, sobre uma pequena estrutura de apoio existente no local e pertencente ao parceiro local, a Estrela Da Esperança Association, uma entidade sem fins lucrativos, com trabalho desenvolvido em favor das comunidades locais de Alto Balide, em Díli. A opção foi pelo aproveitamento

de uma pequena estrutura de apoio existente no local que, depois de devidamente analisada em termos de capacidade de carga, foi ampliada e, sobre ela, colocada uma placa para edificação de mais um piso. Recorreu-se a colaboração de uma empresa local, com trabalhadores da aldeia e obedecendo a metodologias de trabalho com ritmo próprio. Está em curso, desde 2010, um projecto de continuidade do Centro, através da implementação de uma unidade de cuidados de saúde e de uma unidade de formação para mulheres e jovens.

Referências

- Bornstein, David (2007) *“Como Mudar o Mundo – Os Empreendedores Sociais e o Poder das Novas Ideias”*, Estrela Polar, 50-72, 177-201 e 269-279.
- Callaos, Nagib, (2008), *“The Essence of Engineering and Meta-Engineering: A Work in Progress, 1º Draft”*, disponível em: www.iis.org/.../Engineering-and-Meta-Engineering/Engineering-and-MetaEngineering.pdf
- Drayton, W. (2002). *“The citizen sector: becoming an entrepreneurial and competitive as business”*, California Management Review, 44(3), 120-132.
- Freyre, G (1987), *“Homens, Engenheiros e Rumos Sociais”*, Record, 27-29.
- Malpas, R., (2000), *“The Universe of Engineering: A UK Perspective”*, Royal Academy of Engineering.
- Santos, Filipe D., (2007), *“Que Futuro?”*, Lisboa, Gradiva Pub, 531-540.
- Pina, Carlos (2010), *“Transferência de Conhecimento e Tecnologia na Cooperação com os Laboratórios de Engenharia Civil dos PALOP, Timor-Leste e Macau”*, Conferência *“Conhecimento, Capacitação e Transferência de Tecnologia”*, Lisboa, disponível in: http://www.umic.pt/images/stories/noticias/Conferencia_DDD_LNEC_Prof.CarlosPina.pdf
- Unesco (2006), C.N., *“Década das Nações Unidas da Educação para o Desenvolvimento Sustentável, Contributos para a sua dinamização em Portugal”*, Lisboa, 9-12.
- Nações Unidas (2015), *“Agenda 2030 - Objetivos de Desenvolvimento Sustentável”*, disponível em: <http://www.instituto-camoes.pt/activity/o-que-fazemos/cooperacao/cooperacao-portuguesa/mandato/ajuda-ao-desenvolvimento/agenda-2030>
- World Bank (2000) *“Declaração Milénio das Nações Unidas, Resolução A/RES/55/2”*, Lisboa

“Outras” Geometrias

Ana Rodrigues *

“Antes, as distâncias eram maiores porque o espaço se media pelo tempo”

“Toda a linha reta é o arco de um círculo infinito”

Jorge Luís Borges

Muitos são os poetas e os escritores que usam conceitos geométricos nas suas poesias e narrativas. No entanto, se a geometria que está na base desses conceitos não for a Geometria Euclidiana, teremos sérios problemas de compreensão porque, na nossa aprendizagem, apenas lidamos com a Geometria Euclidiana.

Ao descrever uma figura plana como sendo um polígono convexo com quatro lados, todos com o mesmo comprimento, com quatro ângulos retos e cujas diagonais têm o mesmo comprimento, todos imaginamos o mesmo: sem qualquer hesitação, idealizamos um quadrado. Isto acontece porque a nossa visão geométrica se baseia na Geometria Euclidiana. Mas será que aquilo a que nós chamamos “quadrado” pode representar outra figura plana?

A noção Euclidiana de distância refere que:

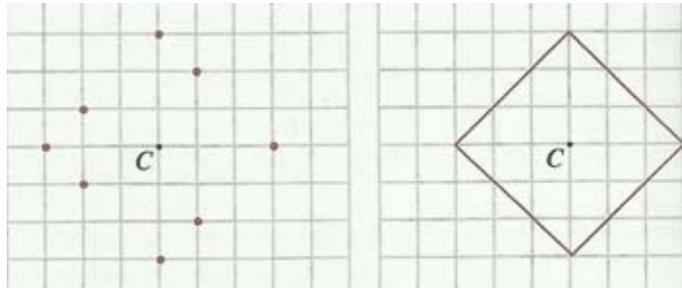
“A distância entre dois pontos é o comprimento do segmento de reta que os une”.

Mas há uma outra geometria, denominada Geometria do Motorista de Táxi (GMT), que difere da Geometria Euclidiana na noção de distância. Nesta geometria, a distância não é medida

* Professora da Escola Sá de Miranda

como o voo de um pássaro, mas como a viagem de um táxi numa cidade, cujas ruas se dispõem vertical e horizontalmente.

Deste modo, aquilo que a nossa visão geométrica reconhece como sendo um “quadrado”, na GMT representa uma táxi-circunferência.

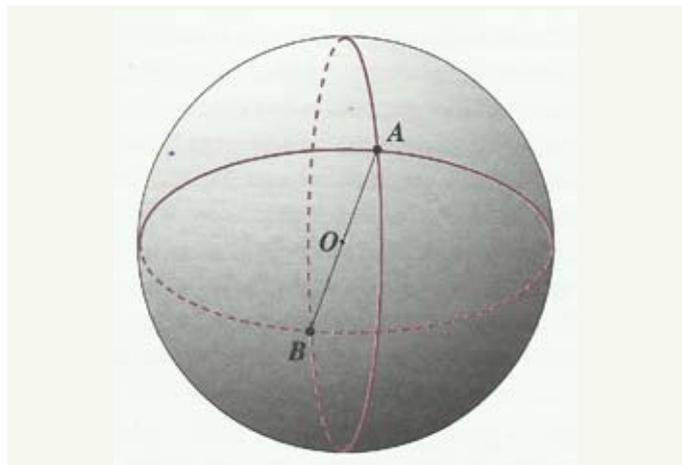


Outro ensinamento da Geometria Euclidiana diz-nos que:

“Por dois pontos, A e B, passa uma e uma só reta”

Será isto uma realidade noutras geometrias?

Na Geometria Esférica, cujo modelo é uma superfície esférica, as retas são circunferências máximas (resultam da interseção da superfície esférica com um plano que contém o seu centro). Caso os pontos A e B sejam antípodas, há um número infinito de circunferências máximas que os contêm, ou seja, por dois pontos pode passar um número infinito de retas.

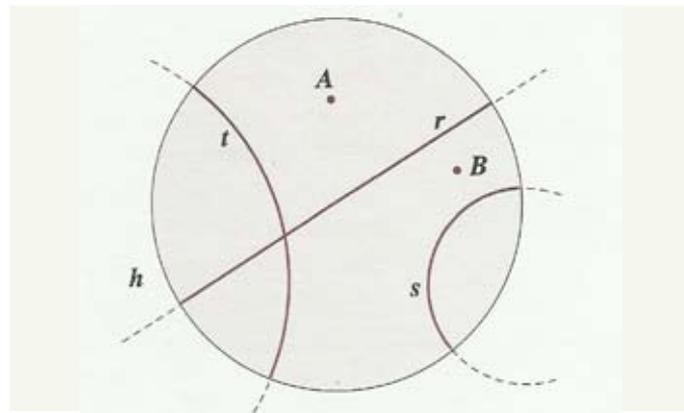


Aprendemos também com a Geometria Euclidiana que:

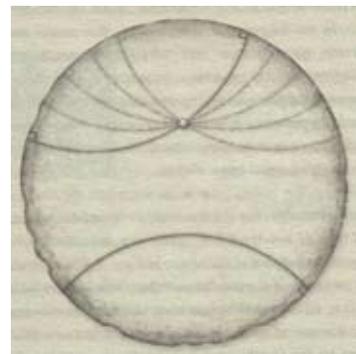
“Por um ponto exterior a uma reta, passa uma e uma só reta paralela a esta.”

Na Geometria Esférica, isto é impossível. Se as retas são circunferências máximas, então todas elas se vão interseçar nos pontos antípodas. Na Geometria Esférica não existem retas paralelas.

Outra geometria não Euclidiana é a Geometria Hiperbólica, cujo modelo utilizado para demonstrar a sua consistência foi aperfeiçoado por Poincaré, e consiste num círculo – o círculo h. Neste modelo, as retas são circunferências e retas ortogonais a h.



Assim, neste mesmo modelo, por um ponto exterior a uma reta é possível traçar uma infinidade de retas paralelas à reta dada.



A matemática serviu e serve de inspiração a artistas e a geometria, particularmente, despertou a curiosidade de alguns, como Almada Negreiros e M. C. Escher. Este último, artista gráfico holandês, inspirado no modelo de Poincaré, fez uma tentativa da representação do infinito. Para levar a cabo essa missão, criou quatro xilogravuras que denominou Limites circulares.

O Limite circular III é, segundo o seu autor, a xilografia onde a ideia de infinito está melhor representada. O facto de os peixes irem reduzindo de tamanho do centro para a linha da circunferência faz com que o limite imposto pela fronteira física do papel seja anulado.

Com esta pequena incursão por algumas geometrias não Euclidianas pretendeu-se mostrar um pouco da diversidade na geometria.

Existem muitas “outras Geometrias” e a sua abordagem seria uma tarefa atrativa, mas impossível de concretizar neste espaço limitado, onde apenas a imaginação pode ser infinita.



Euclides, o pombo

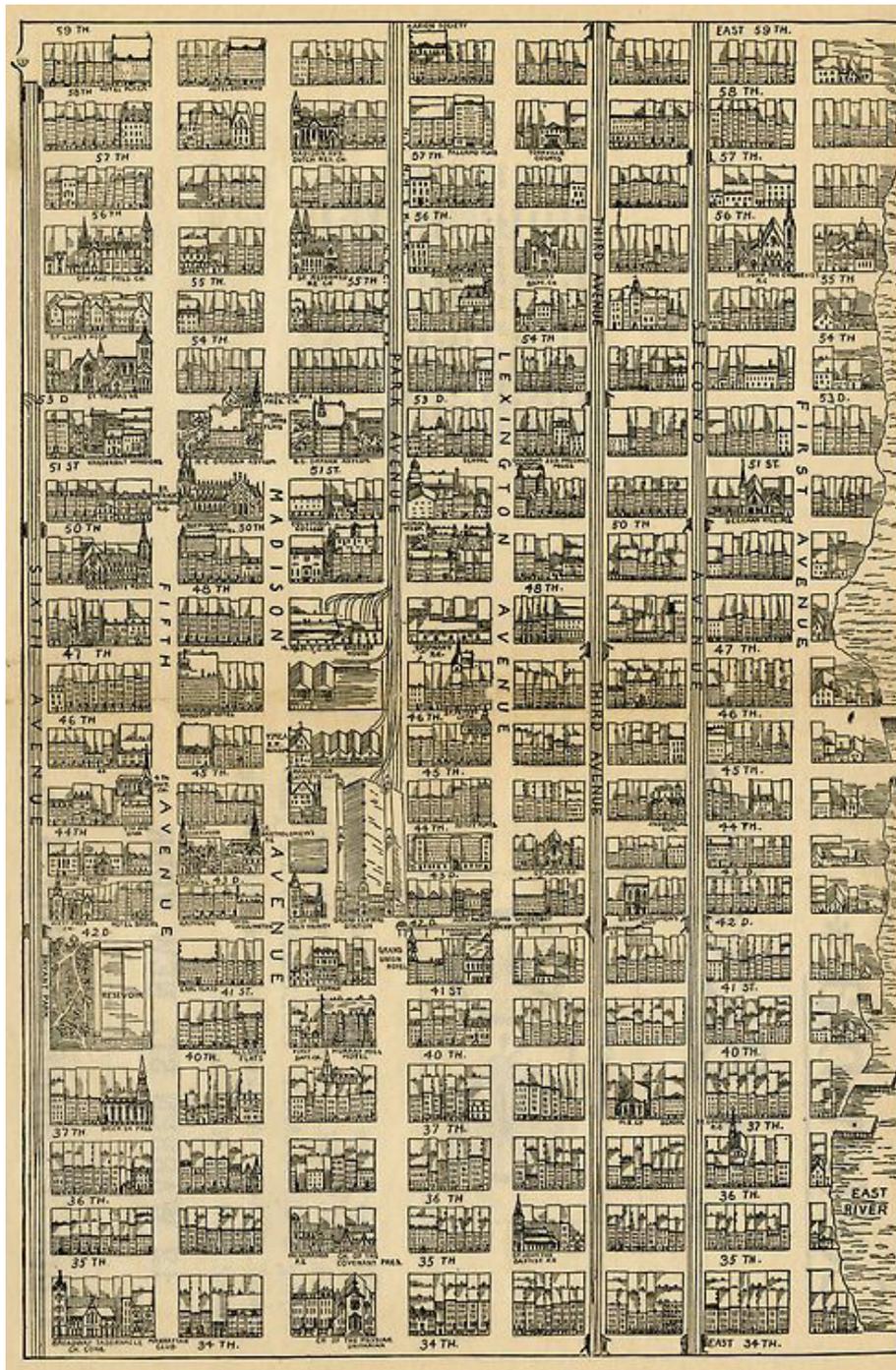
Fernanda Carvalho *



Chamo-me Euclides e sou um pombo que vivo nos telhados de Manhattan. Manhattan é um burgo de Nova Iorque. No início do século XIX foram rasgadas as suas ruas, perpendiculares, em duas direções: norte/sul e este/oeste. A sua geografia é como uma folha de papel quadriculado.

Como não tenho muito que fazer, porque muita gente me dá de comer, costumo conversar com alguns taxistas. Um destes é um imigrante italiano, chamado Luigi. Ele chama-me Euclides eu chamo-lhe Minkowsky. E por que nos tratamos por estes nomes? Vou explicar.

* Professora da Escola Sá de Miranda



Há tempos chamaram o Luigi que estava comigo no cruzamento da 7ª avenida com a rua 15 (ponto A), para o cruzamento 5ª avenida com a rua 23 (ponto B) (Figura 3). Combinamos partir de A e encontrarmos-nos em B. Quando chegamos disse-lhe:

- Vim pelo caminho mais curto, pois já Euclides dizia, no século III a.c., que o caminho mais curto entre dois pontos é o comprimento do segmento de reta que os une (Figura 4).

Respondeu-me o Luigi:

- Pois, pois... É verdade o teu caminho é mais curto mas só é viável para pássaros, passarinhos e passarões! Nem os aviões seguem em linha reta... Um taxista só pode ir em linha reta se os dois pontos estiverem na mesma rua! Sabes que Minkowsky, no século XVIII, estudou uma outra métrica, a Geometria do motorista de táxi (GMT)? Repara, tu só tens um caminho para seguir de A para B, já eu tive 45 hipóteses de escolha do caminho mais curto a seguir (Figura 5).

- Quarenta e cinco maneiras de percorrer o caminho mais curto? Como descobriste isso?, perguntei

E o Luigi, que sabe alguma Matemática, disse:

- Podes contar os 45 caminhos mas o Pascal, um Matemático do século XXVII, encontrou uma fórmula mais simples de o calcular.

Pensei, pensei e não me deixei ficar:

- Luigi, se tiveres um ponto C, quantos

pontos a uma determinada distância desse ponto, tu encontras?

O Luigi pegou numa folha de papel quadriculado e começou a marcar pontinhos de cor diferente consoante a distância (Figura 6).

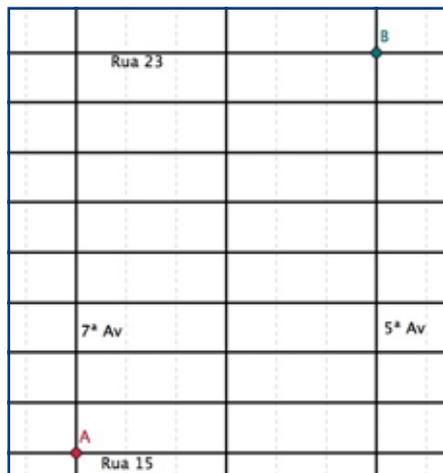
- Descobri, disse Luigi! O número de pontos a uma determinada distância depende da distância... Distância 1, 4 pontos; distância 2, 8 pontos; distância 3, 12 pontos... E se for distância 20?

- Já percebi, serão 80 pontos? Mas no meu caso, de voo em linha reta, tenho sempre infinitos pontos.

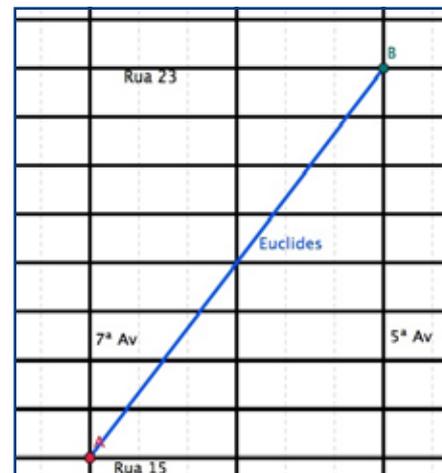
- Sempre uma circunferência de raio igual à distância que pretendes.

- Ganhei, gritei eu! As tuas circunferências são pontos que unidos formam um quadrado!

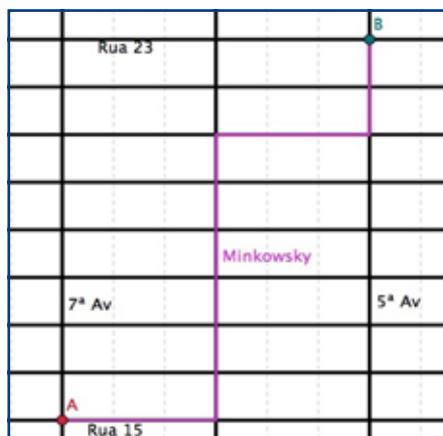
Vamos agora procurar todos os pontos equidistantes (à mesma distância) de dois pontos A e B. E estamos ambos a fazer esta pesquisa. Nós, Euclides e Minkowsky, somos amigos! Descobrimos que não há uma só geometria, depende do ponto de vista!



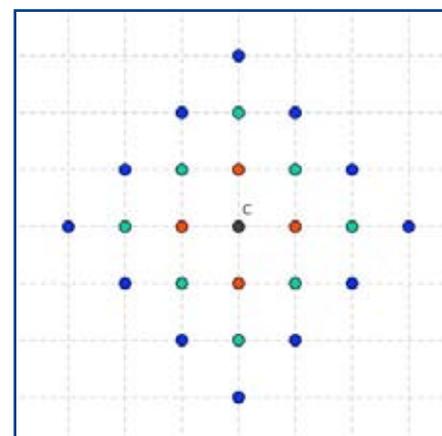
(Figura 3)



(Figura 4)



(Figura 5)

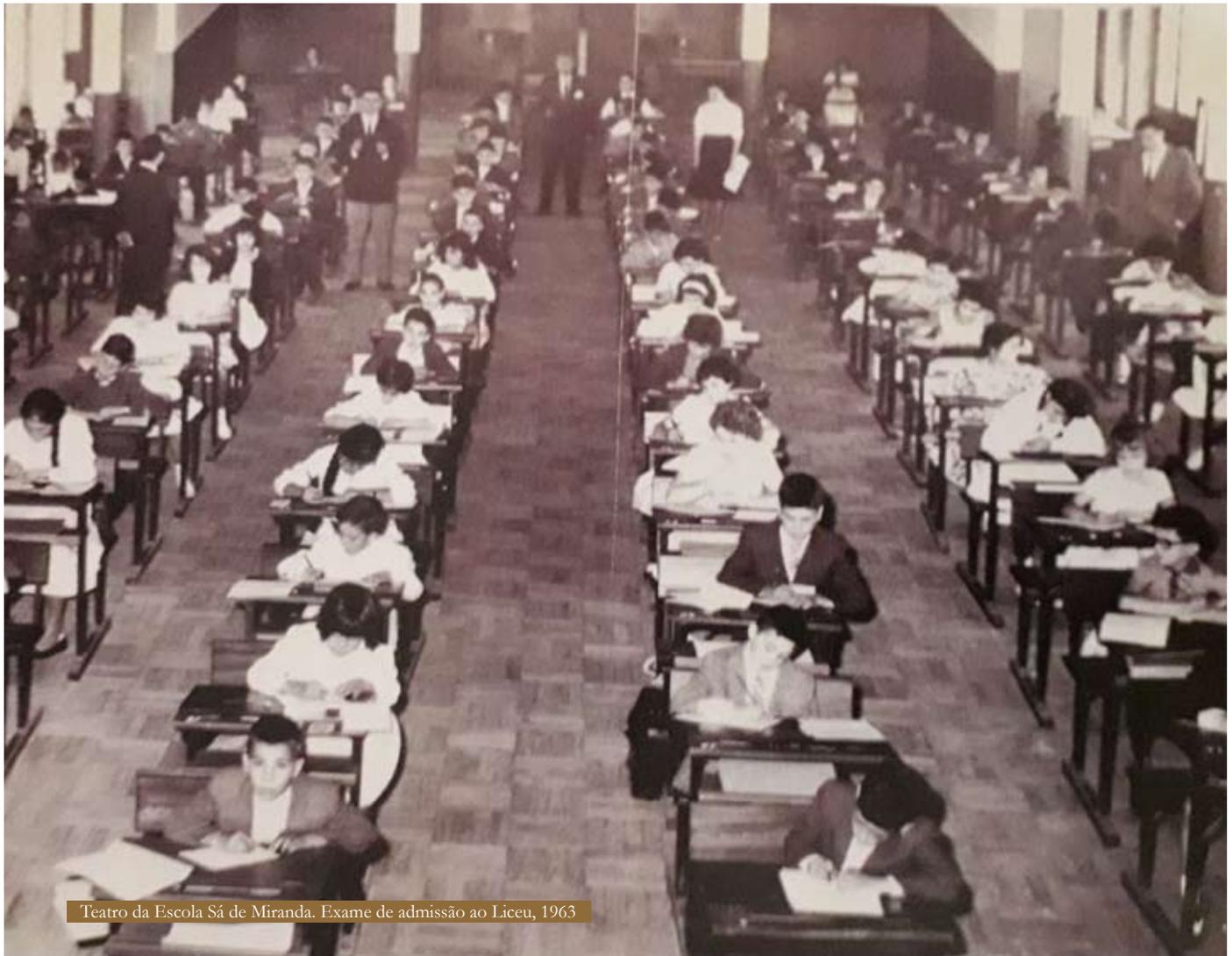


(Figura 6)



A DIVERSIDADE CULTURAL

Templo hindu, Ilha da Reunião (visita realizada no âmbito do Programa Erasmus+)



Teatro da Escola Sá de Miranda. Exame de admissão ao Liceu, 1963

A GUERRILHA DA EMPENHOCA - os exames liceais entre a credibilização e os jogos de influência (1873-1894)

Rodrigo Azevedo*

Temos certo que o serviço dos exames finais tem a mais directa e decisiva influência na prosperidade ou decadência da nossa Instrução Secundária, conforme for bem ou mal dirigido; e sendo de alta conveniência social que os diplomas conferidos à mocidade escolar exprimam verdadeira e sábia habilitação, tanto para o ingresso e aproveitamento nos estudos superiores e especiais, como para a formação e educação do carácter nacional.

Os exames constituíram sempre um dos cernes de cada ano lectivo nas instituições escolares, muito particularmente nas liceais. Eram considerados como momentos decisivos para cada aluno e para os seus pais, bem como para as escolas de Ensino Particular e os leccionistas que pululavam, no Portugal Oitocentista, em torno dos liceus, parasitando-os, sendo a aprovação, na generalidade dos casos, uma ocasião relevante de encenação e afirmação social. Deste modo, qualquer mudança no sistema rotineiro, que foi sendo gizado ao longo das primeiras três décadas de funcionamento dos liceus, trazia forte perturbação, protestos, realização de reuniões reivindicativas, agitação na Imprensa e discussões parlamentares.

O Regulamento do Ensino Liceal de 1873, publicado na sequência da Reforma de 1872, trouxe uma alteração profunda em alguns aspectos do processo de exames, a mais saliente das quais foi, sem dúvida, a modificação da composição dos júris. Passaram a ser constituídas comissões para esses exames, uma para cada uma das três Circunscrições em que, para tal efeito, o país foi dividido. Podiam pertencer a essas comissões os professores do Ensino Público Superior, Secundário e Especial, os membros da Academia Real das Ciências e, ainda, indivíduos conhecidos por possuírem competência numa ou

* Professor da Escola Sá de Miranda e
CITCEM da Faculdade de Letras da Universidade do Porto

mais das disciplinas a examinar. Os professores liceais, embora constituíssem a maioria dos membros das referidas comissões, estavam impedidos de examinarem nas suas escolas, pelo menos nas disciplinas que tinham leccionado, não podendo nenhum júri ser composto por uma maioria de docentes do próprio liceu.

O objectivo fulcral deste trabalho reside no desocultar todo o jogo de forças que se enfrentaram – entre o Regulamento do Ensino Liceal de 1873 e a Reforma de 1894 - em torno da decisão do Poder Central, ou, pelo menos, da influente Direcção Geral de Instrução Pública, de credibilizar o processo dos exames liceais. Ou seja, compreender como os diversos actores em presença reagiram, impondo, aceitando, ou tentando resistir e reverter a situação, bem como as várias formas de que se revestiram esses actos.

Este artigo partiu da análise do elevado número de volumosos maços contendo as mais diversas espécies documentais (ofícios, circulares, ordens de serviço, relatórios, memorandos, telegramas, autos de investigação, processos disciplinares, abaixo-assinados e petições, entre outras) existente nos documentos da DGIP pertencentes ao Arquivo do Ministério do Reino, integrado na Torre do Tombo. A partir do estudo dos Copiadores de correspondência expedida e recebida dos Liceus de Braga e de Viana do Castelo, foi possível completar informações e cotejar perspectivas. Para além disso, procedeu-se à análise dos Livros de Actas das Reuniões do Conselho Superior de Instrução Pública, depositados no Arquivo Histórico do Ministério da Educação. Este estudo, que se pretendeu detalhado, foi completado pela análise de notícias sobre o ambiente que, anualmente, se gerava em torno do processo dos exames, bem como de artigos de opinião publicados, no período em questão, em vários jornais bracarense.

Um passo na uniformização do Ensino Liceal – a criação das Circunscções Académicas

A instituição das três Circunscções Académicas veio trazer uma nova figura, a dois tempos cronológicos, designativos e de poder diferenciado – a de presidente da Comissão de Exames (que

dirigia uma estrutura fluída e existente apenas nos períodos de avaliação final), a partir logo de 1873 e até à Reforma de 1880, e, em consequência desta, a sua transformação em inspector (que passa, até à extinção do cargo em 1892, a superintender uma estrutura permanente e com poderes de vigilância e controlo). Estes responsáveis (geralmente professores dos Ensinos Superior ou Especial) de uma primeira estrutura de descentralização regional neste âmbito, eram nomeados pelo Governo e assumiram um papel de intermediação, apenas quanto aos exames, no primeiro caso, ou na generalidade das relações entre as autoridades escolares e o Ministério da tutela, no segundo caso. Neste último contexto, (ancorados nas visitas obrigatórias que, ao longo de cada ano lectivo, faziam a todos os liceus) passam, no seu papel de agentes de normatização, a quem tinha sido atribuída a função de impor nos vários liceus um cumprimento estrito, nos campos burocrático e pedagógico, da legislação e das normas dimanadas do Poder Central, a aconselhar, criticar, ordenar, queixar-se, de um modo que, por desconhecido até então, foi considerado como intromissor, conduzindo a reacções explicitamente desfavoráveis de reitores, professores e de muitos dos interesses que gravitavam em torno dos liceus, tanto no capítulo económico, quanto nos dos prestígios social e político.

Reacções dos professores e reitores ao novo formato dos exames

Entre nós o exame é tudo. Das provas sucessivas da frequência do aluno não cuida o legislador (...) se o professor cumpre como deve as suas obrigações escolares, se compreende o espírito do programa, se emprega o melhor método, se explora e guia com o maior cuidado as faculdades do aluno, ninguém trata, nem as providências legislativas nem as regulamentares se ocupam com semelhantes ninharias; o exame é tudo; e para o exame é que todas as atenções se voltam, e todas as minudências se prescrevem.

Esta opinião crítica mostra, desde logo, o habitual desassombro

das afirmações de vários dos responsáveis das Circunscrições. Por outro lado, vem sublinhar a importância simbólica e real atribuída aos exames.

Muitos professores liceais não aceitaram, de boamente, a criação das comissões de exames e a sua intromissão num foro que sempre tinha sido, em cada liceu, dos seus próprios docentes. Tal é manifesto em diversos documentos, com alusões mais ou menos explícitas a tal situação, inclusivamente nos relatórios anuais que os docentes enviavam à DGIP:

Esses júris ambulantes de exames que nem sempre são constituídos na sua totalidade por pessoas amadurecidas no ensino (...); e cuja votação por escrutínio secreto quase anula a garantia da publicidade da exibição das provas: não são, em minha opinião, a última palavra do legislador quanto ao julgamento das provas de habilitações.

Os membros das comissões de exames bem sentiram tal clima e, em vários casos, o comunicaram:

O novo sistema de exames que este ano se inaugurou, parece ter desagradado aos professores dos Liceus. Além da indiferença (se não hostilidade encoberta), que a Comissão notou em muitos dos professores públicos foi bastante sentida a falta de cooperação no serviço de exames.

Os docentes temiam a perda de prestígio público e simbólico, junto da comunidade e dos seus alunos, que a sua exclusão dos júris locais podia parecer significar, mesmo quando eram nomeados para examinar noutros liceus. No dizer de um deles, então a exercer o cargo de reitor: “A dignidade e os interesses do professorado oficial estão sendo profundamente feridos, arrefecendo o zelo pelo ensino, e tendendo cada dia a afrouxar mais a disciplina dos alunos, cujos principais fiadores são o medo ou a esperança dos exames finais.”

Pelo seu lado, diversos reitores encararam a entrada, nos respectivos liceus, dos elementos das comissões num papel de destaque e de poder, que ultrapassava o seu, como uma violação explícita da autonomia das escolas e, em suma, da perda de um

aspecto crucial do poder efectivo e simbólico que detinham nas instituições e nas cidades em que elas funcionavam. Alguns não se coibiram de, entre outros documentos, nos relatórios anuais que enviavam ao Poder Central, criticarem o novo sistema, ou, pelo menos, a actuação de alguns examinadores enviados aos seus liceus.

Em vários casos, os presidentes das Comissões de Exames queixam-se de comportamentos hostis, pelo menos sob a forma passiva, de reitores e professores secretários dos liceus:

Quando o júri, a que presidi, chegou ao Liceu daquela cidade, [Viana do Castelo] no dia 16 de Agosto p.p., não encontrou nada do que se devia esperar para ali começarem os exames. Livros clássicos, papel, pauta de examinandos, mesas para serviço e tudo o mais que depende do cuidado do secretário, ou estava confundido, deslocado e coberto de pó, ou ainda não fora devidamente preparado.

Esta falta de zelo de funcionários públicos, aproveitara algumas apreciações temerárias sobre a forma do exame e pessoal para eles nomeado, animou os estudantes á prática de atos menos respeitosos para com os examinadores.

A assistência vigilante e controladora do público

Sobre diversos examinadores eram lançadas acusações de escassa competência para o desempenho das suas funções, fossem eles professores liceais, de outros ramos do Ensino, Público ou Privado, ou outros indivíduos sem ligação à docência convidados como especialistas, como a Lei permitia (advogados, proprietários, médicos, altos funcionários públicos ou padres, entre outros).

Os restantes vogais não possuíam suficiente facilidade em falar a língua [francesa], deste modo, ainda que bons gramáticos, alguns querendo desempenhar pela sua parte esta missão que o programa lhes incumbia, acharam dificuldades, e algumas vezes cometiam incorreções. Que são sempre objecto de reparo para o público que assiste a estes exames, e cuidadosamente regista

o mais pequeno descuido de quem tem a difícil missão de examinador a desempenhar.

A palavra público surge recorrentemente nos mais variados documentos, muito particularmente em relatórios sobre o decurso do processo de exames. Ele e a sua avaliação deste eram temidos, tendo que ser levada em conta. Como afirmava um responsável: “O público, cujo juízo não deve também perder-se de vista, era pouco favorável ao modo como se procedia nos interrogatórios”. Este público era constituído por parentes dos examinandos, outros alunos, professores e explicadores privados e, acima de tudo, por muitos membros das elites locais que, quotidianamente, faziam uma autêntica romaria até ao interior das salas de exame.

Os actos de exame eram de assistência livre, tanto os orais, quanto os escritos. Por diversas vezes, reitores tentaram afastar os espectadores dos exames escritos, mas tal foi sempre recusado pelos diversos governos. Em 1874, Rodrigues Sampaio, então ministro do Reino, na sequência de incidentes graves sucedidos no Liceu do Porto, entre os espectadores de um exame escrito e o reitor, que os expulsou da respectiva sala, decidiu, baseado num parecer da Procuradoria-Geral da Coroa:

1º Que todos os exames devem ser públicos conforme se acha estabelecido no Decreto com força de lei de 20 de Setembro de 1844;

2º Que nas salas dos exames deve sempre haver espaço reservado para o público, tomando-se as necessárias providências, a fim de que os espectadores se conservem separados dos examinandos e não perturbem o andamento do serviço;

3º Que a polícia das salas dos exames pertence aos presidentes das mesas e aos reitores; não sendo porem permissível que, para manter a ordem e regularidade dos trabalhos, se altere a natureza do acto dos exames, tornando secreto o que a lei manda que seja publico.

As consequências desta interpretação legislativa foram óbvias. Ao escutarmos a voz de alguns responsáveis, é possível verificar,

por exemplo, que: “Observo sempre que em dias das provas escritas é precisamente quando a sala dos exames regurgita de espectadores, que se obstinam em formar colunas na frente da mesa e aos lados dos examinandos.”. Ou, segundo este reitor vianense: “É sabido que alguns examinandos iludindo toda a vigilância, no que também muito os favorece a disposição das salas, logram todos os anos receber de fora a resolução dos problemas.”. Ou ainda, na voz de um inspetor: “Faz-se tão mal a polícia nas casas d’examens, que só não recebe de fora o problema resolvido quem não quer”. Em diversos documentos oficiais surgem relatos sobre a atitude de pais e professores do Ensino Particular que, após a leitura, ou escrita no quadro, do ponto de exame, que tinha sido tirado à sorte por um aluno, de entre os depositados numa urna, corriam para o exterior da sala para o resolverem, regressando, posteriormente, tentando, sob a forma escrita, ou oral, transmitir as soluções aos estudantes. Neste contexto, era muito difícil aos examinadores e reitores fazerem cumprir o conselho da Junta Consultiva de Instrução Pública: “Obstar a que alguns Directores de colégios e professores indiquem por sinais convencionais, ou por outros meios, o modo de resolverem os examinandos os pontos para as provas escritas”.

A empenhoca, ou o enredar dos examinadores nas teias pressionantes do relacionamento social

É proibido aos examinadores aceitar ou receber carta, papel ou recado algum em acto de exame, com qualquer pretexto que seja. A cunha, a empenhoca, como então se dizia era procurada como a salvação mirífica dos examinandos. Como constatava um dos responsáveis da Circunscrição nortenha, os estudantes “(...) se apresentam em vez de habilitações com braçados de cartas de recomendações que são uma verdadeira perseguição para os examinadores, principalmente em terras pequenas”. Um professor, eleito pelos seus pares dos liceus nortenhos para o Conselho Superior de Instrução Pública, refletia, num relatório apresentado àquele Conselho, sobre a realidade de

exames onde a protecção, tida, em muitos casos, como certa, conduzia a que os alunos não estudassem para as provas que iriam realizar:(...) se tudo varia com o acaso da composição do júri de exame, não é natural que o aluno se contente com umas generalidades banais, com a superficialidade balofa, tratando mais que tudo de descobrir, de procurar, de conseguir no fim do ano recomendações e empenhos, aos quais e à sua boa estrela confia mais o resultado do exame, do que a um estudo pertinaz, e a uma aplicação incessante de todo um ano letivo?

Exceptuando os casos de Lisboa e do Porto, todas as outras cidades onde se situavam liceus eram de pequena, quando não pequeníssima, dimensão populacional. Os professores, mesmo quando providos vitaliciamente, aí viviam e estabeleciam as suas relações sociais. Para além disso, a maioria deles, pelo menos no caso dos liceus minhotos, desempenhava outra actividade profissional fora dos liceus (como médicos, advogados, militares, comerciantes, industriais, jornalistas ou proprietários de jornais, sacerdotes, entre outras actividades), o que os colocava muito mais expostos a um mundo onde se entrecruzavam influências que, ao longo dos tempos, se iam entretecendo no contexto dos pequenos poderes e dependências, bem como das solidariedades locais. Os inspectores conheciam bem essa realidade e relatavam-na explicitamente à tutela:

Sendo [nas cidades com liceus nacionais] muito intimas as relações, o conhecimento e sociabilidade, avolumam-se pressões políticas e pedidos de toda a ordem, que colocam os professores, muita vez, em difícilimas colisões.

Esta situação agravava-se substancialmente no caso dos professores provisórios, como, tendo-a observado directamente no seu papel de membro de júris de exames do Ensino Secundário, assinalou detalhadamente Bernardino Machado:

Há mais instante, a preocupá-lo, o interesse da própria situação, e, como a conservação do lugar depende daquelas influências partidárias, em vez de ser ele que com a sua ilustração e com a sua justiça dirija a sua aula, entram-lhe pela aula adentro todos os parentes e amigos importantes dos seus alunos, e dissolvendo-lhe a disciplina,

impossibilitam-lhe o ensino. É preciso ensinar pouco para não embaraçar os discípulos poderosos, para os não humilhar diante dos outros, para os não impedir do exame, é preciso exigir ainda menos no exame para os não reprovar. Assim se tornam os liceus na escola de aprendizagem do empenho, da recomendação, na escola da preguiça e do desvanecimento, preparatórios seguros, mas para a imoralidade. Eis o que urge remediar imediatamente.

A nomeação dos professores provisórios, efectuada anualmente e caso a caso, a partir de uma lista ordenada realizada por cada Conselho de professores efectivos dos Liceus a que concorriam, (ordenação essa muitas vezes influenciada, quando não determinada por um outro tipo de empenhoca a que era feita por autoridades nacionais e locais, bem como por políticos influentes, ou destacados membros da Igreja, entre outros, sobre os reitores, cujo cargo era de nomeação ministerial, e os professores efectivos, muitos dos quais eram membros das vereações municipais, ou candidatos a elas e, até, deputados) tornou-se, devido a nenhum Governo ter aberto concurso para novos professores efectivos ao longo de cerca de duas décadas, campo de exercício de influências políticas e pessoais de toda a ordem e, concomitantemente, de latas dependências de cada um destes relativamente aos seus “protectores”. Claro que, como tão bem assinala Bernardino Machado, o momento fulcral de retribuir a sua colocação no liceu e de assegurar, em muitos casos, a subsistência profissional e económica no ano lectivo seguinte era o dos exames. Aí tinham que atender a uma série de pedidos, que para muitos deles não eram mais do que ordens imperativas, de aprovação dos alunos internos e externos.

Mariano Ghira, um dos vogais da Junta Consultiva da Instrução Pública, durante um debate prévio, nela realizado, à aprovação da nova legislação sobre os exames, ao alertar para a necessidade de uma maior exigência dos júris, reconhecia que tal iria levar à oposição “de alguns professores [do ensino público] que leccionam particularmente”, bem como de “alguns Directores de colégios, e professores que muito interessam em que se não dificultem as aprovações dos seus estudantes, muito embora com prejuízo da instrução”. Outro membro da Junta, José

de Lacerda, acrescentou mesmo haver necessidade “de se não trepidar diante das manifestações que podem vir daqueles que atendam mais aos lucros próprios que às vantagens do ensino, que o Governo tem obrigação de zelar no interesse geral”.

A promiscuidade, apesar de várias proibições ou interdições parciais de tal prática, entre a docência nos liceus e nos colégios por parte de muitos professores, dando, ainda, outros, ou os mesmos, explicações nas suas casas, onde alguns chegavam a alojar estudantes como pensionistas, ou nas dos alunos, era muito grande, principalmente nas cidades de maior dimensão. Tal conduzia a suspeitas, quando não à existência, de práticas violadoras da ética profissional no decurso dos exames. As autoridades académicas sublinhavam-no frequentemente, como é expresso, por exemplo, na seguinte afirmação de um inspector da 2ª Circunscricção: “ (...) quando o lecionista é ao mesmo tempo professor oficial e juiz, fica muito adiantada a solução do problema”.

Os responsáveis da Administração Educativa estavam cientes desta situação e tentavam diminuir o seu impacto, como é revelado em diversos documentos confidenciais enviados a inspectores e reitores. O seu teor era similar ao seguinte:

Convém pois que V.Ex^a tanto quanto possível diretamente e ao mesmo tempo requisitando a mais zelosa cooperação dos Reitores continue a pôr o melhor empenho em verificar e evitar essas queixas, habilitando-se simultaneamente a informar o governo sobre as necessidades a que convenha ocorrer para mais e melhor assegurar a seriedade, a correcção e o prestígio de tais atos.

Os inspectores pelo seu lado, desconfiando que as propostas de júris de exame, feitas pelos Conselhos de professores, escondessem interesses ocultos alteravam-nas constantemente.

O bom serviço dos exames depende da escolha de júris dignos e devidamente instruídos. Por este motivo e no intuito de minorar as pressões que, principalmente nas terras de província, sofrem os vogais examinadores, foram por esta Inspeccção modificadas, em ambas as épocas de exames, as propostas dos júris feitas

pelos Conselhos dos quatro liceus nacionais.

Algumas autoridades chegaram mesmo a assinalar a possível existência de fenómenos de corrupção, entre os docentes:

Em parte devido à insistência com que homens altamente colocados dirigem todas as épocas de exames cartas de empenho recomendando a aprovação de alunos (...) há muito que correm boatos de que neste liceu são aprovados estudantes mediante quantias previamente estipuladas. É verdade que deste liceu, como de muitos outros, têm saído rapazes para os cursos superiores muito mal preparados de estudos secundários. Se esta ocorrência resulta da fraqueza dos professores que nem sempre têm animo de resistir aos pedidos que lhes são dirigidos, se da venalidade de alguns mais salientes em apadrinhar determinados alunos, não é fácil de averiguar.

As redes de sociabilidade entre familiares, amigos e conhecidos de várias cidades eram activadas, procurando capturar, nas suas malhas, os examinadores vindos de fora e torná-los receptivos a pedidos de favor quanto a determinados examinandos.

Nas sedes dos liceus, considera-se grande honra receber como hóspede, algum examinador, que venha d’outro estabelecimento científico, na esperança de conseguir algum predomínio sobre ele.

Os examinadores vindos de outras localidades eram, acima de tudo, motivo de desconfiança, quando não de forte animosidade, por parte dos pais. No contexto de uma sindicância a várias irregularidades verificadas no liceu bracarense, o sindicante anexou um pequeno bilhete de um pai que se queixava, apenas, das faltas dadas por um professor de latinidade. No, entanto, o comentário final era muito explícito quanto ao modo como eram vistos os examinadores externos:

O meu filho não tem tido aula de latinidade no padre mestre no liceu há um mês. Agora só falta mandarem examinadores de fora para me reprovarem o filho.

Braga 19 de junho de 1883.

Um pai que chora os 4500 reis que deu para a matrícula.

O cotidiano dos empenhos visto pela Imprensa

A Imprensa dava sempre aos exames, como factos de relevância social que eram, um forte destaque. Ao longo do período em análise, os jornais eram praticamente sempre de cariz eminentemente político e partidário, sendo, geralmente, pertença de influentes, muito particularmente dos dois partidos rotativistas, ou de saudosistas do Miguelismo. Mudando, embora, a sua perspectiva, conforme o Partido que governava, os artigos de opinião que neles surgem e, principalmente, as notícias dos acontecimentos sucedidos nos liceus e alguns artigos satíricos, permitem conhecer e compreender melhor o ambiente quotidiano destes pequenos períodos anuais.

Todos os anos ouvimos queixarem-se os chefes de família, de que os exames estão rigorosos; todos os anos vemos esta cidade transformada em vasto campo de suplicantes, a encherem as algibeiras dos malfadados professores com bilhetes de recomendações: não se dá um passo, não se entra no Passeio, não se toma uma cerveja num botequim, sem que sejamos todos assaltados pelos pais, pelos protetores, pelos tios e pelos irmãos dos estudantes, com estas fatais e invariáveis interrogações:

Quem é um bom empenho para Francês?

Quem tem relação com fuão?

Você não me recomenda com instância este estudante em Matemática, porque os examinadores estão diabólicos?

E este fuão em Latim?

E aquele fuão em Filosofia?

Enfim, é um verdadeiro inferno!

Embora estejamos em presença de uma sátira, este texto de um dos jornais bracarenses mostra, à saciedade, o ambiente habitual nos meios de frequência essencialmente burguesa (o Passeio Público, ou o botequim) durante o período em que sucedia, nos liceus, o processo de avaliação final.

Cada vez que mudava um membro de um determinado júri, visto

que os examinadores iam, em boa parte do período em análise, circulando entre diversos liceus, o novo elemento era visto como alguém que ameaçaria:

Reprovar os alunos, os pais e até a própria policia, que mansa e quieta estaciona aborrecida em frente de cada uma das salas dos exames! (...)

A súbita aparição pois duma cara nova numa mesa qualquer de exames, vale uma perfeita debandada.

Os estudantes fogem; os pais dos ditos ficam embaçados; os padrinhos pintam a manta, e os próprios examinadores em surdo monólogo, coçando a cabeça, dizem lá com os seus botões; ora... bolas .

Credibilização versus intimidação – Os examinadores sob os insultos e a violência estudantil e paterna

N'este liceu [de Braga] e principalmente no de Viana do Castelo, parece que a vontade, os pedidos e até a pressão de indivíduos importantes pela sua influência pessoal ou política pretendiam dominar os júris nos casos de verdadeiro interesse de aprovação. Quando o nível dos exames se eleva a um justo limite é exemplo de odiosas excepções. Manifesta-se a rebelião e a vingança, não tanto da parte dos alunos, mas principalmente dos indivíduos a quem não pode conceder atenuante a verdura dos anos juvenis.

O insulto e a violência física sobre os examinadores, embora não fossem uma constante, tornaram-se bastante frequentes como reacção dos pais e, muito particularmente, dos estudantes, quando a empenhoca não resultava. Logo em 1873 os examinadores foram recebidos hostilmente, apenas franquearam a porta de alguns liceus:

Deram excelente fruto as reformas feitas pelo Sr. Ministro Sampaio. Os examinadores, que têm andado por aí ás carreiras, ganhando uma libra por dia, e distribuindo reprovações por todos os liceus do reino não têm sido muito acatados pela mocidade estudiosa.

Quando chegaram aqui a Braga os sábios escolhidos para fazer exames finais no liceu d'esta cidade e transpuseram as portas do estabelecimento científico foram saudados com uma assuada acompanhada de assobios.

Graças á força pública a ciência ficou imaculada e os lábios assassinos dos Srs. estudantes foram contidos no respeito que todos devem tributar aos homens ... eminentes ... em reprovações.

Actos deste género levaram a que se tornasse habitual a requisição da Polícia e, mesmo do Exército, por parte dos reitores, inspectores, ou autoridades tais como os administradores dos Concelho ou os Governadores Civis. Muitas vezes, a Polícia, principalmente, passou a fazer rondas dentro dos liceus e vigilância fixa às portas das salas de exame.

Um pouco por todo o País, os tumultos sucederam-se, com tentativas de agressão, intervenções policiais e suspensões dos exames, por decisão governamental. Os jornais davam informação constante de alguns destes actos:

Em Viseu houve grande assuada aos lentes que foram fazer exames finais ao liceu daquela cidade, e o resultado foi o governo mandar suspender esses exames. Também no liceu de Viana foram os professores recebidos tumultuariamente. A sufocação do tumulto, que por certo assumiria um carácter grave, deve-se às admoestações dum professor do mesmo liceu e às autoridades administrativas que lá compareceram.

No liceu do Porto estabeleceu-se tal rancor entre os examinandos, que até houve necessidade das atenções da polícia e da guarda municipal e a não ser a protecção da força pública, teriam os senhores examinadores acabado ali, em pleno liceu do Porto, a sua peregrinação na terra.

Os relatórios enviados, pelos coordenadores do processo de exames, à tutela revelam, com detalhe, todo o ambiente de conflito aberto verificado em 1873, mostrando que da parte dos jornais não tinha havido empolamento no relato dos acontecimentos. Assim, por exemplo:

Em Braga tomaram maior vulto as assuadas, porque além dos ditos injuriosos e ameaçadores aos examinadores, fora do Liceu, também se repetiram no dia 28 de Julho dentro da sala dos exames de Desenho, a ponto de obrigar os examinadores a interromper e terminar com o serviço naquele dia. Foi preciso, para acabar por uma vez com estas assuadas, recorrer á força armada, e ter em custódia por algumas horas os principais amotinadores.

(...) os estudantes mostraram-se faltos de educação e de respeito, até mesmo para com os seus próprios mestres.

Estava-se em presença de um contexto de forte pressão e de intimidação, logo no momento da chegada dos membros do júris aos liceus, procurando-se, assim, condicionar as suas futuras decisões sobre os exames, que seriam realizados em seguida.

Os examinadores de Desenho ao entrarem hoje no pátio do liceu desta cidade foram apupados, embrulhados em onda e ameaçados até com insultos corporais (...) O meu colega de Braga participou-me hoje que alguns estudantes estranhos vinham insubordinar os de cá, o que se não averiguou ainda.

Os próprios Governadores Civis, enquanto máximas autoridades distritais, tiveram dificuldades em atalhar o clima de ameaça quase constante, fazendo notar a possível existência de contactos e coordenação de acções entre estudantes de vários liceus. Eram, por vezes, efectuadas cargas policiais sobre os manifestantes e presos alguns deles. No entanto, estas detenções costumavam durar, apenas, algumas horas: “A mesa de Desenho nega-se a funcionar em consequência de insultos de palavras apesar das precauções policiais (...) Foi preso um estudante, evadindo-se outros que saltaram de umas janelas abaixo.”.

As participações das autoridades académicas às civis, relativas a comportamentos transgressores no decurso dos exames, eram usuais. Neste contexto, essas atitudes eram consideradas como conformando um grave desrespeito a uma autoridade – o júri de exames – constituída. Um caso exemplar sucedeu com uma queixa do reitor do liceu de Braga contra três indivíduos, apenas

um dos quais era estudante, por entrarem no local do exame de Filosofia com bengala, o que era proibido e por discutirem com o presidente do júri e insultaram-no. No dizer do reitor:

Neste ato faltou-se á disciplina interior do estabelecimento, ao prestígio da mesa, á dignidade dos professores, tornando-se por isso merecedor de punição para desagravo público. Por isso tenho a honra de participar a V. Exa. para que se digne proceder sobre o assumpto de modo que satisfação possa ser dada à mesa constituída para o exercício de funções que não deviam ser interrompidas impunemente.

O clima conflituoso iniciava-se antes, ou durante, os exames, prosseguindo, após eles, tanto dentro do liceu, quanto no seu exterior. Assim, o ambiente urbano tornava-se também campo de contestação ao examinadores e de provocações, quando não de agressiva confrontação. Citem-se dois casos, de entre um número significativo de outros encontrados. O primeiro verificou-se no liceu e cidade de Viana do Castelo:

O respectivo Reitor mandou abrir auto de investigação por causa de um officio do Doutor Bernardo de Albuquerque, delegado do Presidente da 3ª Circunscrição de exames, o qual recebera pelas 4 horas da tarde de ontem, participando-lhe que se acabaram de praticar neste liceu dois factos de gravidade, sendo um o terem-se atirado duas maçãs para junto da mesa dos examinadores de Filosofia e sendo outro o arremesso duma pedra contra um daqueles examinadores, Pinheiro de Almeida, do cimo do patim parapeitado para as escadas, por onde ia descendo o referido examinador. (...) Para além dos factos referidos se dera também no dia 28 uma espécie de tentativa de tiro à porta do liceu e o de umas batatas atiradas d'uma janela da rua de S. Sebastião, sobre o mesmo professor Pinheiro, isto no fim da tarde de ontem.

O segundo, em plena rua bracarense:

Em um dos últimos dias, dizem-nos, ficaram reprovados quatro alunos do liceu, nos seus exames de Introdução: os rapazes não gostaram da brincadeira; e atribuindo a sua reprovação a motivos menos justos, da parte do respectivo professor, quizeram tirar

desforra indo ameaçá-lo quando ele recolhia a casa!

A participação ao Poder Judicial de actos ainda mais graves – agressões – era a regra. No entanto, não foi possível apurar se vieram a ser motivo de processo e decisão em Tribunal.

Remeto a V. Exa. por cópia a participação, que recebi do professor examinador neste Liceu, na presente época letiva, Dr. Alfredo Filgueiras da Rocha Peixoto, que cobardemente, foi ontem agredido, fora do edificio do Liceu, por motivo de serviço académico pelo estudante (...), morador na rua de Chãos de Baixo, facto de que os polícias em serviço no Liceu deram conhecimento por escrito, ontem mesmo a V. Exa.. Rogo pois a V. Exa. que imediatamente proceda conforme o caso urge, fornecendo ao poder judicial todos os elementos para que prossiga o respectivo processo contra o agressor que levantou a mão contra o mencionado professor queixoso por motivo de serviço escolar.

Um dos inspectores da Circunscrição nortenha, Almeida Garrett, afirma, num relatório, ter sido ameaçado pelo pai de um aluno externo reprovado. Para além disso, em Bragança, “um aluno agredira um lente da Universidade e presidente do júri de Matemática”. Teria sido óbvia a instauração de um processo disciplinar, no entanto, no dizer do inspetor: “Foi riscado este estudante, mas, se não fossem as minhas reiteradas instancias ao Conselho do Liceu, talvez nada se houvera conseguido em prol da disciplina académica.“. Este facto vem provar o peso, que se diria impositivo, dos empenhos dos influentes locais junto de muitos Conselhos Escolares e das suas decisões, que procuravam contrabalançar a importância institucional e a autoridade do inspetor, muito particularmente quando o agredido não era um dos seus mas, antes, um professor universitário vindo de Coimbra.

Um número significativo de pais, não conseguido o desiderato da aprovação dos filhos, passava à prática de actos ameaçadores e insultuosos. Num caso, por exemplo: “Um lente da Universidade (...) foi insultado de palavras “por uma autoridade judicial da cidade, em vingança da reprovação de um filho seu!” , ou outro:

“Um vogal da mesa de Português e Latim, professor do Liceu de Viana, apesar de delicado e benévolo, foi insultado nas ruas da cidade pelos pais de dois examinandos que haviam sido adiados na sua mesa.”.

Algumas considerações finais

O último Director Geral da Instrução Pública da Monarquia e estudante liceal no período em equação, Agostinho de Campos, viria a escrever posteriormente que, então, o Liceu “Longe de ser uma escola, era antes uma espécie de alfândega”. Tal frase mostra uma triste realidade, muito particularmente após 1880, pontuada por sucessivas e desconchavadas Reformas, que pareciam atender, acima de tudo, aos interesses de muitos eleitores que eram pais de estudantes liceais, bem como ao poderoso grupo de pressão formado pelos proprietários dos estabelecimentos de Ensino Particular. Quase tudo era feito para assegurar a rápida passagem dos estudantes pelo Ensino Liceal. Paradoxalmente, no entanto, vários elementos dirigentes da estrutura superior e intermédia da Administração Pública remaram contra a corrente, tentando credibilizar, pelo menos, o processo de exames. Assim procederam, embora, como já foi referido, sempre atentos às reacções do público eleitor, os directores da Instrução Pública, bem como os responsáveis pelas Circunscrições Académicas, especialmente os inspectores. Aproveitando uma legislação que lhes dava o controlo do processo administrativo dos exames, procuraram garantir um grau de exigência que pudesse rebater os habituais efeitos das empenhocas. Para tal, tentaram garantir a formação de júris resistentes a pedidos e pressões e competentes.

É explícito que se encontrava entranhada na burguesia, que era o grupo social dominante entre os frequentadores dos liceus, uma cultura do empenho, do patronato, do facilitismo nos estudos e da obtenção, o mais rápido e fácil possível, do diploma. Claro que este tipo de cultura recusava a exigência, a independência ética dos examinadores e a justiça do processo avaliativo. As redes de influências locais não se abateram face à

alteração processual dos exames. Antes, tentaram adaptar-se à nova situação, procurando dominar os examinadores vindos do exterior, como, anteriormente, estavam habituados a fazer com um número significativo de professores locais, principalmente os que não sendo integrados na carreira docente necessitavam de patronato para manterem o seu contrato anual. Quando tal não resultou, o verniz estalou, surgindo as pressões explícitas de pais e encarregados de educação, quantas vezes plasmadas em artigos pretensamente críticos surgidos na Imprensa, antes do início dos exames, ou, mesmo, no decurso destes. Se, apesar de tudo, a reprovação acontecia a violência verbal, ou física, era uma reacção vulgar de quem considerava normal não a realização de um estudo quotidiano e empenhado, mas, antes, a obtenção de benesses resultantes dos jogos de influência.

Fontes:

Arquivo Nacional da Torre do Tombo:

Arquivo do Ministério do Reino

Maços 3731 a 3794, 3847, 3853, 3855, 3856, 5064 (1 e 2)

Livros 2456 a 2459 e 2530

Arquivo Histórico do Ministério da Educação:

Livros n.º 4 a 7 de Actas do Conselho Superior de Instrução Pública/Junta Consultiva da Instrução Pública.

Arquivo da Escola Secundária Sá de Miranda:

Fundo Liceu de Braga

Livros n.º 2 a 4 do Copiador de Correspondência Expedida

Arquivo da Escola Secundária de Santa Maria Maior:

Fundo Liceu de Viana do Castelo

Livros n.º 2 e 3 do Copiador de Correspondência Expedida

Bibliografia:

Azevedo, Rodrigo (2003). Liceu Sá de Miranda. In António Nóvoa e Ana Teresa Santa-Clara (coord). (2003). *Liceus de Portugal. Histórias, Arquivos, Memórias*. Porto: Edições Asa, pp. 118-141.

Azevedo, Rodrigo (2003). Liceu Gonçalo Velho. In António Nóvoa e Ana Teresa Santa-Clara (coord). (2003). *Liceus de Portugal. Histórias, Arquivos, Memórias*. Porto: Edições Asa, pp. 748-769.

Azevedo, Rodrigo (2004). *O Ensino Lical e Técnico e a Sociedade no Minho (1845-1947)*. Braga: Instituto de Educação da Universidade do Minho, 2 vols.

Azevedo, Rodrigo (2009). Norma, vigilância, indisciplina, violência e sanção no Ensino Lical Português durante a Monarquia Constitucional (1845-1910). In CD Actas do IX Congresso de História de Educação Ibero-Americana. Rio de Janeiro: Sociedade Ibero-Americana de História da Educação.

Azevedo, Rodrigo (2012). Traços sobre quadro negro – o desenho do ensino lical no Minho (1845-1895). In César Augusto Castro, Manuel Luís Vasquez Castellanos e Margarida Louro Felgueiras (org) *Escritos de História da Educação*. São Luís do Maranhão: Café & Lápis, pp. 285-303.

Barroso, João (1995). *Os Liceus – Organização pedagógica e administração (1836-1960)*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian e Junta Nacional de Investigação Científica e Tecnológica, 2 vols.

Benalcanfor, Visconde de (1882). *Apontamentos de um inspector de instrução secundária*. Lisboa: Imprensa Nacional.

Campos, Agostinho de (1922). *Ensaio sobre educação*. Vol. I Educação e Ensino. Lisboa e Paris: Aillaud & Bertrand, 2ª ed.

Machado, Bernardino (1888). *Afirmações Públicas (1882-1886)*. Coimbra: Imprensa da Universidade.

Nóvoa, António e Santa-Clara, Ana Teresa (coord). (2003). *Liceus de Portugal. Histórias, Arquivos, Memórias*. Porto: Edições Asa.

Legislação:

Colecção de Legislação Portuguesa (1845). Lisboa: Imprensa Nacional.

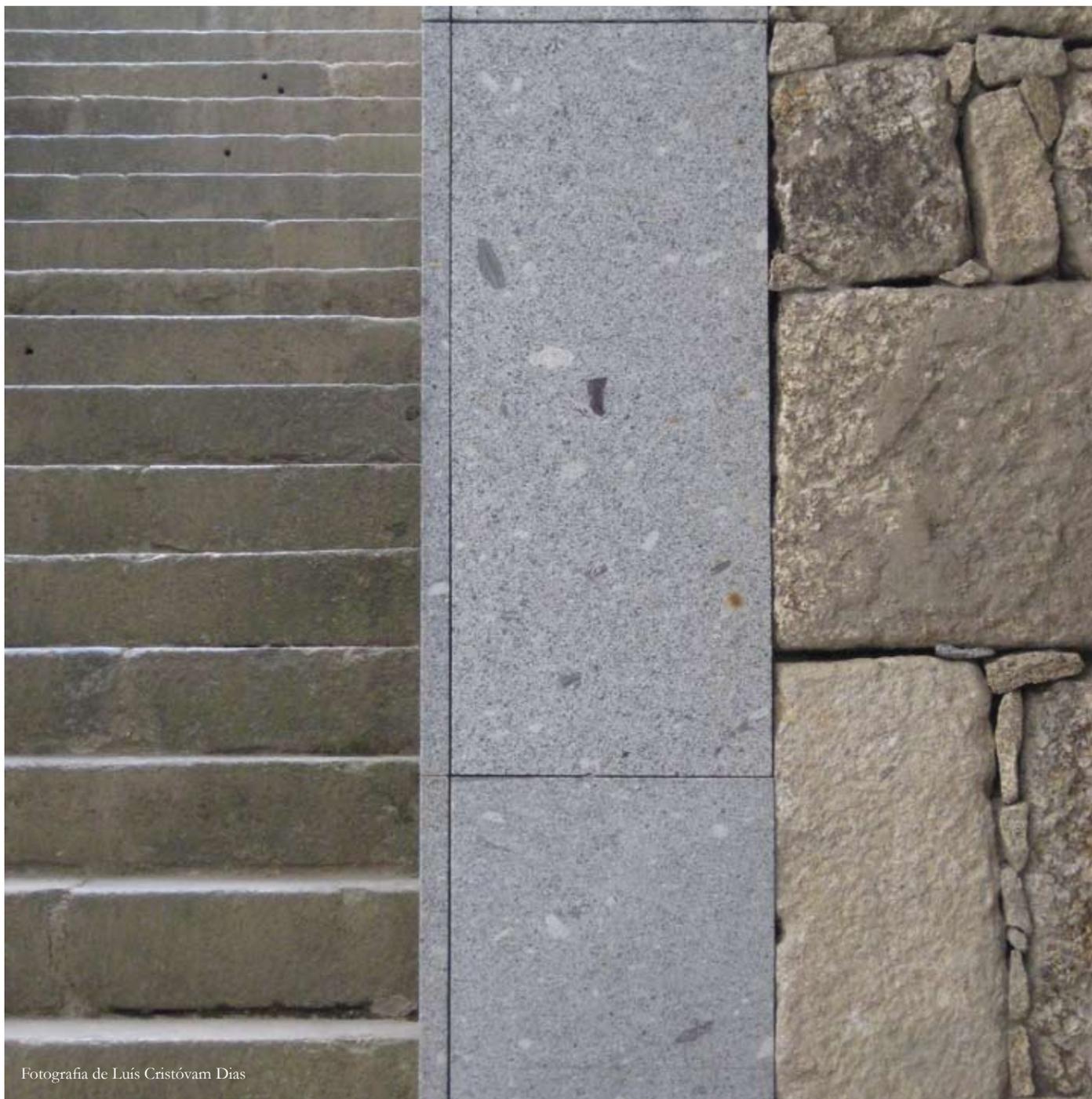
Imprensa de Braga:

O Combate (1894-1895)

O Constituinte (1880-1890)

O Espreitador (1876-1877)

O Palrador (1873)



Fotografia de Luís Cristóvam Dias

Nova Escola para a Velha Educação: Menos Ruído, Mais Sentido

Artur Gonçalves *

Sobre o vento de onde soprar, a toda a hora e em todo o lugar, nos entra pelos ouvidos a palavra educação, ora atribuindo-lhe a responsabilidade por todas as mazelas do cosmos quando ela não existe, ora guindando-a à verdadeira “panaceia universal” que salvará o mundo dos funestos males que o corroem, quando implementada de forma efetiva. Todos, literalmente todos, numa sabedoria de fazer pasmar Minerva, se arrogam em especialistas em educação e, sem qualquer pudor nem decoro, discurrem, postulam e teorizam sobre o magnífico, mas muito rompido, conceito. Todos, literalmente todos, do alto da sua ciência opinativa, outorgada pela universidade do autoconvencimento e cuja classificação é proporcional à sua protuberância umbilical, falam em educação: educação que não existe, educação da educação, educação disto e para aquilo, educação do tudo e do nada! Acerca dela, da velha, cognitiva e valorativa educação, os especialistas da área, no seu atualmente pouco apreciado e até denegrido labor, escreveram e escrevem tratados, investigam, investem a inteligência e discutem a forma de proporcionar uma educação de qualidade que possibilite o desenvolvimento global do sujeito e a evolução da sociedade.

Não pretendendo sistematizar o estado da arte, nem sequer questionando a “erudita sapiência” de todos quantos, num espaço de legítima liberdade, se arvoram em mestres na área, para nós, modestamente, aceita-se como boa a definição de que “o Homem é a educação”, visto ser esta um processo ativo e contínuo de construção humana que interage com a sua própria realidade, tornando-se consequentemente produto e produtora de cultura com fim à individualidade, à cidadania e à consciência crítica em que ele, o Homem, é a História analítica dela, a

* Professor de Educação Especial (coordenador)

educação, em marcha do passado para o futuro e ela, a formação da personalidade dele, Homem, pelo desenvolvimento de todas as suas potencialidades mediante um sistema intencional de meios, processos, ideias e valores.

O conceito atrás apresentado pode entender-se como a confluência de um delta de realidades distintas, mas, para o assunto em apreço, interessa especificamente a Educação Escolar. Da vasta leitura sobre o assunto (Alonso, M.L, 1992; Gonçalves, A. 2004) poderemos considerá-la como aquela que institucionaliza os processos educativos, organiza experiências e atividades específicas “possibilitadoras” do desenvolvimento biopsicossocial e de todas as capacidades do discente.

Assim, sendo ela, a educação, um acto de ordem global, isto é, estando ligada a uma estrutura e organização social, está em permanente correlação com o desenvolvimento dessa sociedade e com a evolução civilizacional. Logo, devem ser tidas em conta acerca do educando: a) Condição biopsicológica; b) Experiências a que foi exposto; b) Experiências a que está exposto; c) Interações realizadas; d) Ambientes de ação; e) Normativos legais; f) Religião e Escola, devendo esta, a escola, atender à contextualização, à individualidade, à inclusão e à diversificação e diferenciação curriculares.

À luz desta definição de educação escolar centralizam-se na escola, enquanto instituição social e educativa, três grandes funções:

- a)-Facilitadora do desenvolvimento pleno e equilibrado de todas as capacidades do indivíduo;
- b)-Facilitadora da assimilação e reconstrução do conhecimento e da cultura;
- c)-Facilitadora da integração social e formação crítica do aluno.

No quadro das funções referidas, e mondando toda a prolixa palavrção esgrimida em gregoriana oratória que a questão em certos meios suscita mas que, para os atores educativos é irrelevante, a verdade é que é exigível uma nova escola para velha educação. Uma entidade que seja vista, que atue, que possa



ser encontrada em todas as partes do círculo da sua influência e potencialize a construção do conhecimento e a formação do cidadão pela experimentação, pela ação direta e pelo contacto com a realidade na qual este se insere e é ator participativo.

Esta nova escola deve construir-se e afirmar-se como comunidade educativa, resultante da vontade e participação de todos os seus intervenientes, defensora de valores e identidades próprios, aberta ao meio, ao multiculturalismo e à diversidade, com projeto educativo alicerçado no “conhecimento”, “valores” e “práticas” (KVP), que articule “o saber sábio”, “o saber selecionado” e o “saber transmitido” em ordem ao “saber necessário”, desfralde a bandeira da autonomia pedagógica, valorize o docente, a formação contínua, o trabalho colaborativo e a coordenação, alicerçados numa autonomia pedagógica e administrativa e numa direção democrática, assumida e eficaz. É pois necessária uma nova escola para a velhinha educação, um novo paradigma onde haja mais sentido e não tanto ruído!

O Narcisismo contemporâneo e o desaparecimento do outro

José Augusto Lopes Ribeiro *

Introdução

O narcisismo exacerbado alastra no imaginário social e cultural da pós-modernidade e impossibilita a manifestação do distinto, não existe lugar para a negatividade e assistimos ao desaparecimento do Outro. Nas sociedades contemporâneas a escalada da tecnologia e da ordem digital ditaram a mecanização e a coisificação, tudo é aplanado para que possa ser convertido em objeto de consumo. A aceleração impõe um ritmo vertiginoso e ao indivíduo atual só interessa a produção, o rendimento e o êxito, desaparece a fronteira entre o Eu e o Outro: “o mundo apresenta-se-lhe como projeção de si mesmo. Não é capaz de conhecer o Outro na sua alteridade e de reconhecê-lo nessa alteridade” (Han, 2014: 11).

Por sua vez, o mundo digital anula a distância entre as pessoas e impede a aproximação, o Outro torna-se incorpóreo e, à semelhança da ninfa Eco, é reduzido a uma voz que se limita a repetir o mesmo. Deste modo, o mito de Narciso revela-se como o verdadeiro paradigma da cultura ocidental pós-moderna. Eco e Narciso configuram um par determinante para a interpretação do imaginário contemporâneo.

Narciso: o individualismo puro

O mito de Narciso foi narrado por Ovídio no Livro Terceiro da sua obra *Metamorfoses*. Segundo a narrativa mítica, Narciso é filho do rio Cefiso e da ninfa Liríope (rio da Beócia), era um jovem belo e desprezava o amor, ignorou muitas das propostas daqueles a quem havia despertado o desejo e rejeitou o amor de Eco que, em consequência, se dissipou e ficou reduzida a uma voz. Deste modo, Narciso sofreu o castigo de Némesis e acabou por definhar junto do lago (espelho) em que admirava

* Professor da Escola Sá de Miranda

a sua própria figura, desde que se apaixonou pela sua imagem refletida nas águas cristalinas. Num dia em que caçava, Narciso parou junto a uma lagoa da floresta para aliviar o calor e a sede. Foi aí, que pela primeira vez, ele se apaixonou e, perdido de amores, ficou extasiado com o seu próprio reflexo: “Sem saber, deseja-se a si próprio, e o elogiado é quem elogia; e ao desejar, é o desejado, e junto incendeia e arde de amor. (...) Oh! Mas ele sou eu! Percebi o meu reflexo já não me engana! É por mim que me abraso de amor! Infiljo e sofro estas chamas! (Ovídio). Esta passagem do poema de Ovídio, revela o momento de autoconhecimento e o amor por si-próprio, o indivíduo obcecado por si mesmo e alheado dos outros. Deste modo, o mito pode dizer muito sobre o homem contemporâneo e ilustra a dimensão da mesmidade, isto é, o seu lado egocêntrico, egoísta e individualista.

Para Lipovetsky, Narciso simboliza a cultura em que vivemos. Trata-se de uma mutação antropológica que instaura um novo estágio do individualismo: “O narcisismo designa a emergência de um perfil inédito do indivíduo nas suas relações consigo próprio e com o seu corpo, com outrem, com o mundo e com o tempo, no momento em que o “capitalismo” autoritário dá a vez a um capitalismo hedonista e permissivo” (1988: 48).

Segundo Lipovetsky, em paralelo com a revolução informática acontece uma revolução interior: “um fascínio sem precedentes pelo autoconhecimento e pela autorrealização” (1988: 48). As paixões do indivíduo são canalizadas no sentido do Eu que se torna a preocupação central e contribui para o aprofundamento a fragmentação social. Neste sentido, alastra a nova ética permissiva e hedonista: “o esforço deixou de estar na moda, o que significa coerção ou disciplina austera é desvalorizado em proveito do culto do desejo e da sua realização imediata” (1988: 54). Assistimos, pois, a uma fragmentação crescente que faz explodir a solidez que restava da sociedade moderna, estimulando a dispersão e a não-diretividade. A subjetivação e a psicologização invadem a sociedade pós-moderna, promovendo o “culto da personalidade”.

Este sujeito revela uma paixão por si mesmo e uma insensibilidade aos papéis sociais. Obcecado pela visibilidade

e com o sacrifício da privacidade, o indivíduo desenvolve um trabalho de construção de si, procura desvendar a sua personalidade e exprimir os seus sentimentos em nome de uma verdade pessoal e quebrando as barreiras sociais que protegem as pessoas umas das outras, garantindo a civilidade. O indivíduo afirma-se pela sua indiferença aos valores sociais e morais tradicionais e só a esfera privada sai vitoriosa das transformações operadas pelos desejos dos indivíduos: “Ter relações inter-individuais sem ligação profunda, não se sentir vulnerável, desenvolver a sua independência afetiva, viver sozinho, tal seria o perfil de Narciso” (1988:72). De acordo com este perfil, que experiencia uma “incapacidade de sentir as coisas e os seres” (1988: 72) e, correlativamente uma “impossibilidade de sentir” (1988: 72), o mito de Narciso aparece, nas palavras de Lipovetsky, como “estratégia do vazio” (1988: 72). Um vazio caracterizado pela superficialidade das relações, pela indiferença face ao outro, pelo “vazio emotivo”.

Narciso e Eco: a eliminação da alteridade

O hiperindividualismo contemporâneo provoca uma regressão progressiva da sociabilidade, reforçada, hoje em dia, pela escalada do digital e pela proliferação do igual, da mesmidade, em detrimento do distinto e do outro. Como explica Byung-Chul Han, os tempos em que existia o outro já se foram: “A interconexão digital total e a comunicação total não facilitam o encontro com os outros. Mas, isso sim, servem para encontrar pessoas iguais e que pensam igual, fazendo-nos passar ao largo perante os desconhecidos e aqueles que são distintos, e encarregam-se que o nosso horizonte de experiências se torne cada vez mais estreito” (Han, 2017: 12)

Neste sentido, a rede digital constitui-se como uma espécie de caixa de ressonância, à semelhança da ninfa Eco, é uma voz que não obtém resposta, apenas repete o igual, eliminando toda a alteridade e todo o estranho. Segundo o mito, a jovem amava o belo Narciso, mas em vão, pois este desprezava o seu amor. Assim, a ninfa teria desaparecido depois de morta e apenas restou a sua voz que repetia as últimas palavras pronunciadas pelo seu interlocutor. Deste modo, o indivíduo contemporâneo apenas absorve aquilo que o mundo reflete de si mesmo, a sua

comunicação é entre iguais, apenas escuta a sua própria voz e não a dos outros. Vive num excesso de hipercomunicação e de informação, numa lógica de positividade que ignora a negatividade do outro: a alteridade torna-se inassimilável. O indivíduo pós-moderno não é, pois, capaz de reconhecer o outro na sua alteridade. Tal como Narciso não consegue ver a ninfa Eco, também o sujeito das sociedades neoliberais é cego na hora de ver o outro. Desaparece, deste modo, a fronteira entre o eu e o outro, a pessoa está afogada em si própria. Assim, a coerção narcisista impossibilita o eros, que na perspectiva freudiana, proporciona a coesão a todo o vivente. Este narcisismo exacerbado fragiliza o indivíduo, desestabiliza e provoca uma crise geral de gratificação: “O alheamento narcisista do homem, a instrumentalização do outro e a competência total destroem o clima de gratificação. Desaparece o olhar que confirma e reconhece” (Han: 2017 42). Instala-se, deste modo, um paradoxo nas sociedades contemporâneas na medida em que, como explica Blackburn, a confiança em si próprio apenas pode ser alimentada pela aprovação dos outros: “precisamos da autêntica voz dos outros, ou porventura do toque deles; não somos autosuficientes e indiferentes ao mundo e suas outras vozes” (Blackburn, 2015:57). A expulsão da negatividade do distinto provoca, na perspectiva de Han, a sensação de vazio e pode levar à depressão. Narciso está cansado de si mesmo, as vozes que escuta são apenas o eco do mesmo e esta é uma carga demasiado pesada: “enclausurado em si mesmo, perde toda a relação com o distinto. Eu posso tocar-me a mim mesmo, mas apenas me sinto a mim mesmo graças ao contacto com o outro. O outro é constitutivo da formação de um eu estável” (Han, 2017: 43).

A hipercomunicação digital provoca ruído e transmite a ilusão da presença do outro. Contudo, as relações são substituídas por conexões e a falta de distância expulsa a proximidade, deste modo, a hipercomunicação destrói o tu e impossibilita a proximidade. O frenesim da aceleração reduz tudo a um nivelamento do igual e desaparecem a estranheza e o mistério. A ordem digital transforma as coisas em mera mercadoria, tudo é coisificado e descorporalizado, de maneira a dissolver a contrariedade e o enfrentamento: “A ordem digital provoca uma crescente descorporalização do mundo. Hoje há cada vez



Caravaggio, *Narciso*, 1596

menos comunicação entre corpos” (2017: 70). O mundo digital anula o contrário e nivela o igual, desaparece o corpo do outro, a alteridade torna-se uma voz do mesmo. Tal como a ninfa Eco, o outro está reduzido a uma voz que faz ecoar o igual, que reforça a mesmidade de Narciso.

A ordem digital propaga uma voz que, verdadeiramente, não vem de fora, não se manifesta como distinta, como desconhecida, como voz do outro. Pelo contrário, atua como ressonância do mesmo, o indivíduo torna-se insensível ao olhar e à voz do outro: “A sobrecarga narcisista que caracteriza o centrar-se sobre si mesmo torna-nos surdos e cegos para o outro. No ruído digital do igual deixamos de perceber a voz do outro” (2017: 84). Os meios digitais são incorpóreos e privam o indivíduo do verdadeiro contato com o outro. No imaginário da pós-modernidade das sociedades individualizadas e neoliberais, o outro é simbolizado pela ninfa Eco, não tem corpo, está reduzido a uma voz e aquilo que diz só conta como repetição do mesmo.

Deste modo, está criado um círculo infernal onde o fascínio por si mesmo do hiperindividualismo é reforçado por um simulacro do outro. Este outro carece de toda a corporeidade, não está próximo de nós e não é diferente ou desconhecido. A verdadeira alteridade é, pois, anulada, cada vez estamos menos disponíveis para escutar vozes diferentes e somos absorvidos pelo ruído do igual, desaparece a voz do outro e a alteridade é anulada: a comunicação atual não tolera dizer tu, chamar o outro. A invocação do outro como tu pressupõe uma “distância original”. Precisamente a comunicação digital tem como objetivo destruir toda a distância” (2017: 104). A finalidade da comunicação digital aspira a eliminar do outro todos os fatores do tu, de maneira a colocá-lo ao mesmo nível que o eu, num processo de nivelamento que torna tudo igual. Mas, o indivíduo está cansado de si mesmo, perde a experiência do outro como enigma e sofre a agonia do eros e, deste modo, mergulha num processo autodestrutivo, a depressão torna-se a patologia da contemporaneidade.

Conclusão

Narciso enamorado por si mesmo e apaixonado pela sua imagem refletida no lago, insensível ao amor pelos outros e entorpecido

pelo fascínio da contemplação da sua beleza. O espelho (imagem refletida) provoca a auto-absorção, a anulação do diverso e o desfecho trágico. Eco, por sua vez, simboliza a impossibilidade de afirmação do Outro na sua verdadeira alteridade, pois está limitada a uma voz que funciona como um reflexo sonoro do mesmo. Deste modo, instala-se a positividade e a mesmidade, a sociedade sofre uma progressiva atomização, torna-se uma sociedade dos indivíduos (Norbert Elias), só conta a afirmação do Eu e não existe lugar para o Outro. Por sua vez a ausência de vínculo com o Outro despoleta uma crise de gratificação, as vivências são uma extensão do Eu no Outro, desaparece a resistência do Outro. Narciso ama-se a si próprio e, portanto, está impedido de obter a verdadeira satisfação, para a qual necessita da alteridade do Outro.

Cabe à educação e à Escola a humanização da vida, através da abertura dos indivíduos à cultura, ao mundo e aos outros. A Escola constitui-se como a salvaguarda do humano, promovendo o descentramento do indivíduo, a rotura com o processo especular e a disponibilidade para o assombro perante o Outro.

Referências Bibliográficas

- BLACKBURN, Simon (2015). *Vaidade e Ganância no Século XXI .Os Usos e Abusos do Amor-Próprio*. Lisboa: Temas e Debates.
- GRIMAL, Pierre (1982). *Dicionário de Mitologia Grega e Romana*. Trad. de Victor Jabouille. Lisboa: Difel, Narciso, pp. 322-323.
- HAN, Byung-Chul (2014). *La Agonia del Eros*. Madrid: Herder. (2017). *La Expulsión de lo Distinto*. Madrid: Herder.
- LIPOVETSKY, Gilles (1988). *A Era do Vazio. Ensaio sobre o individualismo contemporâneo*. Lisboa: Relógio D'Água Editores.

O Tulsi e a Cruz.

Um apontamento fotográfico

Carlos Roncon *

“O tulsi identifica a casa e o culto hindus, a cruz, a casa e o culto católicos.

O tulsi e a cruz intercetam-se sempre em Goa, um facto sugerido, em termos visuais, pela iconografia de divindades hindus e católicas e pela arquitetura civil e religiosa, por todo o Estado.

Apesar das especificidades decorrentes da longa presença colonial portuguesa, Goa é uma parte intrínseca da Índia, onde, como em nenhum outro contexto, duas culturas diferentes e aparentemente incompatíveis se caldearam para tecer uma civilização complexa e única.”¹



* Professor da Escola Sá de Miranda

(1) Ref^a bibliográfica: PEREZ, R.M., 2012, “O Tulsi e a Cruz”, 1^a Ed., Círculo Leitores, Lisboa, contracapa.



Diversidade versus Cidade Diversa

Rui Madeira *

Visto da órbita de um qualquer satélite de comunicações o mundo é uma espécie de almôndega irregular cheia de pequeninos seres estranhos em marcha desordenada para sítio nenhum. Esta forçada transumância global em que as Pessoas são catapultadas para a Fome, a Miséria, o Desespero, a Morte, acontece num mundo pretensamente mais global, mais tecnológico, aparentemente mais igual nas escolhas... já Todos falam inglês, utilizam os meios de comunicação mais sofisticados, as mesmas mochilas nas costas, as mesmas marcas de ténis, partilham os mesmos “gostos” e estão cada vez mais sós, cada dia mais isolados, mais desprotegidos e mais presos. Há um Olho que nos vigia. Há um bastão que nos guia. Há um polícia que nos pede os documentos. Há uma guerra que nos mobiliza. Somos números. Somos escravos. Somos Nada. Vivemos na precariedade e na urgência. Desaprendemos Palavras. E temos medo. Medo de olhar Outro nos olhos. Temos Medo dele e temos medo de Nós. E vergonha de dizer AMO-TE! Escondemo-nos nos perfis das redes sociais, na esperança que nos vejam, não como somos, mas como imaginamos que o Outro gostará de nos ver. Vivemos na Mentira e somos parte da Tragédia. Vive-se em fuga neste século. E os novos holocaustos aí estão. Na hora do jantar, podemos assistir ao que os Putin, os Trump, os Assad e tantos outros, nos escolhem para sobremesa, se não estivermos a googlar no brinquedo do Zuka, (aquele que nos vende os órgãos e os sentidos e sabe tudo de nós). Caminhamos para a Morte no meio de corpos destroços, felizes e convencidos que a guerra é longe e que os Outros são os nossos inimigos. Os que nos vêm roubar a casa, o trabalho, o Lugar.

E, no entanto, a Terra move-se! E nas Cidades, entram e

* Encenador e ator

saem Pessoas Formigas a querer entrar no ritmo, na fila, a ser admitidas no formigueiro, na ânsia dum minúsculo sentimento de pertença. Humanidade é isso. Será que podemos hoje afirmar verdadeiramente que este é o meu País. A minha Cidade. A minha Terra. A minha Casa. Vivemos hoje a possibilidade de fruir o Tempo e o Lugar? E ter tempo e palavras para o Outro? E espaço para Amar? Estão os nossos políticos capacitados para implementarem políticas que coloquem as Pessoas no centro da equação. As Pessoas, na sua diversidade cultural, religiosa, social. Percebendo que a Cidade de Hoje é diversa e que o seu Futuro assentará, fundamentalmente nessa diversidade. E que o crescimento sustentado e a qualidade de vida (social, económica cultural) assentará essencialmente aí.

E na Escola? Como vive a comunidade escolar este fenómeno? E as famílias? E os professores? Estaremos todos, assim tão apetrechados realmente para acrescentar Paz ao sofrimento. Sem subterfúgios. Para valorizar o acto Solidário, naquilo que cada um pode disponibilizar, tendo consciência que esse acto é dinâmico. O prazer da solidariedade experimenta-se na reciprocidade. Não podemos confundir, antes combater, a falsa e moralista ideia, tão arreigada ainda nas consciências, de caridadezinha. Essa aparente ideia cristã é, afinal, a incapacidade de olhar o outro como igual. Um estudo recente diz-nos que cada turma escolar, neste novo paradigma, deveria incluir (é a palavra certa) cerca de 20% de alunos oriundos de outras culturas e realidades. Isso permitirá uma inclusão na diversidade, uma aprendizagem baseada no respeito pela diferença, pela atenção ao Outro e àquilo que ele pode trazer de novo ao debate das ideias, nos processos de aquisição de conhecimento e na qualidade expressiva e argumentativa. O confronto cultural é hoje uma necessidade primária nos nossos jovens. Isso permite-lhes, num tempo preciso do seu crescimento e sem “sair de casa” uma primeira abordagem real ao mundo. Aos diversos mundos. E Todos precisamos de mundo para entrarmos mais seguros na Marcha.



Em Sandra é sempre verão, em Adília ponte

Pedro Guilherme-Moreira *

O escritor chega à Escola Sá de Miranda, em Braga, toma um café e pede uma garrafa de água. Sandra é apenas uma aluna. Não sabe que o escritor é trapalhão e apaixonado, ou melhor, é trapalhão porque é apaixonado. Pelo pequeno detalhe da banalidade e também pelo extraordinário. Que não consegue ter um discurso sistematizado, mas viaja pelo planeta todo, melhor dito, pelos mundos todos, em grandes elipses, apenas para contar uma história simples, que, por causa dessa viagem, nunca é simples.

Sandra não sabe que o escritor nunca receberá um prémio de oratória.

O auditório está agora cheio com as três turmas e os professores e o PowerPoint pronto a arrancar. Mas o escritor não o arranca. Vai-se perdendo a contar porque é que tem por ídolo Jim Carrey, explica que Jim Carrey é um génio vivo e não pode reduzir-se ao Ace Ventura ou à Máscara. Mais tarde o jovem Gustavo, que também é apenas um aluno, mostrará que ser apenas um aluno, hoje, é ser mais do que foram todos os alunos que hoje são crescidos, e fala do documentário sobre as filmagens do Man on the Moon e sobre a forma como o Jim Carrey fica aprisionado dentro do Andy Kaufman que representa ao ponto de se pegar à pancada com outros actores.

O escritor invocará um artigo do El País do último fim-de-semana, para explicar porque é que, do seu ponto de vista, esta é a mais extraordinária geração de sempre: é que 90% de toda a informação alguma vez produzida pela humanidade o foi nos últimos 5 anos. Precisamos mesmo de uma geração extraordinária para nos salvar do que isto pode encerrar. São eles,

* Escritor

os que são apenas alunos, a Sandra e o Guilherme. O Guilherme fala também do JFK e o escritor recomenda-lhe uma série de cujo nome não se lembra. Afinal era fácil: o título da série é a data de morte de JFK no formato americano: 11.22.63. Com o James Franco, sim. Brillante. Por isto mesmo, por este jorro de informação a fluir a cada segundo, a sabedoria já não é o que era ou talvez os sábios tenham de ser outra coisa. Não basta, hoje, o domínio dos clássicos. Na informação que flui vertiginosamente perdem-se muitos génios e muitas coisas geniais. Somos tantos que não nos ouvimos.

Excepto Sandra, e em Sandra é sempre verão. A Sandra ouve, escuta.

O escritor perde-se frequentemente. Não é Alzheimer. Ainda não, pelo menos. Já se disse: é paixão. Um dos alunos vai escrever no livro do escritor que ele se devia lembrar de tomar Memofante, passe-se a publicidade. Se o escritor lhe pudesse responder, dir-lhe-ia que não era essa a questão, mas que, se fosse, o Memofante, passe-se a publicidade, fosse demasiado caro.

O escritor perde-se frequentemente, mas Sandra está lá para o apanhar.

Está atenta e preocupada, mas, pior do que isso, melhor do que isso, melhor do que tudo, atreve-se a oferecer-se como ponte quando o escritor diz que estar ali, perante eles, é o privilégio de uma vida, é intenso e agradável, mas de nada serve se eles não lerem uma só linha, dele ou de outro escritor qualquer.

Diz-lhes que é capaz de recomendar o livro adequado a cada aluno e que raramente se engana, o pateta. Diz-lhes que há sempre um livro que os pode deitar abaixo da cadeira, da cama, do banco, seja lá onde os alunos e os crescidos praticam o desporto social do passa-o-dedo-no-ecrã.

O problema, diz também, é que, depois dos dias de sessões escolares, não há comunicação, não há partilha de identidades, ou seja, não está ninguém do outro lado, ainda que o escritor

esteja sempre ali. Como na história de imaturidade própria que o cómico de stand up Jeff Dye conta no Jimmy Fallon e que todos podem ver aqui.

Depois da melhor conversa da vida dele com uma pessoa muito mais nova, sobre o filme *A Bug's Life* (eu ter-me-ia rido até às lágrimas recordando a cena da mosca a fritar: “a luz, a luz, a luz”), à saída do avião quer trocar contactos, mas não pode. Não pode porque a pessoa muito mais nova não tem telemóvel, email, facebook, instagram, nada.

Então perdem-se para sempre.

Então perdemo-nos para sempre.

É por isso que o momento em que Sandra se oferece para ser a voluntária (e que impedirá que isso aconteça), como já fez a Inês no Bonança, a Viviana, a Ana Rita e a Diana em Oliveira do Douro, a Abigail no Olival, o Tiago em Vilar de Andorinho, a Débora e a Mía em Fornos, as Ineses na Xico, a Catarina Lacerda em Canidelo, a Cathe em Valadares e mais três ou quatro alunos em 117 escolas em 7 anos, não é um momento banal nem o cumprimento de uma obrigação, como a Sandra, humilde, quer fazer crer.

Serão, no máximo, dez alunos em 117 escolas. Portanto, 10 alunos em cerca de 15.000 (quinze mil, sim, a uma média de cem por escola - e muitas vezes são mais e raramente são menos) que viram sessões com o escritor nos últimos 7 anos; 7 anos em que, recorde-se, foi produzida mais de 90% de toda a informação alguma vez produzida pela raça humana.

Dizia Lobo Antunes numa Escritaria, em Penafiel, não faz muito tempo, que a amizade, por ser um tipo de amor, também pode acontecer á primeira vista.

Em Sandra é sempre verão e Sandra é ponte se quiser.

Faz parte, pois, dos extraordinários e nós, os tais crescidos, devemos muito a estas pessoas raras.

Talvez tudo do que andamos para aqui a fazer na literatura - disse

o escritor. Isso não impede que os sentimentos da classe dos súbitos e intensos, como são os de encanto e arrebatamento, tal como essas fundações precoces de amizade entre almas e espíritos livres sem idade, porque não há, propriamente, gerações na essência da arte, de qualquer arte, possam ser minados por impressões, opiniões póstumas, receios, sentido apurado de protecção (recomendo, para relectir sobre as consequências da super-protecção, o episódio 2 da temporada 4 da série Black Mirror, com realização de Jodie Foster, “Arkangel”), e tudo mude num repente. Com efeito, uma nova moral dominante pretende defender-se do excesso de exposição a que se submete com o blackout, com a ausência do mundo, mesmo que não haja perigo, real ou aparente. E aí inibe-se tudo o que de bom dali vinha. E aí tudo se torna negativo. Nega-se tudo o que pode ser bom. Aliás, tudo parece mau. Qualquer experiência é má. E o que é potencialmente mau - nem que seja mau só de vez em quando - é posto atrás de filtros. É aí que aparece a Adília das pontes certas. Jáfumea é um apelido que convoca a ponte que é uma passagem para a outra margem. Mas quando é convocado este conceito complexo, filosófico, da experiência alterada, a experiência que tem tudo de positivo e nada de negativo, mas que, por causa de um anátema, qualquer anátema de qualquer palavra, frase ou pessoa, altera a percepção de tudo, pode ver os seus pilares abalados. É contra esse mundo aparente e volátil que o escritor combate desde sempre. Contra a forma como não queremos saber de nada nem ninguém, e, quando alguém se importa mesmo connosco, tem de ser evitado porque existe a convicção de que não há almoços grátis e ninguém quer pagar preço nenhum, quando a existência já vai tão dolorosa. Adília entende o conceito de pureza. E isso torna-a mais ainda do que a extraordinária Sandra. Torna-a transcendente. Torna-a capaz da lucidez. Torna-a armada singular de si própria e imune às tempestades. E então devemos escutar, em vez de sentenciar ou declarar. Escutar e cultivar as Sandras e as Adílias deste mundo.



Diversidade. Uma experiência externa

Lucíola Mendes *

Ao conceituarmos a palavra diversidade, encontramos como definição as palavras variedade, pluralidade e diferença. E quando conceituamos diversidade cultural, podemos observar os múltiplos elementos que representam as diferentes culturas como os costumes, a religião, a política, enfim.

Para mim, poder experimentar estar imerso em uma nova cultura é fantástico e acabo descobrindo que nem tudo é tão novo assim. Claro, quando falamos em segurança, pude perceber que sim, é possível estar seguro do lado de fora de nossas casas E aí está definida a palavra diferença! E que maravilhosa diferença!

Pensando em pluralidade, deparo com a manifestação da fé e com a língua e esses dois elementos me transportam a um conforto quase materno. A gentileza e a cordialidade, especialmente em Braga, nos fazem sentir em casa.

Já a variedade, indiscutivelmente, mora na gastronomia. Quantos sabores novos! Alguns fantásticos, outros nem tanto, mas, sem sombra de dúvida, a gastronomia portuguesa é ímpar.

Experimentar a diversidade cultural é uma grande oportunidade de crescimento, de troca, de amadurecimento. É a oportunidade de poder entender mais o outro e, sem dúvida, crescer com ele.

Diversidade cultural

Valéria de F. Quinhões *

Poderemos definir a diversidade cultural com conceitos: que são diferentes costumes da sociedade; que engloba o conjunto das culturas que existem; que é reconhecida como a herança comum da humanidade; que preserva, promove e expande a diversidade cultural dos povos e o diálogo intercultural, etc. Mas prefiro defini-la com o Brasil que tem uma pluralidade de culturas que reflete a origem da sua população: indígenas, escravos africanos, imigrantes japoneses, árabes, italianos, portugueses, entre outros. O resultado é um povo alegre, expansivo, cordial, amigável, que vive harmoniosamente com outras culturas e a sua imensa riqueza cultural.

O desenvolvimento tecnológico e meios de transporte mais eficientes facilitaram a globalização em que uma variedade de culturas tão distintas pode viver harmonicamente; mas essas culturas não são imutáveis ou estáticas, elas se modificam e, ao absorvermos culturas diferentes, sofremos aculturação, em que um exerce, de forma mútua, influência sobre o outro. E é através do respeito e dessa tolerância a outros povos e suas crenças, não só da população autóctone, mas também das autoridades, que se dão garantias de preservação às diferentes culturas, protegendo, assim, a cultura mais frágil para que ela não desapareça, a fim de que a diversidade seja mantida. Ah! E como o brasileiro gosta dessa diversidade! Como ele adora o “gringo” e gosta de o imitar, absorvendo sua cultura e seus hábitos!

A miscigenação brasileira é única e tornou o seu povo criativo, cativante, esperançoso e capaz de encontrar formas de driblar suas dificuldades e receber a todos com grande carinho, admiração e sempre solícito a ajudar. O brasileiro gosta mesmo de receber!

* Encarregada de Educação

A culinária, danças e crenças são elementos que integram essa cultura diversa do povo brasileiro de norte a sul do país. O nordeste é representado pela dança, festas e artesanato de rendas. O maracatu, o carnaval, o frevo, a capoeira são manifestações representativas e a culinária típica é o sarapatel, a buchada de bode, peixes, tapioca, etc. No centro oeste, as cavalcadas e a procissão do fogaréu são festas típicas da região. A culinária vem da cultura indígena, mas com forte influência mineira e paulista: galinhada, pequi, peixes do pantanal (pacu, pintado e dourado). No sudeste, as festas com maior visibilidade são a peregrinação a N^a Sr^a da Aparecida e o carnaval. A culinária é diversificada: feijoada, queijo de Minas, tutu, moqueca, pirão, ... O sul apresenta aspetos culturais dos imigrantes portugueses, espanhóis e, principalmente, alemães e italianos. É uma região onde ainda se cultivam as tradições dos antepassados, como a festa da uva (de origem italiana), o oktoberfest (de origem alemã) e o fandango (de origem portuguesa e espanhola).

Aos poucos, aprendemos que não podemos julgar as outras culturas através da nossa própria cultura (etnocentrismo) e que em todo o mundo há e haverá diversidade de hábitos, costumes, comportamentos, crenças, valores, e a aceitação dessas diferenças no outro exige respeito e tolerância ao diferente.

Precisamos de compreender, aceitar e valorizar, de forma genuína, a diversidade.

A globalização dá-nos, a todo o instante, o contacto com culturas variadas e necessitamos ver o diferente com olhos livres da pretensão de que todos devam ser iguais.



Prestar atenção aos alunos, a melhor qualidade de um professor

Margarida Ferreira Escola *

É certo e sabido que aluno algum é uma folha em branco quando chega à escola (tampouco ao nascimento). O “texto” que já trazem escrito é muitas vezes difícil de decifrar, de conhecer e é a partir desse (des)conhecimento que temos que trabalhar.

No dia 16 de fevereiro, os alunos da EB1 de Eira Velha, Adaúfe, tiveram uma professora nova, a Dr^a Sizalda Oliveira, Psicóloga Clínica- ACES Cávado. Aconchegados às suas almofadas, que trouxeram de casa, fizeram atividades e jogos que permitiram observar algumas integrantes da competência social (competência comportamental, cognitiva, emocional). Esta atividade é parte de um conjunto de sessões (com professores e assistentes operacionais, com alunos e, finalmente, com pais e encarregados de educação) subordinadas ao tema: Efeitos da Conjugalidade e Parentalidade na (De)pressão Infanto-Juvenil.

Foi com espanto e tristeza que, ao longo da sessão de formação direcionada para nós (professores), ficamos a conhecer os dados oficiais sobre Depressão Infanto-Juvenil na nossa região. E foi com um grande sentido de responsabilidade que nos inteiramos da importância do diagnóstico precoce e da prevenção para combater esta realidade, principalmente num ciclo de ensino tão basilar como o é o primeiro ciclo.

São muitos os chavões: “mau comportamento”, “hiperactividade”, “dificuldades de aprendizagem”. São ainda muito mais as realidades difíceis dos nossos alunos provenientes de famílias disfuncionais, desestruturadas, em que as crianças sentem a (de)pressão de serem pais dos seus pais e de si próprios.

A música de Kelly Clarkson, *Because of you*, da qual se apresenta um excerto, serviu de mote a esta sessão.

* Professora da EB1 da Eira Velha

I watched you die, I heard you cry
Every night in your sleep
I was so young, you should have known
Better than to lean on me
You never thought of anyone else
You just saw your pain
And now I cry in the middle of the night
For the same damn thing

A diversidade nas escola é tanta quanto o é a diversidade das realidades familiares de cada criança. Temos que trabalhar a (in) diferença, a diversidade e a riqueza de cada aluno. E estar muito atentos!

“Ensinar é um exercício de imortalidade. De alguma forma continuamos a viver naqueles cujos olhos aprenderam a ver o mundo pela magia da nossa palavra. O professor, assim, não morre jamais...”

Camilo Castelo Branco. Uma vida repleta de acontecimentos diversos

Cândida Batista e Eugénia Fernandes *

Camilo Castelo Branco foi um génio da literatura com um percurso de vida *sui generis*.

Casou-se pela 1ª vez, aos 16 anos, com Joaquina Pereira França, a 18 de Agosto de 1841, em Friúme, Ribeira de Pena. “Este casamento foi uma infâmia” (palavras de Camilo a Alberto Pimentel quando este, em 1888, lhe referiu o seu matrimónio com Joaquina).

Teve um romance proibido com Patrícia Emília que redundou na prisão, pela 1ª vez, em 1846, na Cadeia da Relação do Porto. Desta relação nasceu uma filha, Bernardina Amélia, muito jovem foi viver para o Convento de S. Bento de Avé Maria, onde hoje está a estação de S. Bento, aí foi criada pela freira Isabel Cândida, com a qual Camilo mantinha uma relação amorosa.

Passados alguns anos, volta à prisão durante cerca dum ano, de 1 de Outubro de 1860 a 16 de Outubro de 1861, 384 dias de prisão, acusado de se relacionar amorosamente com uma mulher, Ana Plácido, casada com um abastado comerciante portuense, Pinheiro Alves. Camilo conheceu Ana Plácido, “sua mulher fatal”, em 1850, mas iniciam a relação, apenas, em 1856. Camilo Castelo Branco e Ana Plácido saem ilibados por falta de provas de adultério, desta relação tinha, já nascido Manuel Plácido, nascendo, posteriormente, Jorge e Nuno.

D. Pedro V visitou Camilo Castelo Branco duas vezes na prisão.

Casou-se, pela 2ª vez, a 9 de Março de 1888, com Ana Plácido, no nº458, depois com o número 620 e 630, da Rua de Santa Catarina, Porto.

Frequentou a Escola Médico Cirúrgica do Porto, em 1843 e

* Professoras da Escola Sá de Miranda

1844, perdeu o último ano por faltas, inscreveu-se, em 1846, na Academia Politécnica do Porto em Química e Botânica, mas foi como escritor que se notabilizou. Foi o 1º escritor profissional, vivia da sua escrita, escreveu intensamente, cerca de 60.000 páginas, viveu intensamente e, também, amou intensamente. O seu temperamento peculiar, de difícil trato, granjeou-lhe muitas inimizades, algumas levadas ao extremo como é o caso de duelos e escaramuças.

Camilo está sepultado no Cemitério da Lapa no jazigo da família do seu amigo Freitas Fortuna.

Na senda do autor e da obra “Amor de Perdição”, os alunos de 11º ano deslocaram-se ao Porto e a S. Miguel de Seide numa visita de estudo que os levou a conhecer espaços trilhados pelo escritor romântico do final do século XIX.

Chegados à cidade invicta, o grupo de alunos e professores iniciaram o seu percurso literário com a visita à antiga Cadeia da Relação, atual Centro Português de Fotografia, onde Camilo esteve preso. Na cela S. João, quartos de malta, escreveu entre outros títulos, o romance “Amor de Perdição”, em apenas quinze dias. A intensidade da escrita, podemos afirmar, ser equivalente à intensidade do amor sentido por Ana Plácido, também na clausura daquela cadeia, acusada de adultério.

Da janela viram a cidade desde o rio Douro até à Torre dos Clérigos, cenário que fazia companhia ao escritor todos os dias em que esteve cativo por amor.

Já na Praça “Amor de Perdição”, onde existe uma estátua do romancista e de homenagem ao Amor, o percurso continuou passando por espaços por ele frequentados.

Hora de almoço, seguida da viagem até S. Miguel de Seide. Aqui fica a casa habitada por Camilo. O contacto com o ambiente da época em que viveu, com a secretária onde escreveu, com os espaços domésticos e o quintal onde ainda permanece a acácia do seu filho Jorge, fecharam o roteiro que foi do agrado de todos.

A visita realizou-se no dia 2 de março para as turmas 6,8 e 12 e no dia 6 de março para as turmas 7 e 9.



Acreditar é conquistar

Mariana Vilaça *

Oiço por entre ruas e vielas algo que clama por mim. O que será? Será gente, será o coração apaixonado de alguém que não aguenta tanta pressão... sei lá! Tudo pode acontecer neste mundo de sonhos e fantasias.

Corro para alcançar as palavras perdidas nesta grande cidade, e nada encontro,

Será que estou a caminhar para um beco sem saída onde tudo é incompreensão e desespero? Não, não quero acreditar que é falso aquilo em que acreditei e que tudo era ilusão.

Fico exposta aos olhares inquietos e impressionados, pois no meio desta grande cidade, caminhando só e desabafando em lágrimas aquilo que poderia transmitir por sentimentos.

Até que uma voz me chama, e eu imóvel, caminhando na incerteza dos meus passos até um lago, onde alguém me espera.

O seu rosto, sensível, e o seu corpo emanava um calor que sufocava a minha respiração.

Começamos a falar e descobrimos o quão o mundo é insensível aos medos e fraquezas do ser humano.

Afinal, não era falso aquilo em que acreditei, mas simplesmente temos que procurar bem fundo no nosso coração e lá encontraremos toda a força necessária para enfrentar e receber aquilo a que chamamos um passaporte para o futuro.

Diversidade

Diana Machado *

Diversidade: uma simples palavra que nos remete para um conceito complexo de grande importância. Quando refletimos neste assunto, vêm-nos à cabeça uma série de pensamentos como a variedade, pluralidade e diferença de seres vivos, de culturas, de ideais e de formas distintas de pensar adotadas pelas pessoas. Enfim, associamos, de facto, a diversidade a um vasto conjunto de aspetos.

Se o nosso mundo fosse completamente homogeneizado em termos de população, certamente que grande parte da sua riqueza seria perdida, visto que é com as diferentes formas de pensar, de estar, de sentir e de encarar os problemas que os diferentes valores das pessoas vão sendo divulgados e, por conseguinte, somos influenciados por aqueles que se encontram à nossa volta, nomeadamente pelas pessoas mais idosas que decerto cresceram num ambiente bem diferente daquele que, atualmente, se vive no seio de qualquer família ou, num outro nível, por outros indivíduos que se desenvolveram num clima e região distintos dos nossos. Portanto, é através do contacto com estas pessoas que têm hábitos e costumes diferenciados, que nos é dada a possibilidade de vermos o mundo com outros olhos, de apreciar e experimentar aquilo que os outros fazem, comem, vestem ou defendem e nós não.

Se respeitarmos os diferentes pontos de vista de qualquer pessoa e nunca colocarmos em risco a sua dignidade e os princípios que suportam as suas boas ações, com certeza que vamos aprender muito com elas e evoluir, tornando-nos pessoas mais fortes, educadas, delicadas e, sobretudo, mais adultas. Basta prestar atenção àquilo que nos rodeia e estar sempre de espírito aberto para interagir com diferentes pessoas, bem como ter curiosidade para conhecer e explorar novas regiões e diferentes formas de vida!

* Aluna, do 10º 1

Um breve olhar sobre “A Diversidade”

Afonso, Alexandre, Angelina,
Antónia, Benedita, Carolina, Carolina,
Dinis, Diogo, Edgar, Francisca,
Gonçalo, Iara, Inês, João Pedro,
Luana, Lucas, Maria Francisca,
Rodrigo Maia, Rodrigo Afonso,
Rodrigo Fernandes, Salvador, Simão,
Tomás e Vasco.

Educadora: Ana Cristina Alcoforado *

Este ano, o tema da revista é aquele com que nos cruzamos em cada um dos nossos dias, que está em cada estrada que percorremos, ante o nosso olhar atento aos comportamentos de cada um dos pequenos seres com quem nos comprometemos a ajudar a crescer e a enfrentar os desafios. Lato, simultaneamente urgente e sempre pertinente, obrigado a ser visto com retidão, respeito e sentido de igualdade, aquele que nos povoa, a capacidade de sermos verdadeiros mágicos e artistas da arte de ficar atento, o suficiente, a tudo e todos ao nosso redor.

Deverá iniciar em casa a consciência à volta da questão da diversidade, a estrada da luta contra o preconceito, mas é no Jardim de Infância que se dá o inevitável confronto com a pluralidade e a diferença que terão que passar a ser, definitivamente, marcos importantes para o que se segue na vida das crianças que aqui se cruzam. E é assim no nosso Jardim de Infância, espaço para a autêntica aprendizagem do convívio com a diversidade, pela permanente marca que a mesma deixa na vida das crianças e, claro está, na sociedade. Quer queiramos quer não, enquanto educadores, se não formos capazes, sentir-nos-emos, sempre, os responsáveis por permitirmos que a falta de atenção sobre o tema contribua para que no quotidiano de cada uma das nossas crianças, se reproduzam preconceitos e criem estigmas que interfiram no relacionamento interpessoal e no convívio social entre todos. O conforto da homogeneização não é, jamais, o caminho certo e, daí o mais seguro, pois que urge fomentar e apoiar a diversidade com perseverança e de mãos dadas, abrindo as estradas para todas as aventuras de multiplicidade que se nos afiguram pela frente.

* Jardim de Infância de Santa Lucrecia

Eu, educadora de infância deste JI, deixo um testemunho vivo sobre esta questão construtora de identidades conscientes. Tenho tido uma experiência de vida que vocifera aquilo que a Infância multicultural e plural deveria ser, e porque tive o privilégio de nascer em África, edificar amizades que me propus desde logo manter para a vida, orgulhosamente atesto que amigos tive-os, sempre, de diferentes gêneros, credos e cores. E que ensinamento! Grata por isso à vida, pelas partilhas dos lugares e do que neles se libertava, do que deles emanava, dos horizontes multicores e, só por isso, garante da minha construção pessoal que faço por transmitir convictamente.

Aqui, no JI de Sta. Lucrecia, fazemos da diversidade o palco das nossas emoções diárias, as conversas de início de dia, sempre atropeladas pela necessidade que os meninos têm de se fazerem ouvir, acalmam, mais tarde, após percebermos que as ideias que se entrelaçam, ficam confusas e difusas. Delícias de momentos, estes, espelho da pressa em manifestar ideias e opiniões! Depois, mais tranquilamente, as histórias, as que hão-de provocar outras opiniões e outras e mais outras, e mais atropelos também.

Lançam-se genialidades com tantas descobertas que carregam entusiasmo sem fim e muita vontade de saber, conhecer, ver e, principalmente, experienciar. Vida! Vida que permite partilhar gostos, ideias, respeitar opiniões, dar voz ao amigo ainda que a vontade inicial seja a de poder liderar e protagonizar todos e todos os momentos. Olhares constantes pregados dentro e fora do espaço escolar ainda que, lá fora o mundo seja inevitavelmente muito mais apelativo!

Vem aí a primavera, os olhinhos estão sedentos de contactos e explorações, observações, num olhar sempre atento a tanta diversidade! Cá dentro, já pintamos o mundo aos nossos olhos, parece uma paleta de cores...como o sonhamos! Nele, meninos de todos os lugares deste nosso planeta, flores, plantas, árvores, rios transparentes e mares despoluídos...sonhos!

É este o nosso contributo para a revista. Obrigada pela oportunidade de vos fazer chegar o que aqui se vive e, principalmente, o que neste espaço escolar se sente e se aprende.



A crónica de um encontro

Tiago João Loureiro de Faria *

A expectativa era muita! Aproximava-se a data em que os alunos de Espanha, País de Gales, Finlândia, Itália, Reunião e Portugal iriam finalmente encontrar-se. Estávamos em setembro e a preparação deste encontro do Erasmus+ durava há quase um ano. Foram semanas de preparação vividas com ansiedade e com a curiosidade cada vez mais latente há medida que a data do encontro se aproximava. Durante estas semanas que antecediam o grande momento, sentia que o meu corpo era percorrido por um formigueiro, que tanto me agitava, como se uma descarga de adrenalina o atingisse; como ficava dormente, como banhado por águas de um gélido rio. Perguntava-me: “Como serão?”, “Como será o Kenny, o meu hóspede da Ilha da Reunião?”, “Saberei comunicar? São tantas as línguas faladas!”, “Que língua, entre tantas, será entendida por todos?”, “Gostarão de mim? Gostarão das conversas, da escola, da comida, da arquitetura, das paisagens, ... e de Portugal?”.

O grande dia chegou! Apresentou-se solarengo, quente e com uma luz magnífica. Eu e os meus colegas do projeto estávamos, finalmente, reunidos na escola a conviver com aqueles que, iguais a mim, tantas fantasias e dúvidas me tinham criado. Os meus receios espelhavam-se nos rostos daquele grupo de alunos que acabava de chegar. As dúvidas e os receios rapidamente foram trocados pelos sorrisos, linguagem universal; o inglês, nem sempre correto, era reforçado e ajudado pelos gestos, também estes de entendimento universal e, se ficava mais difícil o entendimento, o nosso silêncio, quase sempre curto, também este revestido de um carácter de universalidade, desfazia qualquer embaraço.

* Aluno do 11º 5

Os locais que visitámos foram variados. Em Braga, no Bom Jesus, observei como gostaram das cores e das formas, das árvores e flores, do lago e dos barcos, da alegria e do silêncio introspectivo do santuário e capelas...vi alguns colegas ajoelhados a rezarem. A fé, o agradecimento e os pedidos também nos uniam. No Porto, o tempo passou a “correr”. Quando estamos felizes é o que acontece! Em Guimarães, no berço da nossa nação as nossas conversas estavam consolidadas, os laços criados estavam a originar nós que nos uniam fortemente deixando marcas na nossa existência. Em minha casa, aquele rapaz musculado, loiro e de olhos azuis, que na escola fazia as representantes do género feminino virarem a cabeça, tinha-se transformado num irmão. Recebeu toda a atenção e carinho.

Descobri, eu até já sabia, que a atenção, a disponibilidade para ouvir e sentir, a amizade, estes valores tão diversos, são sentimentos comuns quer aqui neste país da saudade quer nos países destes meus amigos universais.

E os dias passaram...a diversidade uniu as nossas diferenças.



A história “Meninos de todas as cores”

JI de Coucinheiro

Os meninos recontaram a história e disseram:

É bom ser BRANCO porque a neve também é branca e fofinha!

É bom ser PRETO porque é como a noite escura!

É bom ser VERMELHO como a fogueira, as cerejas!

É bom ser AMARELO porque o sol também é, e os girassóis!

É bom ser CASTANHO porque é castanho o tronco das árvores e o chocolate docinho!

Mas o menino Miguel gostava de brincar com todos os meninos porque eram meninos iguais a ele só a COR era diferente!

Por dentro somos todos da mesma cor, concluíram.

**Na diversidade é que está a
riqueza!
Todos alunos, todos diferentes**

EB1 da Presa - Adaúfe



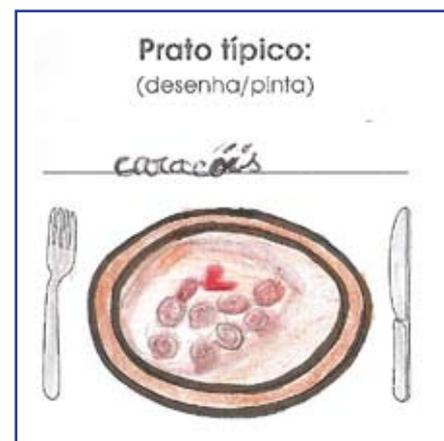
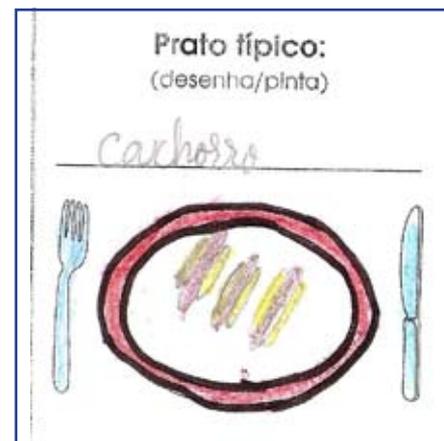
**Somos
Somos tons, somos cores
Somos sons, somos sabores**

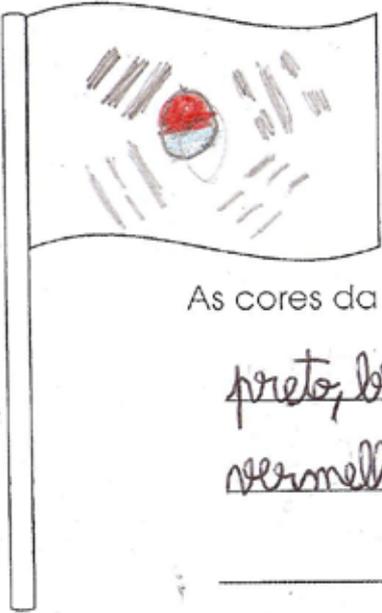
Alunos EB1 – Eira Velha



Bilhete de Identidade

3.º ano de Dume

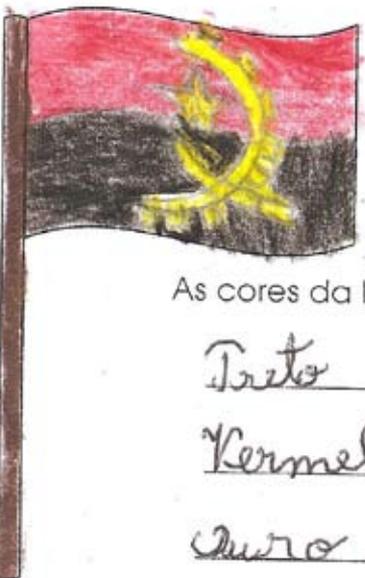




Bandeira
(desenha/pinta)

As cores da bandeira são:

preto, branco, azul,
vermelho



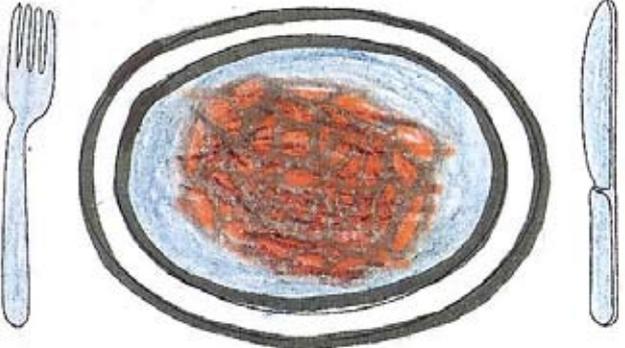
Bandeira
(desenha/pinta)

As cores da bandeira são:

Preto
Vermelho
ouro

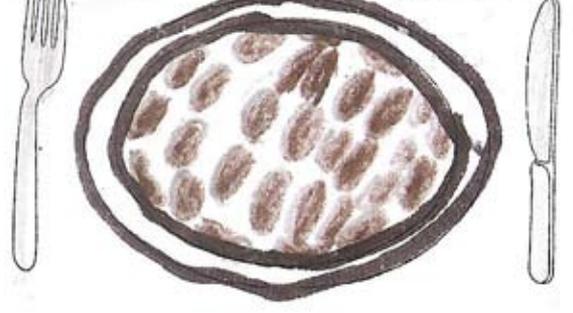
Prato típico:
(desenha/pinta)

kimchi



Prato típico:
(desenha/pinta)

Feijão de óleo de
Palma Dendém



Diversidade

Alunos BCR3

Escola Básica Bracara Augusta

DIVERSIDADE

Um é loiro,

Outro é moreno,

Um é magrinho,

Outro é mais gordinho.

Um é sereno,

Outro é mais animado.

Um é falador,

Outro é mais calado.

Um é vagabundo,

Outro é mais desfachado.

Um gosta do verde,

Outro gosta do encarnado.

Amim somos nós,

A turma BCR3.

Todos num grupo só,

Mas cada um na sua vez!

Margarida



Inês



Cláudia



Matilde



Lúcia



Sara



Francisca



Sílvia



Gonçalo



Maria



Guilherme



Sara



Francisca



Gonçalo



Margarida



Francisca



Gonçalo



Guilherme



Inês



Sílvia



Lúcia



Maria



Margarida



Matilde



Inês



Pedro
Benedictino

— Bracara Augusta
3º ano

Era uma vez...

Teresa Paula Cerqueira *

Um Dia...
Que pelo Sol
Foi acordado...
E encantado
Amanhecia!

Em qualquer sítio
Que estivesse
Via...
O que acontecia:
Janelas abriam,
Sorrisos apareciam,
Lágrimas caíam,
Beijos se davam,
Abraços se esperavam,
Desejos eram pedidos,
Momentos vividos,
Sentimentos esquecidos...
Por outros substituídos!

Assim...
Por horas
E sem demoras
De um lado
Para o outro
Corria
O Dia...
Que já cansado
De tanto ter...
Olhado,
À luz da Lua
Adormecia!
E sonhava...
Com a Noite
Já esperada
Tendo a Paz...
Como companhia!

* Encarregada de educação e ex-aluna

Aceito-me como sou

Alexandre Fernandes *

Todos dizem que sou estranho
Porque sou diferente.
E, fustigado pela chuva fria,
O meu coração mergulha na solidão.

Não, não sou estranho.

Sou diferente, sou único,
Tal como são únicos
Todos os seres humanos
Na sua magnífica diversidade.

Olho-te, Natureza

Olho-te, Natureza,
E, emocionado,
penso:
“Só Deus pode ter-te criado!”

O mundo é muito diverso,
Desde o minúsculo ser unicelular
Ao maior gigante do mar.

E , em cada ser, a oportunidade
de com ele viver,
de com ele aprender
e a Vida não comprometer.

Todos têm o seu lugar,
Neste planeta que é nosso lar;
Ninguém a menos, ninguém a mais
Na engrenagem do universo

* Aluno do 10º 1

Mudar para crescer

Izabela Zan de Sousa Conti *

Minha infância foi marcada
Pelos sabores brasileiros:
O guaraná gelado,
O brigadeiro doce,
O pastel gorduroso,
O picolé refrescante...
E pelos animados convívios:
Na praia com os amigos,
Nas festas de aniversário,
Na sorveteria onde tomava açai,
No carnaval com muita fantasia e boa companhia,
Nos churrascos de família ao domingo.

Que maravilha!
Que saudade do país amado!
Mas... a insegurança,
A incerteza de voltar viva para casa,
A fragilidade do sistema educativo,
a corrupção descarada...

Mudar para Portugal?!
(só sabia que os portugueses adoram bacalhau!)
Por entre as lágrimas dos primeiros dias,
Sentindo um frio bem incomum,
Fui reparando nas roupas estilosas
(impossíveis de usar no calor do Brasil...)
Na quantidade de igrejas,
Nas enormes escolas públicas,
E na segurança reconfortante
Com que agora caminho na rua.
Mas, como foi difícil entender o que os portugueses dizem!
Que sotaque pesado!
Falar rude, “grosso”,
bem diferente da alegre sonoridade brasileira.
Entre os jovens,
Chingar os amigos é habitual,
E parece que ninguém se ofende!

A saudade do Brasil
E do meu passado tão feliz
Andam ao meu lado...
Porém, Portugal me oferece
Oportunidade de crescimento,
Segurança,
Liberdade
E a realização dos meus sonhos.

* Aluno do 10º 1

Múltiplos gostos, múltiplas confissões, múltiplos desejos

10º 1

Confesso, sou...

eu próprio
boa pessoa
impulsivo
preguiçoso
dorminhoca
orgulhosa
alegre
divertido
irritante
exigente
teimosa
impaciente
chata
gulosa
calma
convencido

Adoro...

férias
videojogos
acampar
caminhadas
comer
viajar
dormir,
comer,
ver TV
os meus gatos
gomas
diversão e descanso
cães
conhecer novas culturas
futebol
sair à noite
irritar as pessoas
o nascer do sol na praia

Nada me agrada mais do que...

férias
 não vir à escola
 videojogos
 o sábado e os escuteiros
 divertir as pessoas
 estar com quem gosto
 pizza... “Game of Thrones”
 ser feliz
 estar em casa
 dormir, descansar, relaxar, divertir
 sair de casa
 dormir até tarde
 domingos de manhã
 rir
 passear com o cão

Mas não suporto...

que peguem comigo
 que me irritem
 que me incomodem
 ter que arrumar a casa
 falta de tempo livre
 lamechices
 não sei...
 faltas de respeito
 que não admitam que tenho razão
 que sejam incorretos comigo
 que mexam nas minhas coisas sem pedir
 pessoas egoístas
 apresentações orais
 mentiras e injustiças
 que me acordem cedo
 toque de entrada
 que me prejudiquem no futebol
 injustiça e crueldade

Comovo-me com

animais
 despedidas dos futebolistas dos relvados
 música
 a palavra família
 filmes de cães/animais
 os amigos e a família
 o filme “Cavalo de Guerra”
 pequenos gestos para me agradar
 quase tudo
 com a palavra “desiludiste-me”
 filmes românticos
 palavras doces e maus-tratos a animais
 quase nada
 filmes tristes
 nada de especial
 a tristeza dos outros
 o sorriso da minha melhor amiga
 o toque de saída

Irrito-me com

a confusão
 pessoas chatas
 o despertador
 a escola e pessoas falsas
 quem tem “duas faces”
 quem fala comigo de forma grosseira
 a falta de tempo
 o barulho nas aulas
 a falta de sinceridade
 o meu irmão
 a pressão que exercem sobre mim
 a insensibilidade para com os outros
 barulho, multidões, trânsito
 pessoas influenciáveis
 falta de pontualidade
 falsidade e hipocrisia

E para este mundo

que me acolhe
injusto e conflituoso
confuso
tão injusto
que tem muito que mudar
em guerra
de gente invejosa
cheio de personalidades diferentes
de desigualdades
de mentes fechadas

Desejo (que)...

todos sejam felizes
haja paz
a comida nunca acabe
poder viajar e fazer medicina
a minha mãe faça arroz com atum
ser feliz com quem mais gosto
acabe a violência
chegue o verão
saúde para todos
haja igualdade
sejam felizes
tratamento igualitário para todos
sejam originais e pensem por si próprios
seja sempre verão
a paz mundial
evolução
a escola acabe

E para este mundo
Desejo (que)...

Ser diferente. Ser igual.

7ºano, Turma A *

Diferente na cor. Igual na dor.
Diferente na crença. Igual na tolerância.
Diferente na língua. Igual no trato.
Diferente na cultura. Igual no respeito.
Diferente na origem. Igual no destino.
Diferente na aparência... Mas igual na pessoa.

Viver a diversidade
é viver a liberdade,
a igualdade,
a amizade,
a verdade.

Viver a diferença
é vencer o preconceito
e a indiferença.
É banir o ódio,
o rancor

e o falso pudor.

É sair à rua
De mão dada com a tua.

Fotografia de rinoceronte branco, parte integrante da exposição Photo Ark, de Joel Sartore – Galeria da Biodiversidade, Casa Sophia, Porto.



Tarde demais!

Digna Pinheiro *

Outra sala repleta de fotografias
De animais extintos ou em vias de extinção,
Quase mausoléu onde um réquiem colorido
Celebra a diversidade animal.

Observo-te atentamente:
És corpulento, não alto, mas possante ...
No entanto, algo perturba,
Algo não está bem contigo.

Onde o teu olhar de selvagem que deveria intimidar?
Onde a descontração pachorrenta e feliz dos teus semelhantes?
Onde a confiança na tua pujança?

Ao invés, o teu pescoço descaído,
Os teus olhos tristemente abatidos,
As tuas armas partidas e maltratadas,
A tua submissa rendição...

Quanto desalento! Quanta dor!
Quanta resignação sofrida no teu olhar!
Que te fizeram?
Que combate desigual te derrotou?
Com que direito?
Com que impunidade?

Um dos “gigantes” que ainda subsistem,
Humilhado, derrotado,
Oferece o seu pescoço ao maior algoz de sempre
humano, mas desumanizado
Que somos todos nós:
Uns porque te mataram,
Outros porque não te protegeram.

Não aguentas mais. Desististe.
Dói.

Em baixo da tua foto, lê-se:
“Criticamente em perigo”
Tarde demais!

* Professora da Escola Sá de Miranda

Diversidade

Turma EV2 *

Palavra puxa palavra
Ser humano é ser diferente
Diferente é a cor da pele
Pele branca, negra, amarela ou outras
Outras línguas, costumes e tradições
Tradições que os antepassados nos dão
Dão-nos lições de vida
Vida com todos os seres vivos
Seres vivos da natureza
Natureza é onde vivemos
Vivemos no Planeta azul
Azul que é a cor do mar
Mar que temos que proteger
Proteger o ambiente é protegermo-nos
Protegermo-nos é proteger o Ser humano
Ser humano é ser diferente!

* Escola Básica de Eira Velha

Acrósticos



Diferentes formas de pensar
Igualdade entre todos
Várias espécies plantas...animais
Espantosas culturas e saberes
Respeitar os outros e a sua religião
Sensibilidades e opiniões diversas.
Influência e integração de todos.
Danças e cantares diversificados.
Amigos de todas as raças.
Diferentes culturas... diferentes costumes
Esperança de um mundo melhor!

(EB1 de Coucinheiro)



Diferentes raças,
Ideias diversas,
Variadas comidas.
Educação diferente.
Religões que se respeitam!
Ser cada um como é,
Ideias de nos ajudarmos uns aos outros.
Diferentes cores de pele,
Amar o outro como ele é!
Deixar cada um viver em harmonia,
Entendermo-nos com todas as pessoas.

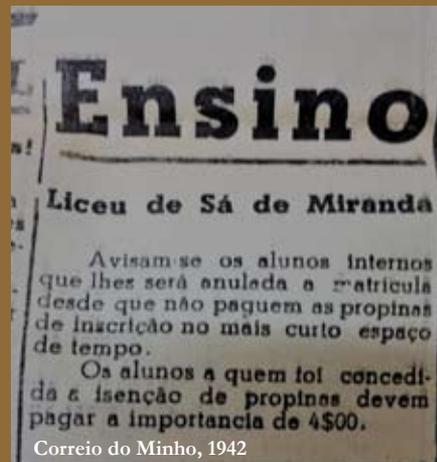
(EB1 da Eira Velha)



Ontem e hoje...

descubra as diferenças

Ivo Faria *



* Aluno do 12º 5